

Mudando sua Escola

Mudando sua

Comunidade

Melhorando o

MUNDO!



SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA  
EM EDUCOMUNICAÇÃO

**Mudando sua Escola,  
Mudando sua Comunidade,  
Melhorando o Mundo!**

Sistematização da Experiência  
em Educomunicação

## **EXPEDIENTE**

**Organizadores** Mário Volpi e Ludmila Palazzo (UNICEF)

### **Textos**

#### **Associação Cidade Escola Aprendiz**

Marina Rosenfeld

**Em parceria com:** Gisella Hiche (Projeto/Revista Viração)

#### **Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP)**

Claudius Ceccon

Gianne Neves

Lorenzo Aldé

#### **Cipó - Comunicação Interativa**

Agnes Bezerra

#### **Comunicação e Cultura**

Daniel Raviolo

Mirleide Figueiredo

#### **Oficina de Imagens**

Carlos Jáuregui

Elizabeth Gomes

Marcos Donizetti

Paula Kimo

Rodrigo Correa

#### **Rede de Comunicação, Educação e Participação (Rede CEP)**

Alexandre Le Voci Sayad

**Colaboração:** Simone Amorim

**Consultoria:** Gabriela Goulart Mora

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Virgínia Soares

**Fotos e Ilustrações:** Associação Cidade Escola Aprendiz; Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP); Cipó - Comunicação Interativa, Comunicação e Cultura e Oficina de Imagens.

**Foto da Capa:** Associação Cidade Escola Aprendiz

Brasília, agosto de 2010.

# SUMÁRIO

- 4** APRESENTAÇÃO
- 6** INTRODUÇÃO  
**O que é Educomunicação?**
- 12** COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO  
**Uma questão de Direito**
- 18** A INICIATIVA  
**Mudando sua Escola,  
mudando sua Comunidade,  
melhorando o Mundo!**
- 60** LIÇÕES APRENDIDAS  
**da Educomunicação**
- 80** DO LOCAL PARA O GLOBAL:  
**O desafio das políticas públicas**
- 84** BIBLIOGRAFIA
- 86** GUIA METODOLÓGICO:  
**Experiências sistematizadas**

# Apresentação

**D**urante muito tempo, a educação formal menosprezou um possível caráter educativo de qualquer forma de comunicação de massa e ignorou o fato de poder trabalhar com ela. Diante do desafio de superar essa visão, é justamente no trabalho com adolescentes e sua relação com a mídia tradicional (chamada mídia de massa) e as novas mídias (como a Internet) que a escola tem uma excelente oportunidade de aproximar-se da realidade de seus educandos, ganhar espaço e importância em suas vidas e tornar-se fundamental no desenvolvimento do senso crítico e da autonomia.

É o que provam as experiências retratadas nesta publicação, cujo objetivo é apresentar a sistematização do projeto *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!*, desenvolvido com adolescentes de escolas públicas em 5 capitais brasileiras: Salvador (BA) Fortaleza (CE), Belo Horizonte (MG), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP). Uma iniciativa apoiada pelo UNICEF, realizada por um conjunto de 6 organizações parceiras: Rede CEP<sup>1</sup>, CIPÓ - Comunicação Interativa, Oficina de Imagens, CECIP<sup>2</sup>, Associação Cidade Escola Aprendiz e Comunicação e Cultura, que completa um ciclo de dois anos em 2010.

Estas experiências propõem uma relação entre educação, adolescência e meios de comunicação que não tange somente a leitura crítica da mídia. Elas trabalham com um processo mais amplo, que promove a participação cidadã dos educandos e o envolvimento da comunidade dentro e fora da escola, além do acesso aos veículos de comunicação e a produção de comunicação autêntica por parte dos estudantes.

A influência das mídias na formação das crianças e adolescentes já era enorme por causa da televisão e aprofundou-se ainda mais nos últimos anos com o desenvolvimento das novas Tecnologias de Comunicação e Informação (principalmente a internet). São elas as portas para que os adolescentes mantenham contato com o mundo e as chaves para a autoaprendizagem e para as experiências comunicativas.

---

<sup>1</sup> A Rede de Comunicação, Educação e Participação - Rede CEP - foi constituída em setembro de 2004 e hoje reúne dez organizações, um centro de pesquisa e dois colaboradores com vasta experiência nas áreas de Comunicação, Educação e Participação (a chamada educomunicação).

<sup>2</sup> CECIP - Centro de Criação de Imagem Popular

A adolescência como uma etapa de transição para a autonomia é um momento de buscas pessoais que podem constituir oportunidades. A metodologia de educação para a comunicação mostra que é possível construir uma educação para valores, centrada no cuidado consigo mesmo e com o outro. Essa construção parte da busca dos adolescentes pela autonomia e do diálogo entre pares como oportunidade.

São esses os itens estruturais dos processos de um novo campo de estudo chamado educomunicação. É nesse conjunto de processos que a educomunicação promove a formação de cidadãos participativos política e socialmente, que interagem na Sociedade da Informação na condição de emissores e não apenas de consumidores de mensagens, garantindo, assim, seu direito à comunicação.

A proposta “educ comunicativa” dos projetos aqui envolvidos está calcada firmemente na “voz dos estudantes”, ou seja, na criação de novos espaços de diálogo horizontais na escola e na comunidade. A construção de autonomia e o estímulo à participação dos estudantes nesses novos espaços constituem também uma trajetória rumo à garantia de direitos. O acesso aos veículos de comunicação, à produção e à veiculação de informações fazem parte dessa garantia.

Para que crianças e adolescentes sejam também atores do seu próprio processo educativo como uma estratégia para reduzir os índices de evasão escolar, o projeto teve o olhar centrado na importância do envolvimento da comunidade dentro e fora da escola.

A intenção é que as experiências, metodologias e conceitos sistematizados por meio desta publicação sirvam para orientar práticas educ comunicativas semelhantes para além dos locais que foram palco desta iniciativa. Por fim, o UNICEF, junto aos parceiros envolvidos no projeto, pretende também agendar o tema da educomunicação na pauta das políticas públicas educacionais.

O QUE É

**Educomunicação?**



## Conceito

A relação entre os campos da educação e da comunicação não é exatamente nova. O educador Paulo Freire considerava, por exemplo, os dois processos semelhantes. Para ele, comunicar era uma atribuição básica do educar. O educar seria, então, uma comunicação específica. Paulo Freire afirmava que o verdadeiro objetivo da educação é “transformar o mundo”. *Aprender a ler* é aprender a *entender* o mundo, isto é, ter acesso aos tesouros de toda a literatura, a todo conhecimento produzido e registrado de forma escrita. E *aprender a escrever* significa *mudar* esse mundo, isto é, imprimir nele sua própria experiência, seu ponto de vista, sua opinião. Uma vez comunicada esta palavra, o mundo já não é mais aquele de alguns instantes atrás: sua ação já agiu sobre ele, já o mudou.

Já a origem do termo “educomunicação” é recente e está ligada a pesquisadores latino-americanos, que designam práticas pedagógicas ligadas à formação dos indivíduos frente à manipulação da mídia de massa. No final dos anos 90, uma pesquisa com especialistas de 12 países da América Latina identificou a educomunicação como um “conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos...”<sup>3</sup>.

Um desses especialistas, Jesús Martín-Barbero<sup>3</sup>, definiu a educomunicação como “um processo educativo que permite aos alunos apropriarem-se criativamente dos meios de comunicação; integrar a voz dos estudantes ao Ecossistema Comunicativo da escola e, em última instância melhorar a gestão do ambiente escolar com a participação dos educandos”.

Segundo um dos principais estudiosos do assunto no Brasil hoje, o professor Ismar de Oliveira Soares, coordenador do Núcleo de Comunicação e Educação (NEC) da Universidade de São Paulo (USP), a educomunicação absorve os fundamentos dos tradicionais campos da educação, da comunicação e de outros campos das ciências sociais.

Historicamente, algumas linhas de estudo dentro da educomunicação têm se destacado. O professor Ismar de Oliveira Soares<sup>4</sup> destaca as seguintes linhas que compõem a educomunicação:

<sup>3</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesus, *La educación desde la comunicación*

<sup>4</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. *Caminhos da Educomunicação na América Latina e Estados Unidos*





## LINHAS DA EDUCOMUNICAÇÃO

**Área da "mediação tecnológica na educação" (*information literacy*):** Área relativa à incidência das inovações tecnológicas no cotidiano das pessoas, assim como o uso de ferramentas da informação nos processos educativos, sejam presenciais ou à distância. A reflexão aqui deve ultrapassar a abordagem instrumentalista do uso das tecnologias, mas considerar as influências sociais e comportamentais das mídias.

**Área da "educação para a comunicação" (*media literacy*):** Também conhecida como educação para os meios. Diz respeito aos "estudos da recepção" e volta-se para as reflexões em torno da relação entre elementos do processo de comunicação (os produtores, processo produtivo e a recepção das mensagens, por exemplo).

**Área da gestão comunicativa:** Trata-se de um campo voltado para o planejamento e para a execução de políticas de comunicação educativa. As práticas da gestão comunicativa buscam convergências de ações sincronizadas em torno de um objetivo: ampliar o coeficiente comunicativo das ações humanas, - como a ampliação dos espaços de expressão.

SOARES, Ismar de Oliveira. Caminhos da Educomunicação na América Latina e Estados Unidos

A educação para mídia ou mídia educação é uma convergência desses conceitos e contempla ações de cunho pedagógico que fornecem ao indivíduo instrumentos voltados ao fortalecimento da capacidade de avaliar criticamente os conteúdos midiáticos. A educação pela e para comunicação como conceito traz alguns princípios semelhantes e também define a possibilidade de trabalho de crianças e jovens nessas duas áreas.

É possível afirmar que a educomunicação não está sozinha nas áreas acadêmica e prática. No Brasil e no mundo, existe uma diversificação constante das ações e conceitos de educação neste campo. Ou seja, a educomunicação não é uma metodologia fechada, mas um conjunto de metodologias que têm como objetivo a independência e autonomia de adolescentes e jovens por meio do acesso ao direito à comunicação. A ideia da educomunicação é, portanto, colocar os meios de informação a serviço dos interesses e necessidades dos educandos, garantindo a todos o direito à livre expressão e o acesso às tecnologias da informação.

## A Prática

No Brasil, historicamente, as práticas de educomunicação estão vinculadas a propostas de comunicação alternativa e popular das décadas de 1950 e 1960 e aos projetos de resistência cultural dos anos 70 e 80. Alguns deles, vinculados a organizações católicas de comunicação e movimentos sindicais. Esses projetos

mantêm-se até hoje articulados e envolvem universidades, centros de educação popular e organizações não-governamentais, buscando referências teóricas e metodológicas comuns.

As organizações não-governamentais têm sido, junto às universidades, atores fundamentais no desenvolvimento da educomunicação, como indicam as experiências descritas nesta publicação. O conhecimento empírico e tácito produzido pelas ONGs têm servido de material para que a academia sistematize o conhecimento e aprofunde o campo de estudo nessa área.

A educomunicação está igualmente preocupada com a prática das pessoas que recebem os conteúdos comunicados, com o que elas serão capazes de fazer com o conhecimento e com as ferramentas de que se apropriaram. A preocupação não é apenas com a informação, mas com o aprendizado, com o aumento de sua capacidade de intervir e de suas habilidades de se comunicar, com o seu processo de tomada de consciência e com os resultados das ações que são realizadas a partir do poder de incidir na realidade para transformá-la. A educomunicação preocupa-se ainda em prover informação com transparência, em qualquer tema que esteja sendo abordado.

O Projeto político da educomunicação é contribuir para que os educandos recuperem sua autonomia em relação à influência da mídia. Essa proposta corresponde a um projeto pedagógico, que é a promoção da criticidade e da participação dos educandos, que por sua vez são resultados da formação de sujeitos pensantes e autônomos.

O projeto pedagógico contribui ainda para construção de uma nova perspectiva de ensino e aprendizagem transformando a escola em um espaço de criação. Ele permite que as disciplinas curriculares ganhem outra dimensão quando abordadas em meio ao desafio da pesquisa, do trabalho coletivo e da produção de peças de comunicação, tão sedutoras na vida das crianças, adolescentes e jovens, Resumindo, a prática pedagógica da educomunicação irá contribuir para:

- a) A construção de uma perspectiva crítica em relação à comunicação de massa;
- b) A construção de processos que resultam na formação cidadã dos educandos;
- c) A construção de processos que promovam espaços de diálogo horizontais e desconstrutores das relações de poder na escola e na comunidade.

### **a) Perspectiva crítica em relação à comunicação de massa:**

À medida que os educandos entendem o processo de produção de comunicação, eles começam a ampliar a visão acerca da comunicação de massa. Por exemplo, quando aprendem a fazer um programa de rádio, os educandos começam a perceber a importância da elaboração dos textos e entrevistas, as especificidades da linguagem para o rádio, a necessidade de uma boa locução, a responsabilidade com a escolha das músicas, etc. Ao aprender a produzir um vídeo, os adolescentes

percebem que a televisão não acontece em um “passe de mágica”, pelo contrário, começam a entender o passo-a-passo da elaboração de roteiro, a produção de entrevistas, a produção dos cenários e figurinos e, por fim, a necessidade de escolha das cenas no processo de edição. Tudo isso está relacionado com o aparato técnico dos produtos de comunicação que, na maioria das vezes, não está disponível ao público consumidor/receptor das mensagens.

### **b) Formação cidadã dos educandos:**

A prática da educomunicação cria uma cultura colaborativa que facilita o processo de participação dos adolescentes na escola e na comunidade, por meio da formação de um grupo integrado de adolescentes e da criação de um espaço legítimo para esta atividade. A participação efetiva e qualificada é um efeito gerado pela formação crítica da educomunicação. O Educando passa a ser um cidadão crítico: que tem capacidade de perceber a realidade social e demandar mudanças nessa realidade.

### **c) Espaços de diálogo na escola e comunidade:**

Para os educadores, é essencial a contribuição dos estudantes na condução do projeto educacional, seja na proposição de temas, na proposição de dinâmicas e brincadeiras, seja na construção de normas e regras coletivas para



Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz

Monitor orienta aluno durante o mutirão de comunicação realizado pela Associação Cidade Escola Aprendiz

funcionamento do espaço educativo. Ao envolver os adolescentes na construção desse projeto, começa-se a construir um espaço de diálogo entre o educador e o educando. Ainda que o lugar do educador seja uma referência essencial, o envolvimento dos educandos no processo possibilitará a desconstrução de relações de poder no espaço educativo.

## CONCEITO E PRÁTICA JUNTOS:

Educomunicação é uma forma de conhecer e compartilhar o conhecimento usando *estratégias e produtos* de comunicação. É interessante notar que a palavra “comunicação” é derivada da palavra latina *communis*, de onde vem o termo *comum* em nosso idioma. *Communis* quer dizer pertencente a todos ou a muitos. Quando alguém se comunica, troca informações, torna determinado saber comum aos outros. Trata-se, desta forma, de um processo educativo por meio da comunicação, ou educomunicação. A educomunicação pressupõe o compartilhamento livre das informações, dentro da ideia de que o conhecimento é para todos. A educomunicação é, portanto, a metodologia escolhida por inúmeras organizações, para transformar a sociedade, divulgar e garantir os direitos humanos. A metodologia pensa e pratica a comunicação comunitária de forma colaborativa. Ou seja, não se trata apenas de desenvolver um jornal ou um programa de rádio, mas de fazer tais ações a partir da mobilização de pessoas da comunidade. Juntas, elas pensarão e desenvolverão produtos. A educomunicação sempre leva em conta o contexto em que ela será usada. É somente a partir de uma pesquisa sobre para quem a comunicação está direcionada, qual é a linguagem e mídia mais adequada que se pode decidir quais serão os produtos gerados: vale boca-a-boca, jornal mural, blogs, rádio — qualquer meio e linguagem que faça sentido naquele lugar para aquelas pessoas.

### **“Por meio da educomunicação aprendemos a:**

- organizar e expressar melhor nossas ideias;
- trabalhar em grupo, porque o produto é resultado de um trabalho coletivo;
- perguntar e ouvir as pessoas;
- pesquisar sobre diversos assuntos, pois precisamos divulgar boas informações para nossos leitores, ouvintes ou espectadores;
- lidar com o poder, porque temos condições de influenciar outras pessoas;
- criticar, porque descobrimos como outras pessoas podem usar a comunicação para nos influenciar;
- trabalhar com tecnologia, que nos ajudam na vida e na profissão que escolhemos”.

(Trecho retirado do fascículo: “Eu comunico, tu comunicas, nós educomunicamos”, do “Guia dos Direitos Sexuais e Reprodutivos”, iniciativa: UNICEF, Viração, Centro Social Nossa Senhora do Bom Parto, em parceria com Segurança Humana)



COMUNICAÇÃO

**& Educação:**  
UMA QUESTÃO DE DIREITO

**A** educomunicação parte de um princípio básico da Comunicação como um direito e como um dos pilares centrais de uma sociedade democrática, onde todas as pessoas devem ter voz e com ela se expressar livremente, inclusive as crianças e os adolescentes.

O direito à comunicação apresenta-se como ferramenta fundamental para conhecimento e promoção dos direitos da criança e do adolescente de uma forma mais ampla e pode ser visto como uma espécie de catalisador no processo de formação cidadã. Na educomunicação, o processo de apropriação do Direito à Comunicação é concomitante ao entendimento dos demais direitos, sendo que esse entendimento passa pela percepção das violações dos direitos básicos no cotidiano dos educandos.

**“a importância transversal da comunicação para o desenvolvimento da humanidade, enquanto um direito humano fundamental - no sentido de básico - por ser pedra de toque de todas as liberdades às quais estão consagradas as Nações Unidas, fator essencial de qualquer esforço sério para fomentar a paz e o progresso no mundo”.**

#### **Assembléia Geral das Nações Unidas ONU (1946)**

uma mesma necessidade, de um mesmo direito: a comunicação. O argumento que justifica a comunicação como direito é o fato de ser uma necessidade básica de todo indivíduo, inclusive de crianças e adolescentes.

O direito à comunicação, em suas diferentes dimensões, tem base legal em uma série de documentos nacionais e internacionais.

Para compreender a relação entre comunicação e direitos, é preciso considerar duas percepções: na primeira, a comunicação é vista como ferramenta e espaço de garantia dos demais direitos; na segunda, a comunicação é ela mesma um direito a ser efetivado.

Na prática, o direito à comunicação e outros direitos são abordados como maneira de fazer com que os estudantes percebam que participam dessa história, ou seja, que têm papel fundamental na manutenção da garantia dos seus direitos e que ao mesmo tempo estão assegurados por lei para exercê-los.

Falar e ser ouvido, acessar e produzir informação (qualificada e ética), relacionar-se individual e coletivamente, expressar publicamente opiniões através de quaisquer meios e participar ativamente do espaço público são dimensões e interfaces de

# O DIREITO À COMUNICAÇÃO NA LEI

## **Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1949**

### **Artigo 19**

Todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.

## **Convenção Americana de Direitos Humanos, 1969**

Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento e de expressão. Este direito inclui a liberdade de procurar, receber e difundir informações e ideias de qualquer natureza, sem considerações de fronteiras, verbalmente ou por escrito, ou em forma impressa ou artística, ou por qualquer meio de sua escolha.

## **Constituição Brasileira de 1988**

### **Artigo 5º**

É livre a expressão de atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença.

### **Artigo 220**

A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

**O Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990**, dispõe sobre o direito à livre expressão da seguinte forma:

**Artigo 16.** O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

**I** - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

**II** - opinião e expressão;

**III** - crença e culto religioso;

**IV** - brincar, praticar esportes e divertir-se;

**V** - participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação;

**VI** - participar da vida política, na forma da lei;

**VII** - buscar refúgio, auxílio e orientação

**A Convenção sobre os Direitos da Criança prevê, em seu Artigo 13, que meninos e meninas também têm direito à comunicação:**

**1.** A criança terá o direito à liberdade de expressão; este direito incluirá liberdade para procurar, receber e partilhar informações e ideias de todos os tipos, independentemente de fronteiras, oralmente, por escrito ou na forma impressa ou de arte, ou através de qualquer outro meio de escolha da criança.

2. O exercício deste direito pode estar sujeito a certas restrições, mas estas devem estar estabelecidas por lei e são necessárias:

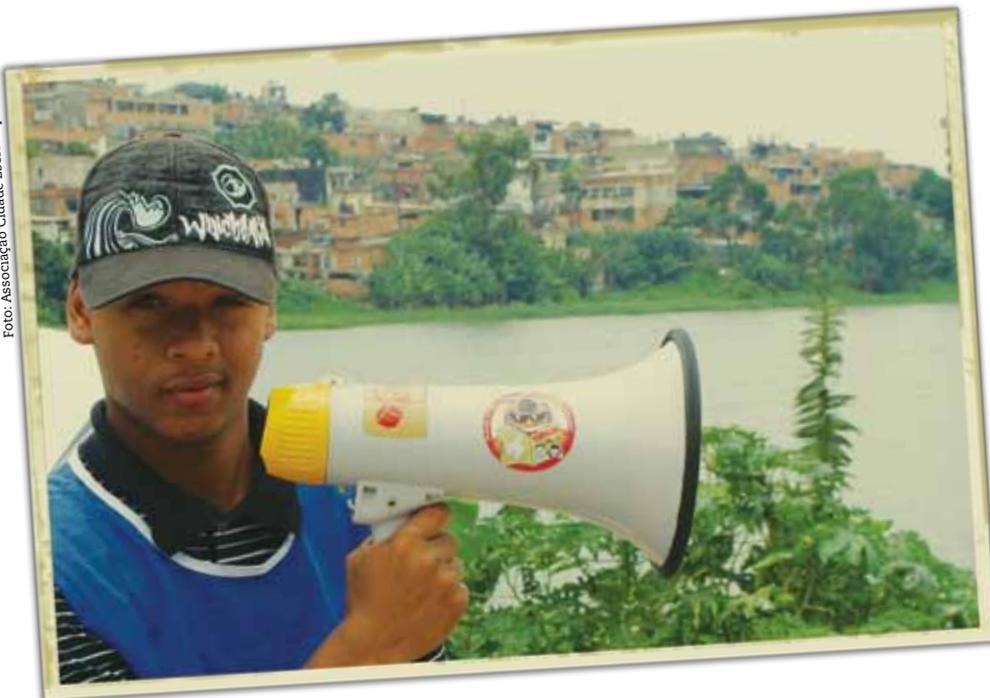
- a) por respeito aos direitos ou reputação de outros ou
- b) para proteger a segurança nacional ou a ordem pública, ou a saúde ou costumes públicos.

## Educomunicação e o Direito à Comunicação

Pensar a dimensão do direito à comunicação na prática da educomunicação é essencialmente perceber a forma como os adolescentes passam a se comunicar na escola, na família e na comunidade, mudando o foco do discurso, conversando de igual para igual com professores e diretores, construindo combinados para o diálogo na escola.

À medida que o adolescente se apropria do direito à livre expressão e opinião, mais se responsabiliza por tê-lo conquistado. Percebe-se, então, um empoderamento dos educandos, a melhoria da fluência comunicativa, a construção de novas redes de comunicação e relacionamento na escola. Em síntese, a comunicação contribui com os processos de participação social e responsabilização dos adolescentes em relação ao coletivo.

Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz



Adolescente durante mutirão de limpeza: educomunicação se transformou em possibilidade de intervir na realidade



Por isso, é essencial trabalhar com os educandos a perspectiva da comunicação como direito e enquanto possibilidade de intervir na realidade. Em outras palavras, abordar o processo de comunicação como algo intencional, direcionado à um público, com claros objetivos de mobilização e mudança social. Acredita-se que essa consciência é construída à medida que os adolescentes se apropriam desse direito, desenvolvem, socializam seus produtos de comunicação e percebem o retorno do público, seja no grupo, na família ou na escola. Ou seja, o exercício do direito à comunicação no âmbito da educomunicação é, na prática, o direito exercido pelos alunos de participar produzindo informações em âmbito local.

Além de contribuir para o processo de aprendizagem do conteúdo formal da escola, a comunicação permite a divulgação de informações sobre os direitos infanto-juvenis no ambiente escolar e estimula a participação de crianças e adolescentes.



Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz

**Mobilização de crianças e adolescentes: mutirão de comunicação realizado em Heliópolis (SP)**

#### **A participação de crianças e adolescentes na comunicação pode acontecer em dois níveis:**

- como fontes em matérias sobre temas que lhe digam respeito, desde que seja respeitada sua condição especial de desenvolvimento, protegendo sua integridade física e psicológica;
- como produtoras de comunicação, através da apropriação, por meninos e meninas, de ferramentas de comunicação.

Ao mesmo tempo, a comunicação em si pode ser utilizada também para a mobilização social pelos direitos da criança e do adolescente de diversas formas e em diferentes lugares por jornalistas, radialistas, lideranças comunitárias, educadores, conselheiros, poder público e diversas instituições.

Para além das escolas, muitas instituições já perceberam a importância de adotar a comunicação como ferramenta de trabalho. Muitos conselhos de direitos, por exemplo, possuem planos de comunicação com ações de disseminação de informações sobre os direitos infanto-juvenis que incluem desde a produção de peças de comunicação até o estreitamento da relação com a mídia. Esse movimento pode ser fortalecido e ampliado para outros atores do Sistema de Garantia de Direitos, entendendo que a comunicação precisa ser incorporada como instrumento e espaço de garantia de direitos.

A comunidade fora da escola também é um espaço privilegiado para se fazer comunicação pelos direitos. Associações de moradores ou de outros grupos comunitários ou adolescentes que têm interesse em exercer sua liberdade de expressão podem se mobilizar. Por estar alinhada com a dinâmica da comunidade, a comunicação comunitária possui grande potencial para sensibilizar, informar e mobilizar os moradores em torno da garantia dos direitos de crianças e adolescentes.

Portanto, a comunicação deve ser vista como uma questão de direito em si e também como um importante instrumento de mobilização pelos direitos que, do ponto de vista da educação, passa a ser complementar ao processo de formação cidadã dos educandos.

Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz



**Navegantes da  
Notícia: comunicação  
comunitária sensibilizou  
a comunidade**

# A Iniciativa

**Mudando sua Escola,  
Mudando sua Comunidade,  
Melhorando o Mundo!**

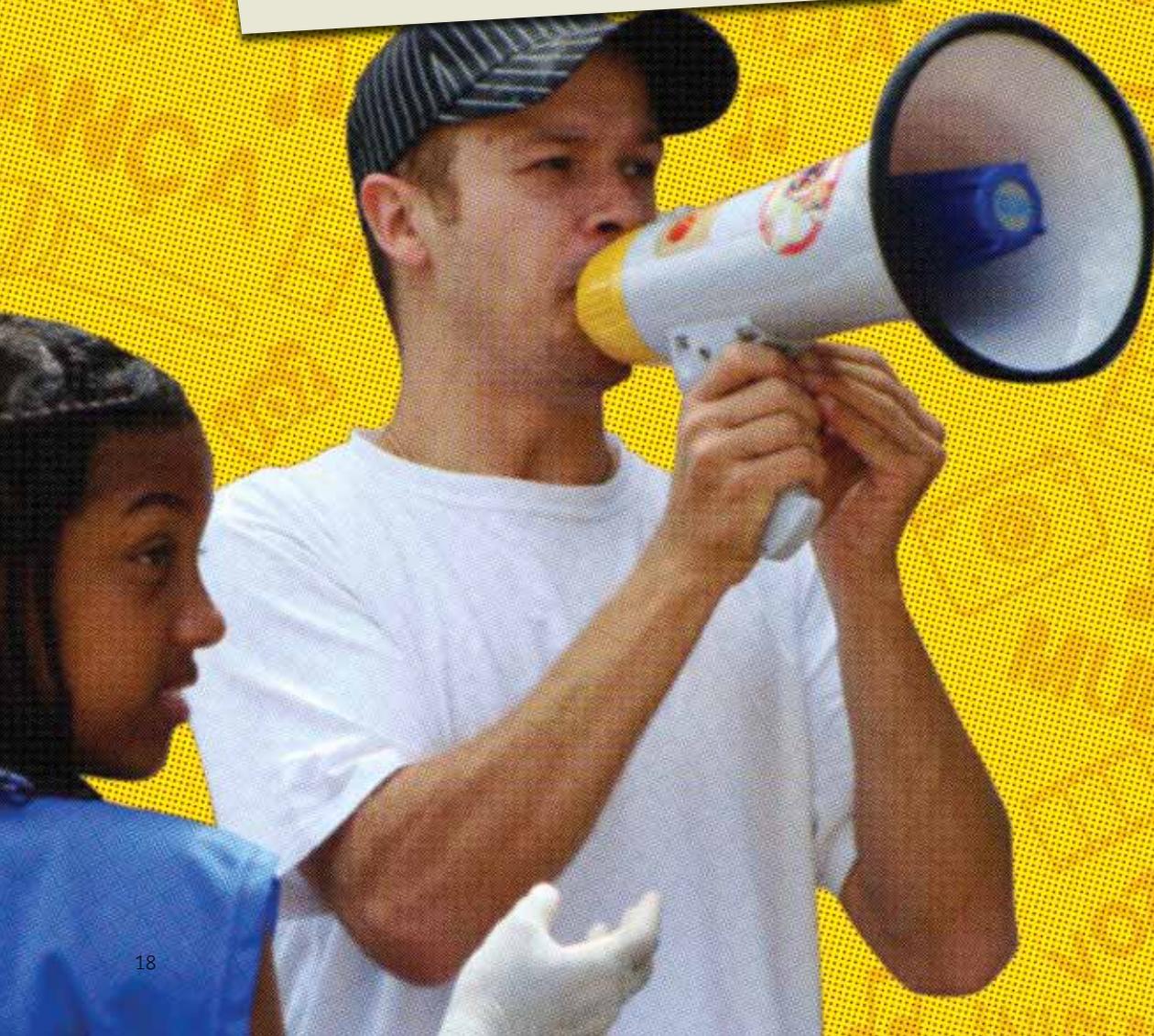


Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz

**D**a urgência de avaliar e trocar experiências entre organizações que envolvem crianças e adolescentes no uso de tecnologias para produção de mídia, surge no Brasil, em 2004, a Rede de Experiências em Comunicação, Educação e Participação - Rede CEP. Para as organizações da Rede, a melhor forma de educar crianças e adolescentes é possibilitar que entendam como funcionam os sistemas de informação.

Além da construção de uma visão comum da educomunicação, criada no âmbito da Rede CEP, que congrega também as organizações envolvidas na iniciativa aqui sistematizada, cada uma delas construiu, ao longo dos anos, uma visão singular sobre a educomunicação, com base nas suas práticas e percursos pedagógicos.

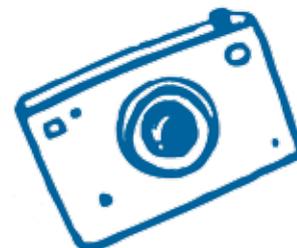
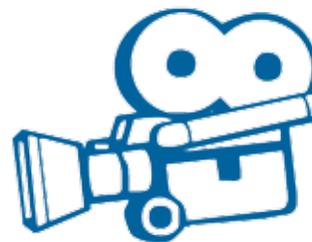
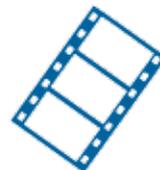
Fundamentadas na ideia de fazer educação pela comunicação, usando a mídia com muita participação, a Associação Cidade Escola Aprendiz, o CECIP, a Oficina de Imagens, o Comunicação e Cultura e a Cipó – Comunicação Interativa se uniram para desenvolver o projeto *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!*, que teve como proposta integrar o educador e o educando no desenvolvimento de produtos de comunicação.

Esta iniciativa teve, ao longo de dois anos, a parceria institucional do UNICEF e apoio financeiro da empresa de telecomunicações britânica *British Telecom* para que a comunicação fosse utilizada como instrumento capaz de articular educadores, educandos e seus saberes para construir, assim, uma rede formada por atores sociais comunitários.

Sob a perspectiva de que a comunicação comunitária é capaz de conectar indivíduos e instituições, estimulando o espírito de pertencimento e de responsabilidade mútua em relação a um determinado território, as organizações desenvolveram um projeto que visava constituir pontos de comunicação comunitária, cujo foco principal seria a garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes.

A proposta era que todo e qualquer indivíduo pudesse produzir informações de interesse local e que conforme as pessoas fossem se apropriando desse grande veículo comunitário, elas pudessem estabelecer uma rede de comunicação local.

Com a certeza de que esse é um processo complexo, de longo prazo e que no máximo seria possível deixar uma semente nos lugares onde o projeto fosse realizado, foram selecionadas escolas localizadas nas periferias das capitais São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador e Fortaleza que aceitassem participar dessa experiência e pudessem servir de ponto de irradiação para suas comunidades.



As organizações parceiras desenvolveram suas próprias metodologias e práticas para mobilizar as comunidades, trabalhar conteúdos e preparar alunos para serem *educadores*, ou seja, produzirem peças de comunicação como ferramentas de educação pelos direitos.

Foi premissa do projeto o envolvimento de toda a comunidade escolar (professores, gestores, alunos, pais, funcionários) durante todo o processo de formação. A comunidade escolar é composta por pessoas distintas e a experiência demonstrou que aproveitar essa diversidade aumentou as possibilidades de sucesso.

A metodologia utilizada promoveu a interatividade entre os membros da comunidade escolar. Educadores e educandos trabalharam juntos na elaboração de peças de comunicação que geraram mobilização social, aumentando, assim, o impacto e alcance das ações. Constatou-se que o projeto só aconteceu de forma eficaz onde houve envolvimento e apropriação do projeto pela comunidade escolar.

O primeiro passo para a implantação do projeto na escola foi, portanto, vencer possíveis resistências e convocar a comunidade escolar para participar do processo, possibilitando, assim, a conquista de parceiros. Na escola, o grande desafio foi adequar ações à realidade e perfil desse ambiente.

Um dos pontos fortes do projeto foi a melhoria da leitura e da escrita, uma vez que a produção midiática coletiva envolve a oralidade, a pesquisa e a redação. Outro destaque foi o empoderamento e a capacidade crítica que os alunos adquiriram, passando a ser mais proativos, participativos e avaliadores do espaço escolar.

A seguir, serão apresentadas as diferentes formas de fazer educação desenvolvidas por cada uma das organizações do projeto *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!*

Assim como todas as tecnologias sociais desenvolvidas, é importante ressaltar que o projeto aqui descrito, com todos os seus elementos, é apenas uma base para sua disseminação em outras comunidades. Cada proposta deve ser pensada de acordo com as especificidades e demandas locais. Outra vez, mais do que as especificidades, a disponibilidade da escola e da comunidade no desenvolvimento de uma ação como essa é fundamental para que ela efetivamente aconteça.

O objetivo desta compilação é, mais do que relatar o que aconteceu nas escolas e comunidades participantes, propor parâmetros de ação, com os aprendizados já incorporados, para que outras instituições, escolas e interessados possam desenvolver metodologias que de fato ativem núcleos sociais em torno dos direitos das crianças e adolescentes por meio da educação.

\* \* \* \* \*

# Associação Cidade Escola Aprendiz São Paulo

**Organização parceira:** Projeto/Revista Viração/São Paulo

## Contexto

Em São Paulo, o projeto *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!* teve início na mesma época que começava o trabalho da *Plataforma dos Centros Urbanos* do UNICEF, que visa a formação de grupos articuladores locais com a presença de adolescentes que se organizam em busca de melhorias na comunidade, em especial aquelas que afetam crianças e adolescentes. Os adolescentes da Plataforma são formados pela ONG Viração para serem educadores. As comunidades do Cantinho do Céu, no Grajaú, e Heliópolis, que já integravam a Plataforma dos Centros Urbanos, eram então grandes candidatas a receber a ideia do projeto que ainda tomava corpo.

O potencial de articulação comunitária e o interesse da própria comunidade em se unir para elaborar um projeto comum para o seu território foram critérios para a escolha das escolas nessas comunidades. Foi acreditando na proposta das duas organizações (Aprendiz e Viração) e nos seus desejos de articulação local que a Escola Estadual Campos Salles, em Heliópolis, e o Centro Educacional Unificado (CEU) Navegantes, no Grajaú - onde além da escola, funcionam inúmeras outras atividades educacionais e culturais abertas à comunidade - concordaram em fazer parte do projeto.

O passo seguinte foi trocar ideias e reflexões sobre as experiências de educação desenvolvidas ao longo de anos pelas duas organizações. Por mais que o foco do projeto fosse a comunicação comunitária, era preciso trabalhar a partir de uma metodologia. Tanto o Aprendiz, quanto a Viração, há anos já demonstravam necessidade de experimentar a metodologia da educação - na qual a educação se dá por meio da comunicação - em projetos que implicavam um processo de desenvolvimento comunitário e que pudessem ser replicados para outros territórios.

O projeto começou, então, a ser desenhado juntamente com a diretoria e a coordenação das escolas. Entre os pontos definidos estava a formação em comunicação, duas vezes por semana, de uma turma de 30 adolescentes em cada escola. O trabalho incluiu alunos de 5ª à 7ª série do Ensino Fundamental, como estratégia para fortalecer a relação desses adolescentes com o território em que vivem. Mediados por instrumentos de comunicação, esses adolescentes deviam aprender a operar em benefício de propósitos comuns. Definidos coletivamente, os dois grupos tinham a função de atuar como mobilizadores e multiplicadores de

valores democráticos e de cidadania, e articuladores de ações comunitárias dentro e fora do ambiente escolar.

A falta de entendimento da proposta pela comunidade escolar, a falta de espaço para as formações e o não envolvimento de educandos e educadores por completo com o projeto fizeram com que em pouco tempo as oficinas de comunicação na Escola Municipal Campos Salles se transformassem em meras oficinas pontuais sobre mídias. Sair da escola em Heliópolis e apostar numa outra comunidade foi a maneira encontrada para garantir que o projeto seguisse seu objetivo até o fim.

No final de 2009, começou a busca por uma outra comunidade que aceitasse a ideia. Foi quando a Escola Estadual Canuto do Val, na Barra Funda - que já tinha em seu histórico uma relação de articulação com a comunidade local e também faz parte da Plataforma dos Centros Urbanos - convocou a comunidade escolar em torno do desafio. Naquela época, faltavam apenas seis meses para o término do projeto, o que fez com que a proposta fosse remodelada, mas não perdesse o foco. Seguindo o princípio de parceria que o projeto pressupõe, ficou acordado que Aprendiz e Viração dariam início à produção de Jornais Murais juntamente a 30 adolescentes da escola para trabalhar temáticas locais. Após seis meses, os estudantes continuariam seus trabalhos com um outro grupo que integra um núcleo de comunicação local na Barra Funda, também articulado à Associação Cidade Escola Aprendiz.

Por esse motivo, privilegia-se aqui a apresentação das metodologias de educomunicação que funcionaram principalmente no reforço ou criação do diálogo dos estudantes e espaço educativo com a comunidade do Grajaú, onde a experiência, além de ter atingido os objetivos propostos, enraizou a proposta com maior sucesso.

O trabalho com educomunicação em um Centro Educacional Unificado na periferia de São Paulo, em uma área de mananciais distante uma hora e meia do centro da cidade, fornece, ao final do processo, a percepção de que a construção de ação política para a democracia direta e transformação socioambiental requer um aprendizado; um tipo de compartilhamento de conhecimentos que também deve privilegiar a democracia no seu processo.

A oportunidade de participação política na cidade de São Paulo não é igual para todos. No caso de crianças e adolescentes, tal participação quase nunca é considerada.

## Proposta

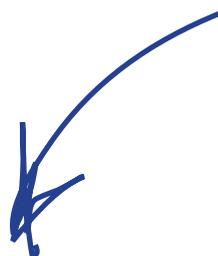
A formação dos adolescentes foi bastante ampla e aprofundou temas, ferramentas de comunicação, desenvolvimento de habilidades de relacionamento em grupo e capacidade de organizar e gerir etapas de um projeto. A coordenação pedagógica

optou por desenvolver pequenas peças de educomunicação durante os encontros de formação, que depois eram formatados em peças educacionais mais elaboradas.

O interessante de trabalhar desta forma é possibilitar um grande acervo de conteúdo que pode ganhar diversos formatos e alimentar mídias diversas. Por exemplo, uma entrevista pode alimentar um jornalzinho, um jornal mural, algumas declarações podem ser aproveitadas em um fanzine e assim por diante.



Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz



Atividade realizada  
no Mutirão de  
Comunicação na  
Barra Funda (SP)

#### **As pequenas peças de comunicação foram:**

- entrevistas realizadas pelos adolescentes para conhecer e aprofundar algum tema;
- textos feitos a partir de disparadores de reflexão como vídeo, dinâmicas, brincadeiras e debates em roda;
- fotos, desenhos e colagens

Em algumas atividades, os adolescentes puderam se expressar com mídias variadas. Em alguns casos, os adolescentes produziram conteúdo específico para um meio. O caso mais específico foram vinhetas gravadas para o mapeamento e mutirão (metodologias descritas no item a seguir).

Vale ressaltar que os produtos de comunicação sempre foram trabalhados como estratégia para alcançar os objetivos maiores do projeto. A educomunicação foi com certeza uma ferramenta de extrema importância no processo de mobilização da escola e da comunidade.



## Resultados e produtos

O projeto *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!*, possibilitou que as instituições Associação Cidade Escola Aprendiz e Projeto/Revista Viração aprofundassem um campo bastante potente para a educomunicação. Tratou-se justamente de seu uso para formar adolescentes como comunicadores comunitários, promovendo o conhecimento desses jovens sobre a importância de ser agente em atividades de desenvolvimento local, construídas também a partir da voz de crianças e adolescentes e a possibilidade de atuar em redes locais, com lideranças comunitárias e as mais diversas instituições.

Pode se afirmar que os resultados descritos a seguir foram certamente atingidos por meio da educomunicação:

- Os jovens compreenderam e se utilizaram cotidianamente da educomunicação a fim de enraizar em suas comunidades e escola a comunicação democrática e transformadora da realidade social, envolvendo cada vez mais pessoas na produção das informações;
- Os adolescentes foram capacitados em direitos humanos e, após uma campanha, souberam como mobilizar seu grupo, bairro e outros veículos de comunicação em campanhas pela melhoria do entorno;



Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz

Os adolescentes desenvolveram um texto especialmente para ser veiculado no carro de som da comunidade.

- O núcleo de comunicação *Navegantes da Notícia*, formado pelos adolescentes, se organizou para multiplicar os conteúdos recebidos para outros adolescentes, funcionários e professores da escola;

- O bairro onde o projeto aconteceu passa a integrar o centro educacional (a escola) à comunidade de forma cada vez mais orgânica e em sintonia com as necessidades de seus moradores;

- A vontade de dar continuidade ao projeto foi tão grande que alguns dos adolescentes do núcleo de comunicação constituído durante a ação se inscreveram e foram selecionados para participar do Projeto Aprendiz Comgás, que oferece uma formação para grupo de jovens que queiram desenvolver projetos sociais comunitários. Entre 62 projetos de jovens inscritos, o grupo de quatro jovens do *Navegantes da Notícia*, com foco na comunicação, foi selecionado juntamente com mais oito propostas da cidade de São Paulo.

A seguir, estão descritos exemplos de ações de mobilização e produtos que foram desenvolvidos pelos adolescentes no âmbito do projeto:

- Mapeamento e diagnóstico;
- Mutirão;
- Campanha.

## Mapeamento

O mapeamento foi realizado entre os meses de fevereiro e abril de 2009, na Comunidade Cantinho do Céu no Grajaú/São Paulo, como estratégia de reconhecimento e diagnóstico dos potenciais comunicativos da região. O mapeamento foi dividido em três etapas: planejamento, execução e encerramento. Participaram de todo o processo os adolescentes, moradores da comunidade, educadores e líderes comunitários.

A metodologia serviu simultaneamente para mapear ativos de comunicação na comunidade e gerar mobilização, alianças entre os participantes e inúmeros produtos de comunicação. Foi a partir dessa ação que se pôde contar com um coletivo sempre muito disponível para outras ações comunitárias. Foi muito importante que a metodologia não chegasse pronta. A comunidade como um todo pôde acrescentar outros objetivos e propor etapas, formas de solucionar demandas e envolver outras pessoas.

O mapeamento forneceu ao coletivo uma análise das principais formas de circulação de informações na comunidade e criou uma rede de pessoas que podem atuar como parceiras do projeto e difusoras de informação. Além disso, a análise permitiu que os adolescentes conhecessem melhor diversos



aspectos do lugar onde vivem, identificando problemas e mobilizando-se para buscar soluções.

**Mapeamento realizado na região do Grajaú (SP)**

Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz



O mapeamento dos ativos de comunicação teve como mote a frase “Aqui nós cuidamos de nossas crianças e adolescentes”. A ideia foi conhecer pessoas e instituições-chave (ativos de comunicação) do território, a fim de que eles compusessem o que foi denominado “rede de direitos”.

## Mutirão

O mutirão de limpeza de parte da margem da represa Bilings foi realizado no 2º semestre de 2009 e foi um dos desdobramentos do mapeamento. A partir da avaliação e discussão dos resultados do mapeamento, os adolescentes quiseram dar continuidade às suas tarefas de comunicação comunitária. O primeiro passo foi devolver às pessoas e pontos mapeados um jornalzinho relatando a experiência com muitas fotos. Depois, os envolvidos na ação avaliaram que as questões de saneamento básico e sujeira na comunidade foram as que causaram maior incômodo. O trabalho foi, então, pensar em alternativas que tivessem como finalidade comunicar e alertar a população sobre as consequências, apontando possíveis soluções. Foi importante esclarecer ao grupo que eles não necessariamente resolveriam o problema, visto que isso é tarefa não só dos adolescentes e da comunidade, mas também do poder público. O formato de mutirão funcionou como um exemplo prático de ação comunitária em que se abre a oportunidade para divulgar o problema e pedir a colaboração de todos.

Para os adolescentes e mesmo para as lideranças comunitárias que participaram do mutirão, foi importante fazer algo prático e exemplar.

Como o mutirão de limpeza da represa se articulava com o tema “meio ambiente”, foi chamado um dos organizadores da Campanha “De Olho nos Mananciais”. Trata-se de uma campanha de esclarecimento sobre a situação das fontes de água que abastecem as grandes cidades, começando por São Paulo, e de mobilização para promover o uso racional da água. O objetivo foi mostrar que a ameaça de escassez de água nas grandes cidades tem relação direta com poluição e desperdício para que os adolescentes e interessados pudessem compreender o caráter sistêmico de sua ação, indo além do puro assistencialismo ou voluntarismo. Na ocasião, o organizador não apenas contou um pouco sobre a ação junto a represas da cidade de São Paulo, como também foi entrevistado pelos adolescentes. Para realizar o mutirão de limpeza da represa Bilings (o grupo



Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz

**Mutirão de limpeza da represa, realizado na região do Grajaú (SP)**

descobriu que o lixo é uma das questões que mais incomoda a comunidade), os jovens visitaram ONGs da região para descobrir como poderiam organizar um mutirão, convocaram lideranças comunitárias para ajudar a mobilizar a comunidade, fizeram divulgação para a comunidade escolar, convidaram professores, funcionários e estudantes, convocaram agentes do Programa Saúde da Família e os grafiteiros locais.

## PERCURSO BÁSICO DA METODOLOGIA:

- Discussão e avaliação sobre o mapeamento;
- Planejamento da estratégia que envolveu: entrevista com ex-educomunicador do projeto sobre o tema “meio ambiente”; escolha do local para mutirão; entrevista com os moradores sobre a temática do lixo na comunidade;
- Discussão sobre os responsáveis pelo lixo na comunidade;
- Definição sobre como o coletivo pode contribuir com o problema;
- Escolha da estratégia de mutirão;
- Levantamento do material necessário para a ação;
- Desenvolvimento de peças de educação para divulgar: panfleto informativo; convite para o dia do mutirão;
- Produção de conteúdo para o blog do grupo;
- Conversa com a ONG *Vento em Poupa*, que fica na região do Grajaú, e que já havia realizado mutirões na comunidade;
- Divisão em equipes de trabalho intergeracionais. As tarefas foram divididas de acordo com as habilidades e vontade de cada um. As equipes foram responsáveis por acertar a logística para a data como: alimentação e material, descobrir para onde deveria ser encaminhado o lixo coletado, mobilizar carro de som para contribuir na divulgação. As equipes se mobilizaram para organizar formações necessárias. Os adolescentes fizeram um formato para as reuniões com parceiros.

## Campanha “Cuidado”

A Campanha “Cuidado” foi desenvolvida para melhorar a relação de cuidado dentro da escola e da comunidade entre as pessoas e com o espaço físico, com o objetivo de criar estratégias para que todos(as) se envolvessem na construção de uma cultura de paz. A campanha mobilizou a escola por meio de veiculação de peças de comunicação (em especial o jornal mural), apresentações de teatro, mobilizações boca a boca, participação dos professores na elaboração do jornal (dando entrevistas, revisando os textos, etc). A ação também envolveu as famílias. Ela foi apresentada durante uma reunião e alguns pais se interessaram em acompanhar as atividades.

A campanha foi a última ação na comunidade. Surgiu a partir de um planejamento feito coletivamente entre os adolescentes e os educadores. Nesta ação, foi possível envolver os participantes adolescentes também como construtores de seu percurso de aprendizagem e ação na comunidade. O grupo optou pelo formato de uma campanha porque sentiu que essa estratégia possibilitaria a conversa com diversos públicos e que atuaria principalmente no sentido de gerar reflexão e mudanças de comportamento entre as pessoas a quem a campanha atingisse. No caso, o alvo da campanha foi a escola e a comunidade. O tema foi pensado a partir da própria valorização que os adolescentes passaram a ter em relação a si, ao outro

e à comunidade. A campanha seria uma forma de retribuir isso para os outros. O engajamento do grupo foi tão intenso que mesmo com a finalização do projeto, os adolescents decidiram seguir tocando a campanha. Foi criado um jornal mural com informações gerais sobre a ação e outros produtos para dar conta de objetivos específicos da campanha. Uma pequena peça de teatro, por exemplo, abordou os temas grafite e pichação, o que está relacionado com o cuidado com o espaço da escola. Para pesquisar e aprofundar as temáticas, o grupo *Navegantes da Notícia* foi estimulado a tecer parcerias.

## Sustentabilidade e impacto

A preparação do terreno para a saída da comunidade foi sem dúvida um dos momentos mais estratégicos do projeto. Afinal, ao convocar todos os agentes envolvidos para tocar o projeto é que foi possível descobrir que a proposta realmente conseguiu cumprir com os seus objetivos e deixou um terreno fértil para a sua continuidade. Desde o início, foi pensada a sustentabilidade para a continuidade do projeto na comunidade.

Pensar com o grupo *Navegantes da Notícia* como ele se constituiria a partir de então passou a ser o foco dos últimos seis meses de projeto. Foi organizada uma série de encontros com os adolescents, a escola e a comunidade de forma que eles pensassem como funcionaria o núcleo de comunicação comunitária na prática: quais seriam os papéis e responsabilidades de cada um, os rumos do trabalho, como se encontrariam, dariam conta das diversas demandas da comunidade em relação à comunicação, estabeleceriam a rede de parcerias para que pensassem juntos e resolvessem as problemáticas locais e finalmente como manteriam o *Navegantes da Notícia* a partir de parcerias e recursos locais, fossem eles, físicos, humanos ou financeiros. Esses foram apenas alguns dos pontos trabalhados nos encontros.

Entre os encaminhamentos, o grupo *Navegantes da Notícia* quis dar continuidade à formação de adolescents em educomunicação. Um agente comunitário assumiu esse papel e durante o último ano acompanhou os educadores do *Aprender e Viração* com o objetivo de aprender a metodologia de educomunicação e seus diversos recursos. Hoje, ele é o educador de referência na escola e na comunidade. O grupo determinou ainda que tipo de informação poderia entrar ou não no *Navegantes da Notícia*, de forma a tornar o veículo comunitário mas livre de interesses pessoais. Outro aspecto interessante foi buscar na comunidade os recursos de forma que cada um contribuísse com o que podia. A percepção de que para construir um núcleo de comunicação comunitária não é preciso de recursos físicos e nem financeiros, mas apenas pessoas com vontade e capacidade de articulação em rede, levou o grupo a encontrar as soluções.

O fato de haver formação com os adolescents comunicadores duas vezes por semana foi essencial para que houvesse um público participante fixo, com o qual

Viração e Aprendiz puderam desenvolver atividades de formação, compartilhar os objetivos, verificar a validade das estratégias criadas e cultivar relações de confiança.

O grupo, por sua vez, só se criou porque havia rotina, o que com o tempo gerou a cultura do encontrar-se. No Cantinho do Céu, a coordenadora educacional da gestão assumiu o papel de continuar o projeto. Além disso, com o objetivo de que o projeto siga acontecendo na comunidade, independente da presença de Aprendiz e Viração, torna-se ainda mais necessário que exista um lugar para funcionar o *Navegantes da Notícia*, agora com um computador do projeto à disposição.

*Antes, meus pais nem sabiam quem eu era. Depois do projeto, eles passaram a se interessar por mim. Eu também não falava, era meio calado, agora falo muito. Na escola também mudou. Eu tinha um professor que achava que eu era uma coisa que eu não era, ele achava que eu era calado e não fazia as coisas. Depois do Navegantes, passei a falar. Minha leitura também mudou muito. Antes, eu lia a mesma linha três vezes e hoje eu já consigo fazer uma boa leitura.*

*Iago Santos, 13 anos, adolescente participante do projeto no CEU Navegantes, no Grajaú (SP).*

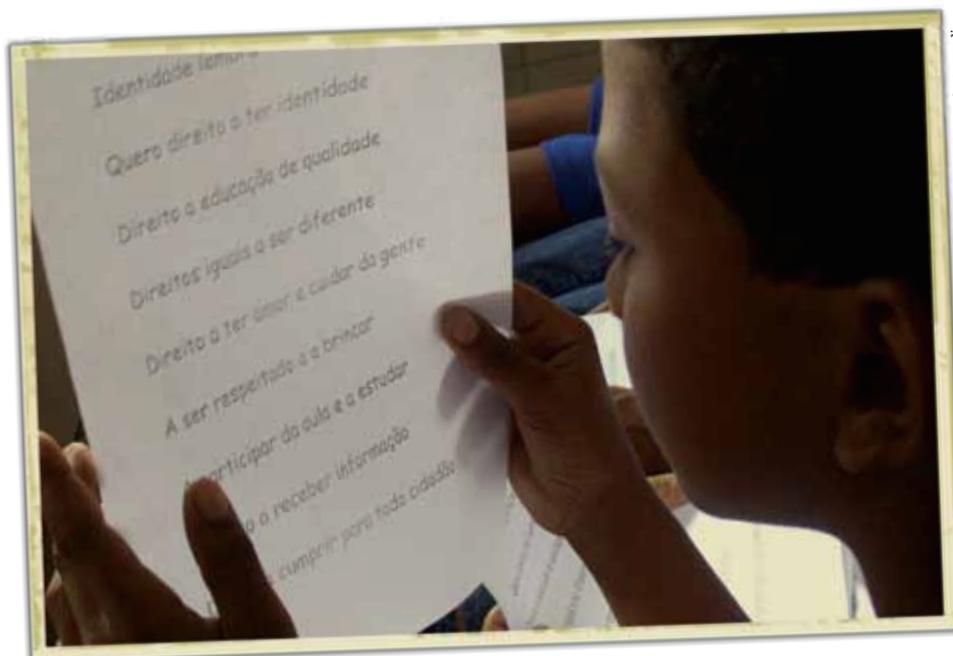


Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz

**Valorização dos  
adolescentes promove  
melhora do  
desempenho escolar**

# Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP) - Rio de Janeiro

## Contexto

O Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP) desenvolveu o projeto em parceria com o Colégio Estadual Julia Kubitschek (CEJK), no centro do Rio de Janeiro. Trata-se de uma escola técnica de Ensino Médio voltada para a formação de professores. Um total de 25 adolescentes – entre 15 e 18 anos, alunos do 1º e 2º anos – participaram de oficinas de tecnologias da comunicação, em encontros semanais de 4 horas cada um. O objetivo foi capacitá-los para a utilização de diferentes linguagens – vídeo, fotografia, internet – para refletir e se expressar sobre questões ligadas ao universo escolar. Além de aprimorar essas capacidades entre os alunos, o projeto visou disseminar o uso de Tecnologia de Informação e Comunicação como apoio pedagógico ao processo de ensino e aprendizagem, uma vez que os adolescentes envolvidos serão educadores no futuro.

O Colégio Estadual Julia Kubitschek (CEJK) é uma referência na formação de professores no Rio de Janeiro e já havia sido parceiro do CECIP em outros projetos de comunicação e educação. Como seus alunos vão se tornar educadores, seu aprendizado tem grande potencial de disseminação: de posse das tecnologias de comunicação, os estudantes não apenas ampliaram sua capacidade de produzir criticamente, mas assumiram uma nova postura como educadores e mobilizadores sociais.

## Proposta

As novas Tecnologias de Informação e Comunicação constituem parte essencial da metodologia de formação dos jovens educadores. Ao trabalhar com adolescentes, o CECIP preocupou-se não apenas com que dominassem a tecnologia, mas que tivessem a oportunidade de refletir sobre suas realidades e de agir, enquanto cidadãos exercendo seus direitos, empreendendo ações de transformação da sociedade em que vivem.

O primeiro passo foi ouvir o grupo de adolescentes, numa discussão baseada em seus legítimos interesses. Esse é um processo de aprendizado que não se faz em salas de aula com lições tradicionais. Nele, o conhecimento é criado coletivamente: um processo no qual todos contribuem com seus saberes específicos. Ao final do processo, os adolescentes que dele participaram se reconhecem como co-autores das descobertas feitas.



O uso de modernas tecnologias esteve intimamente relacionado com esse modo de agir. Os participantes adquiriram a capacidade de usar novas ferramentas e novos instrumentos para dizer sua própria palavra, fazer valer seus direitos, argumentar por justiça e por mudanças benéficas para todos.

A experiência mostrou que essa metodologia, levada para a escola, afeta profundamente sua estrutura, sua maneira de ser e de se organizar. Por meio de oficinas técnicas de produção de vídeos e conteúdo para a internet, os adolescentes foram convidados a experimentar diferentes formas de uso dessas linguagens no cotidiano escolar como mais um meio de troca de informação, de expressão de ideias, de sistematização de aprendizados e de produção coletiva de conhecimento.

Além da parceria institucional com a escola e da adesão dos professores, o foco de todas as ações do Projeto foi o ambiente da escola e as relações que o compõem. Assim, os vídeos produzidos, o conteúdo na internet e os eventos concebidos e realizados pelos jovens envolveram toda a comunidade escolar – colegas, professores, direção e funcionários participaram dos diferentes produtos criados, e foram também o público-alvo das exposições e eventos.

## Resultados e produtos

Ao todo, foram realizadas 41 oficinas com 25 adolescentes, totalizando 164 horas de formação.

**Oficinas Temáticas** Os alunos tiveram a oportunidade de apresentar suas ideias e refletir sobre questões colocadas por todos, em torno dos temas juventude, escola e tecnologia. A partir daí criaram diferentes conteúdos para a internet, como textos, fotografias e entrevistas. Esses conteúdos estão disponíveis no site [www.geracaodigital.org.br](http://www.geracaodigital.org.br), um espaço virtual para troca de informações entre os adolescentes.

**Oficinas de comunicação e educação** Foram realizadas com alunos e professores em outubro de 2009.

**Oficinas técnicas de produção audiovisual** Os alunos aprenderam operação de câmera, áudio, iluminação e produção, e conheceram as noções básicas de programas de edição de vídeo. Depois de identificar, pesquisar e discutir temas de seu interesse, elaboraram roteiros e gravaram cinco vídeos sobre a escola. Também foram realizadas duas oficinas de produção de vídeo com máquina fotográfica, reunindo 15 professores das áreas de Sociologia, Artes Visuais e Orientação Tecnológica. Eles aprenderam a gravar vídeos com máquina digital e editar as imagens utilizando o programa *Windows Movie Maker*. O objetivo é sensibilizá-los para o uso de tecnologia no espaço escolar, como forma de aprimorar a prática

educativa e experimentar inovações no processo de ensino e aprendizagem. Foram produzidos oito vídeos com até 2 minutos de duração. Na linguagem audiovisual, desenvolveram vídeos que podem ser vistos pelo site [www.geracaodigital.org.br](http://www.geracaodigital.org.br)

*O Colégio Estadual Julia Kubitschek incentiva os futuros professores a refletirem sobre as práticas educativas já existentes, bem como a utilização de mídias educativas. Através de uma metodologia diferenciada, o CECIP capacita os jovens a descobrirem a importância da utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), para a construção da autonomia nas escolas, mostrando que, com uma simples máquina fotográfica, o aluno poderá produzir filmes que reflitam os problemas da comunidade. Os projetos que trabalham a educação e a comunicação são de extrema importância para a formação do jovem professor e, portanto, não devem ser extintos. Percebemos claramente que todos os jovens que participaram ou ainda participam dos projetos do CECIP passam a buscar suas próprias respostas, experimentam novas alternativas. Com isso, quem só tem a ganhar é a EDUCAÇÃO BRASILEIRA!*

*Elizabeth Cavalcanti, Diretora Adjunta/CEJK*



## Vídeo Amizades na escola

Os alunos falam sobre a importância dos amigos na convivência escolar e enviam recados para seus melhores amigos. O vídeo que falou sobre a importância dos amigos na escola foi editado no CECIP e exibido em duas sessões no auditório da escola para um público de aproximadamente 80 pessoas. O vídeo Amizades na Escola foi selecionado para a Mostra Geração 2009, do Festival de Cinema do Rio, e exibido no dia 1º de outubro no Espaço Unibanco de Cinema para um público de aproximadamente 150 pessoas. Amizades na Escola compõe o DVD “Coletânea Vídeo Fórum 2009”, distribuído para escolas e organizações que trabalham na área de produção audiovisual com jovens.

## Outros vídeos

### **A nossa escola como ela é...**

Um passeio no ambiente escolar, mostrando o espaço físico e a infraestrutura do Colégio Estadual Julia Kubitschek.

### **O que é importante saber sobre:** alunos

Como é a rotina dos alunos na escola? As várias atividades em que se envolvem durante as aulas e no tempo livre.

### **Dia-a-dia de um funcionário no CEJK**

Um perfil da faxineira da escola, dona Maria.

### Por que ser professor?

Por meio de entrevistas com seus professores, os alunos da escola procuram entender melhor as motivações e desafios de sua própria formação.

Os principais produtos desenvolvidos pelos adolescentes do projeto foram esses vídeos e conteúdos para a internet (site e blog com textos, fotos e vídeos). O material foi produzido a partir de temas geradores levantados e debatidos pelo próprio grupo, sob orientação do CECIP quanto à forma de adaptar as mensagens desejadas ao formato e linguagem adequados.

*Quando o nosso vídeo foi para a Mostra Geração, eu não sabia que o vídeo ia ficar bom, um projeto feito por alunos, praticamente amadores, e todo mundo gostou, se interessou. Na hora, perguntaram como foi feito. Não só para mim, mas para todo mundo que estava lá na mostra representando o projeto. Todos que estavam comigo se sentiram muito satisfeitos.*

*Raquel Rosa, aluna que participou da produção do vídeo Amizades na Escola*



Outros materiais foram criados com objetivo de divulgar a campanha de mobilização Saia do Armário: vista a sua arte!

### Saia do Armário: vista a sua arte!

Este foi o nome do principal evento de mobilização realizado no CEJK pelos jovens participantes do Projeto. O tema escolhido foi a Arte em suas diversas manifestações. Para aprofundar as ideias sobre o tema, os jovens debateram o que entendem sobre arte, a sua importância e o que é ser artista. O evento tinha como objetivo fazer com que os alunos experimentassem diferentes expressões

Foto: CECIP



Material de divulgação da campanha



artísticas e ainda abrir espaço para os artistas da escola. Em conjunto, os jovens criaram o slogan do evento “Saia do Armário: vista a sua arte!” e, em oficina com Leonardo Holanda e Claudius Ceccon, elaboraram a identidade visual para todo o material de divulgação. Camisetas, banners, cartazes, postcard, bloco de anotações e canetas personalizadas foram distribuídos para toda a escola. A Arte invadiu o



Apresentação teatral dos alunos

espaço escolar, servindo de estímulo para a integração e mobilização de alunos, professores, diretores, funcionários e educadores do CECIP.

Cerca de 300 alunos participaram de 11 oficinas promovidas pelos jovens do projeto e por outros alunos nas áreas de Teatro, Dança, Fotografia, Grafite e Tranças Nagô. Como pano de fundo para todas as atividades, os jovens defenderam o lema “Não ao preconceito!”. As atividades foram encerradas com a apresentação de um grupo de hip hop e uma banda de pop-rock que colocou todos para dançar.

Estas ações de mobilização contribuíram para que toda a escola conhecesse o projeto, além de proporcionar à comunidade escolar a reflexão sobre o tema da comunicação no processo educativo.

*Era uma ideia pequena, que surgiu do nada, de uma discussão, quando eu levantei a mão e falei: “Vamos falar de artes!”. Nem todo mundo estava de acordo com isso. Do nada, todo mundo começou a se entusiasmar com o assunto, dando várias ideias e tudo mais. Daí a pouco, aos pouquinhos, começou a acontecer, embora eu não tivesse confiança que iria ter algum sucesso, algum retorno, mas teve! As pessoas realmente gostaram. Na segunda-feira (o evento foi realizado num sábado), elas estavam comentando sobre o evento. (...) Foi de fato emocionante só dele (o evento) ter se concretizado, acontecido.*

*Fernanda Lourenço, aluna*

Compreendendo a importância do uso das ferramentas de comunicação nas práticas pedagógicas e consciente de que os futuros professores devem se capacitar nessa área, a direção da escola autorizou que a participação dos alunos no Projeto fosse equivalente a 50% do tempo de estágio que os jovens professores em formação necessitam para concluírem o curso. Esta foi a primeira vez que a escola abriu mão de parte das horas de estágio em sala de aula para uma formação paralela.

## Sustentabilidade e impacto

É importante destacar a abertura desta comunidade escolar para o projeto. Ao incorporar a capacitação em educomunicação ao seu planejamento, a escola assumiu o compromisso com uma proposta inovadora de aprender e ensinar. A curiosidade por novas tecnologias e a autonomia dos adolescentes em busca de suas respostas – estimuladas pela metodologia do CECIP e pelo modo de conduzir as oficinas do Projeto – foram percebidas pela direção do colégio como um diferencial nesses alunos. A mudança na atitude dos adolescentes foi uma conquista que eles levarão para suas vidas. Ela mostrou a possibilidade de

transformação de suas realidades.

A integração das atividades do projeto no planejamento da escola revelou à gestão, a alguns professores e aos próprios alunos uma outra maneira de aprender e ensinar. Eles foram sensibilizados para o debate de novas práticas pedagógicas, assim como para o uso das ferramentas de comunicação dentro da sala de aula.

A decisão de incluir as atividades de formação do projeto como parte do estágio profissional dos futuros professores contribuiu para a continuidade do debate das tecnologias de informação no espaço escolar como uma ferramenta que pode agregar valor nos processos de ensino-aprendizagem.

A metodologia de capacitação de adolescentes e professores para a utilização de diferentes tecnologias foi consolidada pelo CECIP em diferentes projetos ao longo do tempo. O reconhecimento desse acúmulo de conhecimento na área fez com que a instituição fosse escolhida, em janeiro de 2010, para integrar a rede de Pontos de Cultura do Ministério da Cultura (MinC).

Este incentivo possibilitará ao CECIP continuar oferecendo oficinas de produção de vídeo com máquina digital e edição em *software* livre para adolescentes de escolas públicas. A primeira turma está prevista para agosto de 2010, com 20 participantes. Ao final do projeto, os adolescentes vão organizar uma exibição aberta com as principais produções realizadas nas oficinas em um espaço cultural da cidade e disponibilizar os vídeos no site Geração Digital ([www.geracaodigital.org.br](http://www.geracaodigital.org.br)), criado e mantido por adolescentes do CECIP.

\* \* \* \* \*

# CIPÓ - Comunicação Interativa

## Salvador

### Contexto

O projeto *Mudando sua Escola, Mudando a Comunidade, Melhorando o Mundo!* aconteceu em três municípios da Bahia - na capital Salvador (região do Subúrbio Ferroviário) e nas cidades de Camaçari e Dias D'Ávila, localizadas na Região Metropolitana de Salvador -, sendo que as escolas desses municípios já faziam parte da atuação da CIPÓ - Comunicação Interativa desde 2006.

Em Salvador, a escola que compôs o projeto foi a Municipal de Fazenda Coutos, localizada no bairro de Fazenda Coutos, no Subúrbio Ferroviário de Salvador - região que apresenta alto grau de vulnerabilidade social. A média de inclusão digital de Salvador é de 14%, entretanto, no Subúrbio esse número cai para apenas 3%. A região apresenta um dos mais baixos níveis de renda da cidade, com 90% dos chefes de família perfazendo renda mensal de até três salários mínimos, além de possuir um dos mais altos índices de violência da cidade. Nessa escola, foram realizados trabalhos com um Núcleo Interativo composto por adolescentes e estudantes do ensino fundamental II.

A cidade de Camaçari, localizada na Região Metropolitana, apresenta um contexto de avançado desenvolvimento econômico, mas ainda marcado por graves desigualdades sociais. A CIPÓ - Comunicação Interativa realizou um diagnóstico e percebeu que apesar deste município - que tem cerca de 190 mil habitantes - possuir uma das maiores rendas per capita do Estado, sustenta também o elevado índice de indigência de 52,45% e a taxa de intensidade da pobreza de 47,5%. Segundo a Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia, os municípios de Salvador e São Francisco do Conde são responsáveis por 44% de todo o Produto Interno Bruto produzido no estado. Ainda assim, Camaçari ocupa apenas a 82ª posição no Índice de Desenvolvimento Infantil na Bahia. Em Camaçari, as ações aconteceram na Escola Municipal Ilay Garcia Ellery, com o fundamental II por meio da implantação de um Núcleo Interativo.

O cenário da educação na Bahia em 2009 e início de 2010 foi bastante delicado, com constantes greves e paralisações por partes dos docentes e profissionais da educação. Preocupados com o cenário delicado da educação na Bahia em 2009, outra escola da Região Metropolitana de Salvador (RMS) foi convidada para integrar o projeto. Essa foi uma tentativa de desenvolver as ações do projeto num outro contexto, trazendo a possibilidade de uma análise mais completa do panorama da educação na capital e Região Metropolitana. Em julho, demos início as atividades na Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade, localizada no município de Dias D'Ávila. Nessa escola, foram criados dois núcleos interativos, constituídos por alunos do fundamental I e II.

## Proposta

A metodologia da Educação pela Comunicação é compreendida pela CIPÓ - Comunicação Interativa como uma nova maneira de ensinar em que o educando e educadores participam ativamente da produção de peças de educação que, uma vez disseminadas, geram novos processos de educação e/ou de mobilização social.

O projeto prevê a constituição de um Núcleo Interativo (NI) formado por crianças ou adolescentes de séries distintas, como forma de oportunizar a participação de diferentes alunos, propiciar o convívio com as diferenças de idade, grau de conhecimento e maturidade, além de promover a integração.

Esse núcleo participa de todo o processo formativo, que implica na produção de peças de comunicação em que se aborda o conteúdo curricular. O núcleo também tem a função de ser um multiplicador do projeto nas salas de aula e na escola como um todo.

As oficinas começam com a definição e pactuação de acordos de convivência e toda a produção é feita de forma coletiva, com distribuição de funções e atribuições entre os membros do grupo. Assim, a produção ocorre em cadeia, e o trabalho de cada um precisa ser valorizado e reconhecido pelo grupo, de forma que os elos não se rompam. Há a mediação constante dos educadores do projeto e a participação ativa de alguns professores. Ao final, as peças de comunicação são socializadas com toda a escola e algumas Mostras de Produtos são realizadas para a comunidade escolar.

Para a composição dos NIs, os meninos e meninas conduziram um processo de eleição democrática em todas as salas das escolas e produziram cartazes e panfletos para a divulgação da eleição. O objetivo dessa ação foi garantir uma representatividade de todas as turmas na composição do grupo. Além disso, durante todo o processo, os NIs também se preocuparam em envolver a gestão da escola através de reuniões para apoio ao projeto e desenvolvimento das atividades. A ação envolveu também alguns professores, o que implicou numa aproximação e no desejo de trabalhar a metodologia dentro da sala de aula.

Com o objetivo de minimizar os impactos das greves nas formações e de motivar os grupos, foi feita uma adequação no percurso formativo. O modelo pedagógico foi revisto e optou-se por um processo de modularização por linguagens com atividades bastante dinâmicas.

Vale ressaltar que cada módulo de oficina de linguagem trabalhado com o NI tinha como objetivo a criação de um produto que circulava por toda a escola. A proposta foi promover a mobilização e o envolvimento de todos os alunos. Além do educador referência do grupo, a cada linguagem trabalhada, foram convidados oficinairos especialistas na área.



## Resultados e produtos

Como atividades iniciais do projeto, foram realizados diagnósticos pelos alunos na escola e na comunidade.

**Na comunidade** Como o processo de construção do projeto foi realizado de forma colaborativa, isso também se refletiu na construção dos diagnósticos comunitários. Por meio de entrevistas e reuniões com gestores, professores e familiares, foi possível ter acesso a informações e impressões que extrapolam os dados oficiais. Meninos e meninas produziram textos, fotografaram e mapearam as organizações e equipamentos públicos do seu bairro. As atividades contribuíram para iniciar uma discussão com os adolescentes sobre a comunidade onde vivem. Conceitos coletivos foram construídos e foram feitas reflexões críticas sobre como os meios de comunicação de massa abordam suas comunidades e o que os produtos de comunicação gerados por eles devem abordar. Essas atividades colaboraram para trabalhar o senso de pertencimento ao bairro, ressignificando o olhar sobre o lugar onde vivem.

Nas etapas seguintes, outros produtos foram desenvolvidos como:

**Fanzines** Mídia impressa.

**Objetivo:** Leitura e produção de texto.

**Aprendizagem:** Produção e experimentação.

**Conteúdos:** Apresentação, histórico, passo-a-passo, materiais e condições para preparação.

Foto: Cípo - Comunicação Interativa



Alunos trabalham na produção dos fanzines

*“Gostei de ver a boneca do fanzine e depois de ver o material pronto. Fiquei muito orgulhosa de mim e dos meus colegas, porque é tão bom ver nosso nome em algum lugar, porque a gente participou, aprendeu. Aqui, eu sinto uma energia muito boa de poder falar o que sinto, de compartilhar as coisas, respeitar as pessoas e outras coisas mais...”*

*Aline dos Santos, aluna da Escola Municipal Carlos Drummond de Andrade - Fundamental I*



Alguns dos fanzines produzidos na oficinas da Cipó - Colégio Drummond e Ilay Garcia Ellery

**Vídeo e Foto no Celular** Produção escrita e visual.

**Objetivo:** Produção textual, compreensão do código visual, apropriação de tecnologia disponível, flashmob, softwares de edição, efeito viral.

**Conteúdos:** Apresentação, histórico, passo-a-passo, materiais e condições.

**Fotoclípe** Linguagem multimídia.

**Objetivo:** Leitura crítica, compreensão e produção textual.

**Conteúdos:** Apresentação, histórico, passo-a-passo, linguagem impressa.

**Aprendizagem:** Produção e experimentação. softwares de edição.

**Blog** Produção multilinguagens, Web 2.0.

**Conteúdos:** Apresentação, histórico, passo-a-passo, materiais e condições.

**Objetivo:** Produção escrita e visual.

**Aprendizagem:** Softwares e plataformas

**Campanha Cultura de Paz** Essa foi uma demanda específica de uma escola, localizada em um dos bairros mais violentos de Salvador. Em um dos encontros do grupo com a gestão da escola, surgiu a ideia de realizar uma grande mobilização para a Cultura de Paz. O grupo liderou um processo de mobilização da comunidade escolar para a participação da Caminhada da Paz. Essa ação previa o envolvimento do corpo docente, discentes, funcionários, pais, responsáveis e comerciantes do entorno da escola. Foram realizados cartazes, faixas, registros fotográficos, e pequenos vídeos. Além da articulação para a passeata, o grupo produziu um fanzine e um fotoclipe chamado Fazenda da Paz, que foi apresentado para toda a escola.

## Impacto e sustentabilidade

O impacto e sustentabilidade do projeto passaram também pela escolha do produto de comunicação que seria desenvolvido pela comunidade escolar. Para isso, foi necessário que ela tivesse condições pedagógicas e técnicas de viabilizá-lo.

Já que um número significativo de escolas da rede pública não possuía laboratório de informática, começou-se a estimular a utilização de *softwares* livres. Os sites foram substituídos por gerenciadores de conteúdos e blogs. Reduziu-se a lista de equipamentos para montagem de uma rádio na escola e programas de rádios interessantes foram produzidos com mp3 e gravadores digitais. Também foi repensada a utilização dos vídeos e fotos. A utilização de máquinas digitais e celulares entrou na formação juntamente com a discussão sobre o uso responsável da tecnologia disponível. Estimulou-se o uso das ferramentas colaborativas livres disponibilizadas na *Web 2.0*, com o objetivo de aumentar o impacto e a visibilidade das ações da comunidade escolar.

Portanto, a escolha da linguagem de comunicação está vinculada às soluções tecnológicas disponíveis na escola. Cabe à equipe de formação o apoio na articulação para aquisição de possíveis equipamentos. Essa estratégia é reflexo da parceria com a rede pública.

\* \* \* \* \*

# Oficina de Imagens

## Belo Horizonte

### Contexto

Para dar início às atividades em Belo Horizonte a Oficina de Imagens definiu que a atuação se daria em âmbito municipal, em escolas vinculadas à Prefeitura do Município. Isso se deu, especialmente, devido ao histórico de realização do projeto Latanet na Rede Municipal de Ensino no período de 2002 à 2004. O Projeto Latanet buscava implementar políticas de educomunicação na rede municipal por meio da capacitação dos professores, histórico importante para uma nova fase de articulação da instituição com a Secretaria Municipal.

A primeira ação em relação à parceria com o município foi identificar os projetos e as políticas educacionais que vinham sendo desenvolvidas, e quais delas poderiam se articular à proposta de educomunicação da Oficina de Imagens. Assim, foi identificado o Projeto “Protagonismo Juvenil nas Ondas do Rádio” e posteriormente o Programa Escola Integrada, parceiro responsável pela execução da política de educação integral do município de Belo Horizonte, que apresentou uma proposta metodológica com ações nos eixos escola, família e comunidade. A equipe se aproximou, então, do Programa Escola Integrada. O objetivo seria apresentar o projeto *Comunic@ Escola!* e também conhecer o funcionamento da política.

Importante observar que o evento realizado pelo UNICEF no lançamento do *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!* contribuiu para a apresentação do projeto na Secretaria de Educação. O Secretário do Município de Belo Horizonte estava presente no evento e, portanto, já sabia da chegada do projeto. Os contatos posteriores foram realizados via Assessoria de Comunicação da Secretaria de Educação.

A equipe técnica do Programa Escola Integrada participou da implementação do projeto, definindo as escolas e o início das oficinas. Bimestralmente, a equipe da Oficina de Imagens promoveu reuniões de avaliação e planejamento integrado, que contaram com a equipe do governo. Por tratar-se de um projeto em uma escola pública, há processos que precisam ser encaminhados via gestores públicos, como a solicitação de equipamentos, formação de professores etc. Por isso, a presença da Secretaria de Educação foi importante em diversos momentos do projeto. Os e-mails e os contatos por telefone foram as principais ferramentas de comunicação entre a equipe técnica e a Secretaria de Educação.

## Proposta

Apesar da leitura crítica de mídia ser reconhecida como um dos pontos essenciais do processo de educomunicação, optou-se por abordar outras demandas de formação do grupo no início do projeto. Tais demandas foram relacionadas à formação cidadã, ao conhecimento dos Direitos Humanos e ao debate da Sexualidade enquanto Direito Humano, sendo este último ponto de fundamental importância no processo de desenvolvimento dos adolescentes.

Já em 2009, foram feitos alguns exercícios de leitura crítica de mídia como, por exemplo, a “oficina de leitura de imagens – método aplicado na metodologia Latanet”– e o “jogo da classificação indicativa – para análise de programas de TV”. Entretanto, avaliou-se que ainda era necessário refletir junto aos educandos sobre as relações estabelecidas entre os meios de comunicação de massa e o desenvolvimento humano das crianças e adolescentes.

Em 2010, um segundo lado da análise crítica de mídia foi priorizado no último semestre de trabalho. Este ponto diz respeito à leitura crítica dos meios de comunicação de massa. No *Comunic@ Escola!*, a equipe de educadores optou por analisar produtos de comunicação de massa que são acessíveis aos adolescentes. Isso fez com que a leitura crítica fosse contextualizada e coerente com a realidade dos educandos.

Ainda no campo da análise crítica de mídia, o projeto realizou, desde o início, oficinas de rádio, processos de escolha e análise das músicas que seriam veiculadas nas atividades de “rádio ao vivo”. Essa análise se deu por meio da observação dos conteúdos propagados pelas letras das músicas indicadas pelos adolescentes em relação aos objetivos cultural e educativo da rádio. Além disso, houve um eixo de trabalho referente à ampliação de repertório musical com apoio dos educadores.

O projeto também priorizou o tema do direito à expressão e à opinião. Entre fevereiro e abril de 2009, trabalhou-se o tema do direito à comunicação por meio de exercícios de mídia e reconhecimento da importância da comunicação para as relações humanas. Para isso, os educandos conheceram a “História da Comunicação” e passaram a entender em que medida ela contribui para as relações humanas, desde o início dos tempos, desde a época das pinturas rupestres até a internet nos dias de hoje.

A metodologia desenvolvida pelo *Comunic@ Escola!* partiu de um diagnóstico onde o “direito à aprender a ler e a escrever” é violado. Grande parte dos educandos não tiveram um processo eficaz de alfabetização e apresentaram dificuldades e limitações quanto à leitura e à escrita. Esse ponto foi trabalhado com mais objetividade por meio das oficinas de rádio, que demandaram a produção de textos para locução. Houve uma série de ensaios no projeto relacionados à produção de informações, um mix de linguagens como: fotografia, vídeo, fanzine, rádio. Todos eles serviram como processos de mobilização para o direito à comunicação.

Também foi trabalhada a ampliação dos espaços de participação dos adolescentes no bairro. Na E.M. Alcida Torres, por meio da construção do mapa do bairro, os adolescentes fizeram a leitura da garantia e violação dos direitos na comunidade, perceberam espaços desconhecidos e passaram a perceber as diferenças (em termos de serviços públicos) entre os setores da comunidade do Taquaril. Ainda neste sentido, foi incentivado o envolvimento dos jovens na Campanha de Prevenção à Violência nas Escolas, que gerou a construção do senso crítico em relação ao papel do educador (quando os próprios adolescentes estiveram no papel de educadores com as crianças da escola).

Na Escola Municipal São Rafael a participação foi mais tímida. Entretanto, houve uma grande evolução no processo de fortalecer os espaços de interlocução da família com a escola. Envolveu-se a família no diálogo acerca da sexualidade enquanto direitos humanos e outras atividades como Dia do Boletim Escolar, Festa da Família e reuniões com as famílias feitas pelos próprios estudantes.

Uma característica diferenciada do grupo na Escola Municipal São Rafael é a forma como se explicitam as relações de poder, com pouca cultura de participação. Os estudantes da escola fazem parte de várias comunidades, especialmente Granja de Freitas e Castanheiras, que são comunidades onde as políticas públicas são ineficientes. Não há escolas nestes bairros e as crianças e adolescentes de lá estudam na Escola São Rafael, no bairro Pompéia. Não há uma identidade coletiva em relação à comunidade, pois eles moram em espaços diferenciados.

Ainda é necessário ampliar o processo de socialização das informações do projeto na escola. É preciso que a escola valorize a cultura da comunicação, e perceba sua importância.

Os resultados obtidos nas duas escolas e as metodologias desenvolvidas no contexto do projeto são descritos a seguir.

## **Produtos e resultados**

### **Envolvimento dos estudantes no projeto**

O Projeto *Comunic@ Escola!* teve a participação de 100 adolescentes da Escola Municipal Professora Alcida Torres desde o início do Projeto, com uma média de 20 participantes por oficina. No caso da Escola Municipal São Rafael, foram 72 as crianças e adolescentes que participaram desde o início, com uma média de 15 por oficina. Nas duas escolas, houve variação no número dos integrantes em função da entrada e saída de pessoas, porém, foi estabelecido que os grupos deveriam se estabilizar com o número de 20 estudantes. Para manter esse nível de participação, os integrantes do Projeto foram envolvidos no processo de mobilização de novos alunos, convidando colegas para o Projeto no início de cada fase de atividades.

## O olhar para a escola e a comunidade

Para conhecer a dinâmica escolar, foi realizada uma vídeo-cabine com a participação de estudantes, funcionários e professores que foram convidados a responder questões como “O que você pensa da sua escola?” e “O que você pensa da sua Comunidade?”.

As principais problemáticas apresentadas nessa atividade foram:

- a) **em relação à escola:** conflitos na escola, relação professor-aluno, falta de participação e compromisso dos estudantes com a rotina escolar;
- b) **em relação à comunidade:** violência, falta de equipamentos públicos, lixo e falta de cuidados com o ambiente.

Ainda como parte do diagnóstico, foram realizados questionários estruturados para conhecer o perfil dos grupos. Como fonte de dados secundários, destacou-se as entrevistas realizadas com professores, gestores e familiares e documentos institucionais com dados e diagnósticos realizados anteriormente.

O diagnóstico final sobre a escola foi elaborado por meio de desenhos, fotografias e entrevistas da vídeo-cabine. Já o diagnóstico da comunidade foi realizado por meio de oficinas de fotografia e construção do mapa do bairro.

### **Passo-a-passo:**

- Construção de mapas das trajetórias dos adolescentes dentro do bairro: caminho feito de casa para a escola e demais espaços de circulação na comunidade, desenho dos espaços que são referência na comunidade, com destaque para os equipamentos públicos.
- Saída fotográfica para registro dos espaços de referência desenhados nos mapas.
- Escolha e impressão de fotos feitas pelos adolescentes.
- Criação do mapa coletivo – mapa que contempla todos os pequenos mapas criados pelos participantes. Neste trabalho, foi utilizado o recurso do *Google Earth* para traçar os limites do bairro dentro da cidade. Em seguida, as fotos foram coladas no grande mapa.
- O último passo do diagnóstico foi realizar uma leitura crítica acerca dos direitos que estão garantidos ou não na comunidade.

Também foram elaborados mapas das comunidades onde as escolas se inserem com os equipamentos públicos existentes nessas localidades. Com isso, esperava-se estimular a reflexão dos integrantes do Projeto a respeito de seus bairros. No que toca ao diagnóstico das escolas, foi realizado, na E.M. Prof. Alcida Torres, ensaio fotográfico sobre os espaços escolares, além de entrevistas com professores e funcionários. Na E.M. São Rafael, esse trabalho foi realizado de outra forma: a partir de pesquisa de campo e produção de desenhos sobre a instituição.

Como resultados das oficinas de técnicas fotográficas, podem ser citados os 25 ensaios fotográficos produzidos nos bairros Taquaril, Castanheiras, Granja de Freitas, Saudade e

Pompéia. Além disso, desde abril de 2010, começaram a ser escolhidos os “Fotógrafos do Dia” para produzirem fotos das oficinas. Essas fotos costumavam ser projetadas no final de cada oficina e analisadas pelos educadores e estudantes. As oficinas de fotografia realizadas na E.M. Prof. Alcida Torres geraram também 500 kits com 14 cartões postais. Esses cartões postais foram expostos em diversas oportunidades. Ao final do projeto, em julho de 2010, uma importante ação com a fotografia foi realizada na comunidade de entorno da E.M. São Rafael. Foram produzidas fotos da vila São Rafael que expressam a imagem da vila antes e depois de uma mobilização feita pela escola e por lideranças da comunidade em prol da realização de pinturas nos muros e multirões para limpeza da vila.

Nas etapas seguintes foram trabalhados os produtos:

**POP CARD (Fotografias da Comunidade + diagnóstico com imagens):** noções básicas de fotografia; leitura de imagens (interpretação crítica do conteúdo e dos contextos em que se inserem as imagens); exercício prático de fotografia dentro da



Foto: Oficina de Imagens

Um dos postais desenvolvidos como resultado da oficina de técnicas de fotografia



escola para trabalhar conceitos como luz, enquadramento e intenção; realização do percurso fotográfico, em que os participantes traçaram no mapa da comunidade uma trajetória que, fotografada posteriormente, serviria para a identificação de equipamentos públicos; escolha das fotos para a produção do *pop card* e formulação de frase para acompanhar a imagem.

**Máscaras - Criação de um "rosto coletivo":** a partir das características dos integrantes do grupo: construção de uma história sobre a máscara coletiva e seu registro de nascimento. Objetivo do produto: contribuir para a construção de uma identidade para o grupo.

**Álbum de família:** Os participantes criaram álbuns de família a partir de recortes de revistas para discutir questões relativas a gênero, afetividade, sexualidade e relacionamento familiar. Atividade integrante da metodologia de "Sexualidade enquanto Direito Humano".

**Jornal mural:** Discussão sobre os temas a serem abordados pelo jornal; escolha de um nome; discussão sobre as pautas do jornal (foi sugerido que o jornal promovesse enquetes na escola); apuração e produção de texto; seleção de imagens e correção.

**Introdução básica sobre linguagem videográfica:** definição do gênero (ficção ou documentário); definição dos temas para os vídeos (argumentos); produção do roteiro, que contou com um processo de pesquisa e entrevista para audiovisual, em que cada grupo pesquisou um personagem da comunidade relacionado com os temas escolhidos; mapeamento do material bruto com todo o grupo, acompanhamento e supervisão da edição feita pelo oficinheiro (devido ao número de participantes e ao tempo reduzido, não foi possível que os próprios adolescentes fizessem a edição).

## **Audiovisual na escola e na comunidade**

As atividades de audiovisual se restringiram a E.M. Alcida Torres, com a produção do vídeo 3 X Alcida Torres, além de 30 sessões de cinema nacional, seguidas de debate, no espaço do Cineclube Sabotage (na E.M. Prof. Alcida Torres). As ações ligadas ao processo de difusão audiovisual contribuíram para ampliar as ações junto a outros membros da comunidade escolar, alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), Pró-Jovem e Projeto de Aceleração da Aprendizagem, além de moradores da comunidade do Taquaril. Aos poucos, o projeto vem criando uma cultura de valorização e participação nas ações do cineclube da escola/comunidade.

## **Interlocução com a família**

O *Comunic@ Escola!* se propôs a promover canais de interlocução com as famílias. Dentre essas ações, pode-se citar a realização de estúdios fotográficos para a



Foto: Oficina de Imagens

**Alunos aprendem a produzir vídeo**

produção de fotos com as famílias de estudantes em 4 eventos promovidos pelas escolas. O estúdio *Foto da Família no Dia do Boletim Escolar*, em maio de 2009, foi especialmente relevante por ter produzido fotos com 650 famílias de estudantes da Escola Municipal São Rafael. Nesta ocasião, o dispositivo fotográfico contribuiu para aproximar a família em um momento importante da vida escolar dos filhos.

Além disso, foram realizadas 2 reuniões com as famílias para apresentar as ações do Projeto e discutir questões relativas a ele. Pode-se destacar o “Bate-Papo com as Famílias sobre os Direitos da Criança e do Adolescente”, em 26 de junho de 2009, com a participação de 100 famílias de estudantes da E. M. Prof. Alcida Torres. A atividade de produção de fotos da família na escola foi identificada como uma importante estratégia para aumento da auto-estima e reconhecimento do papel da família na comunidade escolar.

## **Sexualidade enquanto Direito Humano**

Um destaque das oficinas sobre sexualidade foi a atividade “Cuidar do filhote de codorna”, em que 15 estudantes da Escola Municipal São Rafael receberam cada um uma codorna, que deveria ser cuidada por eles e suas famílias. A atividade visava estimular o debate a respeito da prevenção à gravidez precoce. Além disso, foram produzidos cartazes sobre o Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes. Essa iniciativa contribuiu para o envolvimento das famílias nas ações específicas do projeto.

## Participação e representação em eventos

O *Comunic@ Escola!* se dedicou a promover a participação dos educandos em reuniões de diagnóstico sobre o Projeto, assim como em eventos sobre educação. Destacam-se: a Pré-Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente da Regional Leste de Belo Horizonte; a Mostra Plural da Escola Integrada, realizada no centro da cidade de Belo Horizonte e no Parque Municipal; e a Conferência Livre de Comunicação e Juventude, realizada no dia 10 de outubro de 2009, no Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais. Além disso, estudantes da E.M. Prof. Alcida Torres participaram do Intercâmbio Educacional Bondy-BH (França-Brasil), que contou com a participação de estudantes franceses do Lycée Jean Renoir e brasileiros da E.M. Paulo Mendes em maio de 2010.

Foto: Oficina de Imagens



**Campanhas Educativas  
sobre o Estatuto da  
Criança e do Adolescente**

Foram promovidas também oportunidades de interlocução entre os integrantes do Projeto e representantes da Rede de Proteção dos Direitos da Criança e do Adolescente. Entre esses momentos, ressalta-se a participação de 40 adolescentes do *Comunic@ Escola!* em debate com um representante do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e um representante do Conselho Tutelar da Regional Leste de Belo Horizonte no dia 01 de dezembro de 2009. Além disso, oito adolescentes puderam visitar o gabinete e dialogar com a Secretária de Educação do Município de Belo Horizonte, Macaré Evaristo, em maio de 2010.

## Campanhas educativas para a comunidade escolar

Embora a temática dos Direitos Humanos estivesse presente em todas as atividades de forma transversal, foram realizadas campanhas pontuais com o intuito de mobilizar a comunidade escolar para a discussão de alguns assuntos reconhecidos como prioritários. É o caso da “Campanha de Prevenção à Violência na Escola”, com a realização de 190 oficinas (5 dias x 38 turmas) e a participação de cerca de 1.000 estudantes do 1º, 2º e 3º ciclo. As oficinas realizadas pelos educadores do Projeto contaram com o apoio de 10 adolescentes do *Comunic@ Escola!* (Escola Municipal Prof. Alcida Torres), o que também rendeu uma reflexão a respeito do papel do educador. Os participantes do Projeto se envolveram em atividades ligadas à Semana de Ação Mundial pela Educação – SAM 2010 – Um Gol pela Educação, realizada como parte da Campanha Nacional pelo Direito à Educação. Também foram realizadas Campanhas Educativas sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e sobre o grêmio estudantil a partir de material didático, videográfico, legislação (leitura supervisionada do ECA) e levantamento das dúvidas da comunidade escolar sobre o assunto por meio de questionários, redação dos textos, locução e edição.

## Implantação da rádio escolar

Em junho de 2010, a *Rádio Jovem Sintonizado: a rádio que todo jovem quer* foi inaugurada na E.M. Prof. Alcida Torres. O lançamento da Rádio Escola do São Rafael, está previsto para outubro de 2010. Educandos e educadores se envolveram em atividades formativas e de mobilização da comunidade escolar para as rádios durante o segundo ano de desenvolvimento do projeto.

Na fase preparatória, foram realizados diversos exercícios para o desenvolvimento da linguagem radiofônica como o “Trava-Línguas”, para desenvolver a pronúncia, e o “Conta-Vidas” para proporcionar um primeiro contato com a linguagem radiofônica. Também foram desenvolvidos 44 produtos radiofônicos destinados à veiculação nas rádios das escolas. Esse material englobou a produção de vinhetas com o nome da rádio, além de campanhas radiofônicas sobre temas como os 5 Direitos Fundamentais do ECA, a Melhoria da Convivência na Escola e a Representação Estudantil.

Antes da implantação definitiva das rádios escolares, foram realizados exercícios experimentais de rádio ao vivo nas duas escolas participantes do Projeto, visando a adaptação da comunidade escolar com a rádio. Esses eventos também serviram para chamar a atenção da escola para certos acontecimentos como a escolha do nome das rádios, o lançamento do Cineclubes Sabotage (na E.M. Prof. Alcida Torres) e a divulgação do grêmio estudantil.

As atividades com a rádio envolveram ainda um longo processo de mobilização da comunidade escolar, planejado e realizado pelos estudantes. O processo lançou mão de pesquisas de opinião realizadas com integrantes da comunidade escolar, levantando os gostos musicais favoritos e as emissoras mais ouvidas, assim como a colocação de cartazes e produção de jornal mural. Houve também excursão dos participantes do projeto *Comunic@Escola!* aos estúdios da Rádio Itatiaia de Belo Horizonte.

*“Tinha coisas que eu não sabia fazer que agora eu sei, como falar melhor em público. A gente abriu uma rádio na escola e comecei a passar nas salas para dar recado. As pessoas estão me respeitando mais depois disso”.*

*Tayrone Pascoal, 14 anos. E.M. Prof. Alcida Torres*

## Sensibilização para rádio escolar

Os alunos participaram de produção de vinhetas e nome para a rádio, discussões iniciais sobre a mídia radiofônica com o levantamento do que é ouvido pelos participantes, exercícios básicos de locução e dicção e formulação de possíveis nomes e slogans para a rádio escolar. A escolha do nome da rádio escolar se deu por meio de votação onde todos os estudantes e professores foram convidados a votar (obs: em função da falta de infraestrutura e tempo, o próprio educador fez a edição do material produzido).

Foto: Oficina de Imagens



**Alunos participam de atividade de rádio escolar**



Foto: Oficina de Imagens

## Rádio ao vivo

Discussão sobre as responsabilidades de se fazer uma rádio ao vivo e sobre qual o conteúdo mais adequado para ser transmitido por uma rádio escolar; processo de escolha da programação musical, em que os participantes sugerem músicas e discutem a apropriação desse material para o ambiente de uma escola (considerando os diferentes públicos: crianças, adolescentes, professores e funcionários); montagem de estrutura para se realizar um exercício de rádio ao vivo junto com os participantes; divisão de funções para a operação da rádio (controle da participação do público no microfone e programação musical); apresentação de músicas e conteúdo educativo.



Foto: Oficina de Imagens

## Representação estudantil

Foi identificada, na E.M. Prof Alcida Torres, a demanda pela criação de um grêmio estudantil. Nesse contexto, o *Comunic@ Escola!*, comprometido com a melhoria das relações no ambiente escolar por meio da criação de um ambiente dialógico, se dispôs a participar do processo.

Foram oferecidas oficinas especialmente direcionadas ao assunto e os adolescentes desenvolveram pesquisa com estudantes, professores e funcionários para levantar as expectativas da comunidade escolar em relação ao grêmio. Campanhas radiofônicas, panfletos e cartazes foram produzidos e veiculados para divulgar a ideia.

## Formação de professores da rede pública

Foram realizadas diversas atividades formativas com professores e agentes culturais da rede pública municipal, com o objetivo de atrair a atenção desses atores para as contribuições que a educomunicação pode trazer para o ensino. As atividades trabalharam temas como: “O papel da escola na garantia dos Direitos Humanos” (100 professores do Programa Escola Integrada); “Educomunicação” (120 agentes culturais e 100 professores comunitários do Programa Escola Integrada); “Tecnologias da Informação e Comunicação”, (20 pessoas, durante o Fórum de Educação Integral da Secretaria Municipal de Educação); “Mídia e educação”, (40 aprendizes da informática da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte); “A escola real e a escola ideal” (40 professores da E.M. Prof. Alcida Torres); “Diálogo Escola-Família-Comunidade” (100 professores do Programa Escola Integrada); e “Edição de áudio no computador” (2 agentes culturais da E.M. Prof. Alcida Torres).

## Outros produtos e resultados

Foram produzidas diversas peças de divulgação visando o estímulo ao debate a respeito de temáticas tratadas no Projeto. Foram criados fanzines sobre o direito à comunicação e direitos humanos para crianças, pinturas e cartazes sobre os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA); duas edições de jornal mural na E.M. Alcida Torres e uma na E.M. São Rafael. Essa última escola também contou a criação de um Blog.

\* \* \* \* \*

# Comunicação e Cultura

## Fortaleza

### Contexto

Em Fortaleza, o projeto *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!* trabalhou nas atividades de produção de jornais escolares com a participação de 127 escolas e alunos de 154 contra-turnos. Os adolescentes interessados em participar passaram por um processo de seleção, realizado pela ONG Comunicação e Cultura. A prática desenvolvida por essa organização, por meio da produção de jornais escolares que veiculam textos, desenhos e outros conteúdos produzidos por alunos das escolas públicas, destinou-se aos adolescentes do 6º ao 9º ano. A produção do Jornal Escolar foi uma atividade de contra-turno (turno complementar), e o programa foi nomeado Fala Escola.

### Proposta

Além das capacitações específicas para produção do jornal, os alunos também receberam capacitações temáticas complementares (redação, fotografia, desenho, programação visual e diagramação eletrônica). A capacitação foi realizada pela ONG Comunicação e Cultura, em diálogo com a direção da escola e professores responsáveis pelo acompanhamento do grupo/jornal na escola.

O objetivo do Jornal Fala Escola foi fornecer às escolas uma ferramenta maleável, de uso transversal e interdisciplinar, como um portador de textos que dá uso social à escrita. Justifica-se pelo fato do aluno raramente ter a oportunidade de fazer uso social da escrita. Seus textos não têm leitores, a não ser os professores e, às vezes, a família. Dar sentido social à escrita do aluno é a primeira contribuição do jornal escolar, seu princípio articulador. Escrever no jornal escolar é uma experiência de vida, um fator de estímulo e motivação, que abre um caminho direto para a mobilização interior requerida para aprender. As opiniões e produções dos adolescentes - redações, pesquisas, desenhos, fotografias – são valorizadas pela circulação na escola, na família e na comunidade. A experiência fortalece a autoestima e estimula sua imaginação. Além disso, o jornal é uma proposta de educomunicação que promove a participação.

Olhando para o papel da escola na comunidade, o “fazer jornal” adquire outra relevância. A escola passa a ter a possibilidade de interferir no ambiente onde acontece a educação informal, através das relações familiares, de amizade e vizinhança, da vida cultural etc. Valores e conhecimentos trabalhados na escola ultrapassam seus muros. Nessa intervenção da comunidade, convergem tanto o



letramento e o domínio da língua portuguesa (capacidade de pesquisa e expressão) quanto a participação e o ensino contextualizado (conteúdos relevantes). O jornal, portanto, articula o interno (ensino) com o externo (novo papel da escola na comunidade).

## Produtos e resultados

Durante os dois anos do projeto, foram publicadas 258 edições dos jornais escolares. Foram 77.709 exemplares distribuídos pelos grupos das escolas participantes do programa. A capacitação acontecia semanalmente em turmas de 10 estudantes cada, nas quais se juntavam alunos de até 3 escolas, tendo uma dessas escolas como sede das atividades. Foram realizadas 1.223 oficinas, envolvendo aproximadamente 1000 alunos/ano.

- **Público atendido:** Em média 990 adolescentes envolvidos nas atividades durante o ano.
- **Capacitações nas escolas:** Foram realizadas 1.223 oficinas nas escolas, com envolvimento de cerca de 600 adolescentes diretamente.
- **Diagramação Eletrônica:** Capacitamos 122 grupos dos jornais escolares e distribuímos o CD *Diagrame seu jornal* aos 154 grupos envolvidos.
- **Oficinas específicas:**  
Programação Visual: Organizamos 5 turmas com 65 participantes.  
Fotografia: Organizamos 10 turmas com 130 adolescentes e jovens.  
Redação: Organizamos 09 turmas com 107 adolescentes e jovens.  
História em quadrinhos: Organizamos 08 turmas com 94 adolescentes e jovens.
- **Intercâmbios de Experiências:** Realizamos 1 rodada de 7 intercâmbios de experiências em espaços próximos às escolas beneficiadas. Envolvermos ao todo 62 grupos nessa atividade.
- **Distribuição:** 77.709 exemplares de jornais foram distribuídos pelos grupos das escolas participantes do programa (atualizado em 16 de maio de 2010).

### Jornal Fala Escola por regional – Fortaleza (CE)

Este quadro é referente a todas as escolas que participaram das atividades do jornal escolar em 2008, 2009 e parte de 2010. No entanto, apesar de trabalhar com 154 grupos, 122 conseguiram lançar pelo menos uma edição. Foi produzido um total de 258 edições com tiragem geral de 77.709 exemplares de jornais. Houve uma baixa de 32 grupos que consideramos inativos, por não terem conseguido publicar o jornal ao longo do desenvolvimento do programa nas suas escolas.

| SER   | Escolas | Grupos(M) | Grupos(T) | Total de Grupos | Turmas(M) | Turmas(T) | Total de Turmas |
|-------|---------|-----------|-----------|-----------------|-----------|-----------|-----------------|
| 01    | 16      | 12        | 6         | 18              | 8         | 3         | 11              |
| 02    | 9       | 6         | 6         | 12              | 3         | 3         | 6               |
| 03    | 17      | 13        | 6         | 19              | 6         | 3         | 9               |
| 04    | 11      | 7         | 6         | 13              | 3         | 3         | 6               |
| 05    | 35      | 27        | 16        | 43              | 11        | 7         | 18              |
| 06    | 40      | 26        | 23        | 49              | 14        | 11        | 25              |
| TOTAL | 127     | 93        | 63        | 154             | 45        | 30        | 75              |



Foto: Comunicação e Cultura

Alguns dos exemplares produzidos

A produção do jornal não aconteceu na mesma velocidade em todos os grupos e dependeu do desenvolvimento dos adolescentes. Aqui, a participação dos adolescentes e dos professores foi determinante para a realização da publicação escolar. Essa é uma ação que depende do envolvimento direto dos participantes. Sem isso, o jornal fica fragilizado e com uma periodicidade incapaz de garantir os impactos positivos do projeto na escola.

## Impacto e sustentabilidade

**Participação dos adolescentes:** O principal problema encontrado no decorrer do programa foi a evasão dos alunos, o que levou à desestruturação de diversos grupos. Os motivos mais marcantes da evasão foram as interrupções de atividades por conta das férias escolares e da greve parcial dos professores e a dificuldade de deslocamento dos adolescentes para os locais de capacitação. Esse último foi

o fator mais grave, por ser de natureza permanente, dado que está relacionado à sensação de insegurança dos pais, que proíbem os deslocamentos de seus filhos (majoritariamente entre 12 a 16 anos) quando as atividades do programa acontecem em escolas distantes. A percepção desse problema ocasionou mudanças na metodologia nos meses de agosto e setembro 2009. Os grupos foram rearticulados para quando terminou a greve nas escolas (julho). Este problema foi determinante para que o projeto não conseguisse garantir as publicações das edições de todos os grupos.



Foto: Comunicação e Cultura

Grupo de crianças e adolescentes que participaram das oficinas

**Locais (sedes) de capacitação:** As turmas foram formadas considerando a proximidade geográfica das escolas. No entanto, surgiram alguns problemas com relação a isso. O primeiro, diz respeito à indisponibilidade de espaços nas escolas para sediar a capacitação. Para algumas turmas, tivemos que conseguir espaços nas comunidades (igreja, Centros Sociais Urbanos, escolas estaduais e outros) e para outras, tivemos que mudar o local no meio do processo, o que desestabilizou os grupos. Apesar da continuidade das oficinas garantida a todos, o segundo problema diz respeito à indisponibilidade dos participantes em se deslocarem para outras escolas mesmo sendo próximas.

**Sensibilização dos professores para acompanhamento do Jornal Escolar:**

No momento de apresentar a importância da apropriação do acompanhamento dos grupos e da produção dos jornais por parte da escola, surgiu um discurso de que “isso seria um trabalho a mais e a escola não teria condições de realizar

esse acompanhamento”. Hoje, as escolas já estão mais sensibilizadas sobre a necessidade de se ter um professor envolvido no acompanhamento do programa, pensando as estratégias de intervenção nos grupos para garantir o impacto positivo do jornal na escola. Mas, no primeiro momento, essa foi uma dificuldade real. Formar parcerias dentro da escola é um aspecto importante para que qualquer programa possa se desenvolver de forma plena. No sentido de estreitar a relação com as escolas, foram realizadas reuniões objetivando fortalecer o diálogo e a percepção de que as escolas são importantes para o desenvolvimento do Jornal Escolar.

Apesar destas dificuldades, que podem prejudicar a continuidade das ações nas escolas, o projeto alcançou alguns impactos:

- O uso social da escrita pelos alunos permitiu melhorar a aprendizagem da Língua Portuguesa (alfabetização e letramento);
- O jornal fortaleceu as estratégias de ensino contextualizado da escola;
- A atividade no jornal representou para os alunos uma experiência significativa de participação social;
- A participação deu aos adolescentes uma chave de compreensão sobre o mundo da comunicação, tornando tangível a existência de pessoas, e portanto de subjetividades e interesses, por trás da mídia (desmistificação);
- A escola melhorou sua integração com a comunidade por meio do jornal.

Foto: Comunicação e Cultura



Os alunos receberam capacitações específicas para produção do jornal.

# Lições aprendidas

da Educomunicação



Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz



Com base nas experiências relatadas na sessão anterior, foram sistematizados os principais aprendizados gerados com a prática das organizações. Também foram identificados os princípios norteadores das ações realizadas no projeto.

O projeto foi estruturado sob onze princípios fundamentais:

- **Integralidade** – favorecer o desenvolvimento integral dos alunos
- **Observação crítica e experimentação** – desenvolvimento da capacidade de análise
- **Qualidade** – produtos refletem a qualidade do processo formativo oferecido
- **Interatividade** – co-autoria entre professores e alunos nas ações e peças feitas
- **Inclusão** – valorização da diversidade e desenvolvimento das habilidades
- **Motivação** – capacidade de atração exercida pela mídia e as novas tecnologias
- **Afetividade e cooperação** – caráter coletivo e participativo de todo o processo
- **Criatividade** – desafio de pensar, pesquisar e construir o novo
- **Participação** – conquista das opiniões e espaços para propor, interferir, avaliar
- **Contextualização e sentido** – conteúdos inseridos no contexto escolar e de vida
- **Intencionalidade** – ações e produtos capazes de mobilizar a comunidade escolar

Algumas circunstâncias foram essenciais para iniciar e garantir a continuidade dos processos de educomunicação:

**Criação de rotina** Para os adolescentes, foi imprescindível a existência da rotina, porque embora eles estivessem neste momento de suas vidas em busca de novidades, eles também aderiram a algo que lhes deu suporte, ampliou seus horizontes e repertório educativo e cultural. Sem a rotina, ficaria difícil para os jovens se vincularem. A rotina traz uma referência no tempo e permite que as pessoas possam se organizar para participar e desenvolver juntos planejamentos, estratégias e convivência. A rotina não foi sinônimo de monotonia, mas de uma organização do tempo em prol das coisas que necessitavam de cuidado para crescerem e aprofundarem-se.

**Educomunicadores de referência** Um educador de referência para as formações foi muito importante no desenvolvimento do projeto. Foi no cultivo diário da relação entre educador e adolescentes que se criou um campo de confiança entre ambos. O educador de referência teve a possibilidade de cuidar mais integralmente da turma, passando a conhecer de forma mais individualizada os adolescentes. Os objetivos do projeto, por terem certa complexidade e profundidade, não poderiam ter sido trabalhados em poucas oficinas ou com um educador a cada hora.

**Temas geradores** Um projeto de educomunicação não trata apenas de instrumentalizar tecnicamente os adolescentes com ferramentas de comunicação. Há junto a isso um cuidado de debater temas que serão base para produção de peças educacionais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a comunidade, a transformação individual e social. Isso demanda um bom investimento em relações humanas.

**Interlocutor de referência** Ter no local onde acontecem as formações uma pessoa que compreende e apóia o projeto e tem disponibilidade para acompanhar ações, fazer alguns contatos e mobilizações foi essencial para que o projeto acontecesse. O interlocutor de referência assumiu um diálogo com a gestão da escola e as pessoas da comunidade, cuidou do agendamento para uso de salas, e do diálogo com a coordenação do projeto, apresentando contextos e realidades da escola.

**Ponto de encontro** Por mais que seu alcance se dê em diversos pontos da comunidade, foi importante ter um lugar de apoio, onde se pode fazer reuniões e conduzir formações. A sala para formação deve ser, preferencialmente, sempre a mesma, com mesas, cadeiras, e, idealmente, com internet e lugar para guardar materiais e equipamentos.

**Ações continuadas** A oportunidade de criar um processo de educomunicação com formações no mesmo território que se pretende transformar é muito importante. Além disso, abre-se a possibilidade de realmente experimentar junto com a comunidade etapas essenciais de qualquer projeto como: planejamento, reajustes, pesquisa, mobilização, produção, ação e avaliação. Uma presença mais contínua permitiu que as pessoas (adolescentes e adultos) fossem aos poucos também conhecendo melhor os propositores e criando juntos os próximos passos.

Alguns significados e etapas da educomunicação foram identificados como elementos-chave do processo de desenvolvimento das ações do projeto, como:

A educomunicação como um processo pedagógico que fortalece a cidadania, possibilitando aos educandos o exercício do direito à comunicação e, ao mesmo tempo, como um processo gerador de conhecimento pelo qual uma ação gera uma reflexão e vice-versa, por meio da participação e liderança dos educandos em ações educacionais comunitárias.

- I. Mobilização;
- II. Produção de Conhecimento;
- III. Capacitação e Produção;
- IV. Articulação e Parcerias;
- V. Avaliação e Monitoramento.

É importante ressaltar que os passos descritos a seguir não precisam acontecer necessariamente em sequência temporal, mas o educador deve compreender estas etapas como *dimensões* a serem trabalhadas, lugares a serem

significados e, que articulados, constituem possibilidades de organização do processo de construção da educomunicação. Vale ressaltar ainda que o trabalho de educomunicação com adolescentes deve retomar constantemente a etapa anterior, por tratar-se de um momento de muitas transformações e descobertas em que o educando pode constantemente se desvincular de situações para descobrir outras.

## I. Mobilização:

Desenvolver um trabalho de educomunicação em escolas públicas é uma missão que requer o envolvimento da escola como um todo (professores, gestores e alunos) e que tem nas famílias uma base de apoio aos adolescentes envolvidos. Sem esse suporte, seria inviável a participação dos jovens no desenvolvimento do projeto e os processos comunicativos na escola e comunidade não teriam abrangência.

### O que nós podemos juntos?

É a pergunta norteadora da etapa de mobilização, em que se busca inicialmente criar entre os adolescentes comunicadores uma identidade de grupo.

Para que as ações de mobilização tenham adesão na escola e comunidade, é importante que se crie um contexto favorável, em que se pode contar com a confiança e colaboração dos participantes adolescentes e adultos do ambiente escolar.

Ações de mobilização são iniciativas que acontecem por um período determinado e possuem diversas frentes de trabalho e participação. Pessoas diferentes da escola e da comunidade podem colaborar em graus distintos, conforme sua disponibilidade.

Com o objetivo de mobilizar e articular lideranças comunitárias para aproximação da comunidade e escolas públicas são necessários: encontros para sensibilização na metodologia da Educação pela Comunicação; apresentação da proposta pedagógica do projeto nas escolas e suas comunidades; assim como apresentação dos resultados e avaliação dos processos.

De qualquer forma, para um âmbito mais localizado (escola e comunidade) e prevendo um público mais circunscrito, o principal é articular o grupo de adolescentes, seguido de comunidade escolar, lideranças comunitárias, famílias mais próximas dos adolescentes e outras pessoas da comunidade.

Antes de iniciar o trabalho de educomunicação, é necessário mobilizar um grupo com o qual se vai trabalhar. Neste grupo, os primeiros laços são criados entre os adolescentes que passam a frequentar as atividades de formação. É absolutamente estratégico que estes adolescentes se vejam como um coletivo. O entendimento das diversas dimensões do projeto pode ser trabalhado a longo prazo. Entretanto, se não existe um núcleo mínimo que se identifique como grupo e valorize o



projeto, a ideia de uma construção coletiva fica prejudicada. Uma das maneiras para formar um grupo que compreende e constrói junto o processo é sempre deixar claro para adolescentes e qualquer participante quais são os objetivos do projeto, chamando todos para delinearem seus papéis nas iniciativas. Essa “apresentação” deve ser constantemente revisada. A cada reunião de formação, o educador também deve dizer qual é o objetivo específico daquele encontro. Isso alinha as expectativas da turma e proporciona um saber sobre a importância do processo para conhecer e transformar.

Aqui também se deve marcar a riqueza de compartilhar com os educandos o processo proposto. Esse compartilhar garante transparência no processo. Ao entender o percurso do qual participam, os adolescentes podem desenvolver o senso crítico, a responsabilidade, transformando-se também em propositores. Eles também aprenderão a agir em parceria com outras pessoas e instituições da comunidade, constituindo, desta forma, um coletivo.

O coletivo vai se formando a partir das ações. O número de pessoas participantes é flutuante e é possível diferentes graus de envolvimento e contribuição, desde que cada um deixe claro seu papel e compromisso, o que também se modifica no processo.

Aqui vale desde uma pessoa que pode trazer um lanche para uma atividade comunitária, até alguém que pode acompanhar as formações com os adolescentes ou usar seu carro de som para fazer a divulgação de campanhas.

A ideia é que o maior número de pessoas participe não apenas no dia da ação, no caso de um evento, mas que possam se envolver ao longo de todo processo, contribuindo com o conceito do programa, seu planejamento, pesquisa, produção, divulgação etc.

Deve-se compreender a importância do envolvimento das diversas redes sociais das quais os meninos e meninas que compõem o projeto fazem parte. Os diferentes saberes devem ser respeitados e toda forma de participação nessas redes, incentivadas, sejam elas associações de moradores, ONGs, grupos de igrejas etc

É na elaboração conjunta entre os agentes que se cria o terreno para que o projeto tenha sustentabilidade, pois seus diversos agentes aprendem como planejar, mobilizar, executar, avaliar, ganhando responsabilidade e autonomia. Neste sentido, é importante que as expectativas não excedam àquilo que a comunidade dá conta, segundo suas condições de tempo, trabalho voluntário e compreensão da proposta em curso. Por isso, ao longo do processo, são feitos diversos ajustes.

O lançamento de uma ação de mobilização serve de pretexto para o trabalho semanal de formação junto aos adolescentes, dotando o projeto de um caráter menos pontual do que apenas oficinas de educomunicação. Por fazerem parte das estratégias de uma ação de mobilização, as formações semanais ganham um

fio lógico inerente ao processo educacional, em que o aprendizado é feito a partir de necessidades e contextos reais de uma comunidade, ganhando sentido e propósito para os educandos.

Os produtos de uma ação de mobilização não são apenas resultados de um processo educativo, mas sim peças fundamentais em atividades na escola e comunidade. Essas ferramentas garantem que a necessidade de se elaborar produtos de comunicação de qualidade não seja simplesmente pelo valor da nota, mas porque os colegas e vizinhos poderão usá-los para melhorar suas vidas e refletirem sobre alguma questão.

Além de formações junto a um grupo de adolescentes comunicadores, para qualquer ação de mobilização é necessário também atuar junto a outros agentes da escola e da comunidade. Essa mobilização pode ser feita pelos adolescentes comunicadores conforme eles conheçam e criem elos com lideranças locais. Muitas vezes, é imprescindível que coordenação e educadores do projeto também conversem e conquistem outros públicos.

O objetivo das peças de comunicação produzidas durante a formação também deve ser o de gerar mobilização social, sendo os integrantes do projeto incentivados a divulgar a produção em suas organizações comunitárias e também a convidar a sua comunidade a participar das discussões e mostras realizadas no espaço escolar.

## **Mobilização de crianças e adolescentes**

(que fazem ou não fazem parte do grupo de comunicadores)

Esta mobilização pode acontecer por meio de muitas conversas informais, reuniões e circulação de materiais de comunicação. A primeira etapa serve para dar um conhecimento geral sobre comunicação e despertar o desejo de participar.

### **Elementos que fazem a diferença:**

- Possibilidade de acesso às informações relacionadas aos Direitos (conhecimento e defesa);
- Uso das tecnologias da comunicação e informação;
- Atividades lúdicas, interativas e atrativas;
- Apresentação da proposta de forma democrática. Não utilizar critérios para seleção dos adolescentes. O interesse deve ser um item utilizado pela equipe para mobilizar os adolescentes.
  - Para mobilizar os alunos na escola, a melhor forma é ir de sala em sala, convidando-os para participar de uma Oficina de Seleção. Nesse caso, é importante que os professores e diretores da escola reforcem o convite.
  - É muito importante que a escolha de participar ou não seja feita pelos adolescentes nesse processo;
- Ir de encontro às demandas dos jovens é também um elemento mobilizador;

- Incluir os adolescentes no processo de definição de temas;
- Explorar atividades que mais contribuem para mobilizar alunos como rádio ao vivo;
- Reconhecimento dos educadores em relação ao empenho, aos resultados, à participação dos adolescentes nas oficinas e produtos.

## Mobilização da comunidade dentro e fora da escola

Para além da comunidade escolar, a mobilização comunitária pode envolver rádios comunitárias e outros instrumentos como jornais de bairro, *fanzines*, cartazes, panfletos, jornal mural ou varal, painéis, sistema de som, rádio-poste. Essas são algumas soluções criativas, com baixo custo e resultados positivos na mobilização social. O material produzido pela comunidade pode ser veiculado nas próprias mídias comunitárias ou ser disponibilizado para veiculação em mídias comerciais que atuam na região. É importante aproveitar todos os espaços comunitários, como praças, feiras, igrejas, clubes, entre outros.

### Elementos que fazem a diferença:

**Famílias:** eventos, confraternizações, sorteios, mostra de produtos e trabalhos realizados pelos adolescentes. A energia dos educadores mobiliza as famílias e promove o reconhecimento do potencial dos filhos. As famílias devem ser convidadas para atividades diferenciadas. O projeto como espaço de apoio às famílias no processo de desenvolvimento dos adolescentes. À medida que as famílias são mobilizadas, a comunidade começa a fazer parte do processo.

**Professores:** projetos coletivos, material de apoio, material pedagógico. Comunicações por e-mail e via jornal mural. Os próprios adolescentes podem trazer informações sobre o projeto junto aos professores.

**Criar espaços abertos à participação da comunidade,** que conta com os educandos e educadores em sua realização, como Cineclubes para exibição e debate de filmes, vídeos e mostras interativas para exibição de outros produtos audiovisuais, de preferência como resultado do trabalho de produção do projeto.

Dando continuidade às ações de mobilização, podem ser realizadas oficinas para identificar temas de interesse da comunidade escolar para a produção de materiais de comunicação. Veja na sessão a seguir como trabalhar com temas geradores que serão a base para o processo educativo da comunicação.

## II. Produção de conhecimento:

A educomunicação é uma experiência de conhecimento que pressupõe um trabalho de comunicação voltado para o outro e para a comunidade, mas que parte sempre de um trabalho contínuo de autoconhecimento, ou melhor, autocriação e transformação. Isso vale para os educandos, educadores e qualquer outra pessoa envolvida no processo.

Por isso, ações de educomunicação devem transformar a escola e a comunidade, mas também criar simultaneamente um efeito nos indivíduos e em sua subjetividade (forma de existir). É a ampliação do espaço interno que garante que cada um terá autonomia para refletir, colocar-se no lugar do outro, cuidando de sua privacidade e compreendendo seu papel como sujeito transformador.

Ao aprimorar o conhecimento de si, os educandos estão mais abertos e receptivos para pensar no outro. Quem é o outro? Qual é o meu espaço e o espaço do outro? Como posso me relacionar com o outro? Quais são as diferentes formas de relacionamento? Qual é a importância do acordo? O que é cooperação, solidariedade, respeito? Por isso, desenvolver atividades que respondam a tais questionamentos dá aos educandos o repertório necessário para compreender que todos têm direitos e deveres.

Para preparar o trabalho com o tema “direito”, por exemplo, é importante significá-lo de forma concreta, lançando a pergunta: “o que os direitos têm a ver comigo?”. Para começar a responder essa pergunta é preciso retroceder ainda mais e perguntar: “quem sou eu?” Ao criar este percurso, o educando tem condições de fazer a conexão entre sua vida, a história da humanidade e a “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, por exemplo.

É oportuno introduzir nesta etapa os direitos humanos e seus documentos, pois há contexto para tal associação do micro (relações entre os adolescentes) e o macro (que abrange outras instâncias de diálogo e participação, como o governo, secretarias etc). Ou seja, os direitos como fruto da sociedade, do viver junto, precisam se revelar na construção diária, que depende de um exercício complexo, que pode envolver, fora acordos e compromissos selados, a necessidade de perdoar, recomeçar, repactuar, trabalhar o consenso, a tolerância, entre outros aspectos. As atividades devem buscar, simultaneamente, apresentar esses documentos, relacioná-los com a realidade local e incentivar os adolescentes a serem agentes de divulgação e efetivação desses direitos.”

O processo de definição de conteúdos ligados à participação dos alunos na escola, a discussão sobre direitos e outros temas de interesse comum a serem abordados deve acontecer de forma colaborativa entre educadores e educandos, e envolver temas transversais previstos no projeto pedagógico das escolas.

O educador deverá estar sempre atento às manifestações dos adolescentes, aos temas transversais que surgem durante os debates e durante a convivência do grupo. Muitas vezes, é necessário abrir um espaço no planejamento pedagógico para discutir um tema que surgiu. Quando o educador cria esses momentos, o elo e o sentido do projeto são clareados para todos, pois é importante criar um equilíbrio entre o tempo do projeto e do planejamento e o tempo e forma de aprendizado dos adolescentes. Além disso, essa atividade “extracurricular” proporciona aos adolescentes um espaço de escuta que é bastante raro na dinâmica cotidiana da escola e da família.

Por conta dos diferentes perfis, os conteúdos são abordados de maneira diferente entre os grupos. Ao longo de reflexões provocadas durante oficinas temáticas realizadas, essas experimentações são alinhavadas e costuradas, dando vida a pequenos textos, desenhos, colagens, quadrinhos e que posteriormente em uma próxima etapa se transformarão em ricos conteúdos para produção de peças de comunicação.

A formação sobre os temas geradores é, portanto, a ativação de um ou mais temas para dar conteúdo base para o desenvolvimento das atividades de educomunicação nas etapas de capacitação e produção. Esta formação mais geral pode acontecer de diversas formas: rodas de conversa, trabalho com textos, vídeos, fotos e outros materiais que podem incitar debates e reflexões.

Alguns exemplos de temas geradores são: Identidade, Formação de Grupo, Sexualidade, Relação Família-Escola-Comunidade, Educação pela Comunicação, Tecnologias da Informação e da Comunicação, Participação e Direitos da Criança e do Adolescente. Veja a seguir aprendizados e resultados da abordagem de alguns temas geradores no projeto:

## **Conhecimento dos direitos de cidadania**

É preciso tentar conectar os direitos de cidadania e sua eventual ou sistemática violação com a rotina de vida dos participantes. Discutir o tema a partir das dúvidas e demandas apresentadas pelos adolescentes nas discussões da oficina. Foi realizado, por exemplo, o exercício “mala dos direitos”, em que uma mala cheia de objetos é apresentada a cada estudante, que escolhe algo de dentro dela para contar uma história; a partir dessas histórias são desenvolvidos debates sobre os direitos fundamentais previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Embora todas as escolas possuíssem o ECA em suas bibliotecas, foi nas oficinas que os meninos e meninas tiveram o primeiro contato com o Estatuto. Para a maioria, foi uma surpresa a descoberta dos direitos. Os grupos produziram fanzines explicando o que era o estatuto e seu conteúdo e distribuíram nas escolas e comunidade. Nos encontros, foram produzidos desenhos e colagens, além de mobilização nas escolas para a divulgação dos fanzines.

## Acesso a serviços e políticas

Ao discutir os direitos, os adolescentes são estimulados a se incomodarem com a violação de seus direitos fundamentais. Embora não possamos promover o acesso mais amplo a serviços e políticas públicas para a infância, podemos estimular os adolescentes a participarem das decisões da escola, formando, por exemplo, grêmios estudantis, que utilizarão a educomunicação como estratégia para mobilização e participação.

**Direitos e escola** A consciência com relação aos seus direitos e obrigações foi também trabalhada no universo do espaço escolar, no intuito de gerar conhecimento sobre as dificuldades e as potencialidades dessa instituição pública, que deve ser cuidada por eles como um espaço seu e que também deve oferecer serviços de melhor qualidade. O debate surgiu em oficinas ampliadas onde os adolescentes debateram as questões inerentes a este espaço, assumindo que ele também lhes pertence. A reflexão sobre a escola não gira só em torno do que é negativo e positivo, mas como cada um pode contribuir para que a escola seja melhor. Um dos mais importantes debates que surgiram durante a oficina foi a necessidade da construção de um refeitório na escola para todos os alunos que têm aulas durante um turno e estágio de complementação da formação no contra-turno. Para entender quais eram os empecilhos para que a escola passasse a servir refeições e para confirmar a relevância do tema para a comunidade escolar, os jovens gravaram um pequeno vídeo, na hora do intervalo, onde alunos, professores e funcionários falam sobre a importância de uma alimentação de qualidade, assim como a necessidade e dificuldade que enfrentam diariamente na hora da alimentação na escola. Todo esse debate contribuiu para o fortalecimento dessa luta, fazendo com que a direção tenha mais um instrumento para reivindicar esse direito, que não está sendo atendido pelo Estado. Outros temas importantes foram a relação entre professores e alunos; a mídia e suas manipulações; o uso do uniforme; a má conservação dos banheiros etc.

**Direito à Comunicação** Foram trabalhados e construídos coletivamente conceitos de comunicação. Discutiu-se também a comunicação como direito humano que proporciona vez e voz e que dá acesso ao conhecimento de outros direitos. Foram produzidos fanzines para apresentar os conceitos de comunicação elaborados pelos grupos: direito à comunicação, democratização da comunicação e comunicação para o desenvolvimento.

**Direito à Educação** Os meninos e meninas elaboraram uma pesquisa na escola sobre o que era educação de qualidade. O resultado da pesquisa culminou na elaboração de duas peças de comunicação: fanzine e fotoclipe. Na Escola, o grupo produziu um programa de rádio sobre educação com entrevistas com os professores sobre o que era ser professor e os desafios da educação básica. Para a gravação das entrevistas, foram utilizados celulares e *mp3 players*. Já a edição foi feita com a utilização do *software* livre Audacity.

**Sexualidade enquanto direito humano** Foram realizadas oficinas sobre sexualidade enquanto direito humano. Foram abordados os seguintes conteúdos: gênero, família, dúvidas sobre sexualidade, prevenção à gravidez precoce, direitos sexuais. Os adolescentes demonstraram grande interesse pelo tema e pelas oficinas e usaram métodos como: elaboração de cartazes, jornal-mural, álbuns de família, debate de filmes e gincanas.

**Violência na escola** Foi realizada uma *Campanha de Prevenção à Violência nas escolas* com o objetivo disseminar o *Capítulo II do Estatuto da Criança e do Adolescente – Do direito ao respeito, à liberdade e à dignidade*. Com esse mote, a campanha realizou uma série de oficinas para 600 crianças de 6 a 12 anos e 600 adolescentes de 13 a 16 anos. A metodologia aplicada buscou, através do lúdico, da expressão artística, das dinâmicas corporais e da "pedagogia do cafuné" identificar o imaginário das crianças e adolescentes acerca da "escola real" e da "escola ideal". Na sequência, foram desenvolvidas oficinas introdutórias ao Estatuto da Criança e do Adolescente, além de propostas que promoveram a reflexão das crianças e dos adolescentes acerca da sua contribuição para melhoria do ambiente escolar.

**Identidade** Este tema incluiu três fases de discussão: eu, minha escola e minha comunidade. Na primeira fase, foi trabalhada a história do nome, a relação com a família/responsáveis, características pessoais, sonhos e desejos. Na fase da "minha escola", questões relacionadas à participação no espaço escolar, relação professor-aluno, qualidade da educação e o que é ser estudante foram abordadas nas oficinas. A terceira fase extrapolou os muros da escola e os meninos e meninas trataram da sua relação com o bairro. Durante os encontros, foram produzidos textos, mandalas, fotografias, vídeos por celular que culminaram no processo de produção de fotoclipes editados no programa *Windows Movie Maker* e *PhotoStage*.

**Raça e Etnia** Um dos grupos demonstrou interesse em conhecer mais sobre o movimento *Hip Hop*, identidade negra e ações afirmativas. Foi realizado um debate em toda escola e os membros do projeto participaram de oficinas de RAP. Como fruto do processo, foram produzidos o fotoclipe *Identidade Brasileira* ([www.youtube.com/user/Educomunicacao1](http://www.youtube.com/user/Educomunicacao1)) e um RAP sobre os direitos das crianças e adolescentes. O grupo construiu um RAP que foi gravado em *mp3 player* e editado como *Audacity*. Confira o RAP produzido durante a oficina sobre identidade negra e ações afirmativas.

### *Direito a ter Identidade*

*“Sem documento a gente não é nada  
Identidade lembra muitas paradas  
Quero direito a ter identidade  
Direito à educação de qualidade  
Direitos iguais a ser diferente  
Direito a ter amor, a cuidar da gente  
A ser respeitado e a brincar  
A participar da aula e a estudar  
Direito a receber informação  
Dever a cumprir para todo cidadão”*



## III. Capacitação e produção:

### O Percurso formativo

Já mobilizados e orientados pelas discussões de temas geradores, professores e alunos foram capacitados, através de oficinas e encontros, para utilizar a metodologia da educomunicação em seu cotidiano e estimulados a compor um grupo de adolescentes comunicadores em sua escola.

Nesta fase, o principal objetivo foi elaborar um projeto comunicativo, bem como integrar e coordenar as ações referentes à sua implementação, que pressupõem a realização sistemática de um Produto de Comunicação. Os conteúdos da peça comunicacional são criados em meio à dinâmica das discussões feitas na etapa anterior. O processo de produção gera materiais audiovisuais, programas de rádio, sites e materiais impressos, que se constituem em material educativo de qualidade para o trabalho com disciplinas variadas, além de provocarem ações de mobilização que podem envolver toda comunidade escolar.

A elaboração de mídias escolares deve articular-se com o ensino dos conteúdos curriculares formais, do projeto pedagógico da escola e exige uma ampla parceria entre educadores e educandos, que se tornam produtores de conhecimento. O aluno assume o papel de sujeito da própria aprendizagem e torna-se co-responsável pelo desenvolvimento do Projeto Educativo. Já o professor desempenha a função de facilitador/mediador de todo o processo, também crescendo junto com ele.

A atividade pedagógica cotidiana ganha sentido, uma vez que recebe a missão de gerar um produto com grande poder de mobilização, cujo objetivo social é definido por seus próprios autores. As aulas deixam de ser uma mera transmissão



de conhecimento, constituindo-se em situações de troca e construção coletiva. O porquê e para que aprender se tornam cada vez mais nítidos, à medida que o grupo compreende o que, para que e para quem se está produzindo.

Como o projeto da educomunicação visa contribuir com um objetivo maior: a melhoria da qualidade da educação básica, por meio do uso educativo e estratégico da comunicação, o percurso formativo acontece em três esferas: professores, crianças, adolescentes e familiares/responsáveis e é formado pelos seguintes elementos:

**Desconstrução** leitura crítica de mídia através da análise dos formatos, conteúdos, linguagens, materiais utilizados e público;

**Planejamento** elaboração do planejamento de mídia, definição de equipes de trabalho, articulação com a comunidade escolar;

**Produção** momento de experimentação, produção textual e oficinas técnicas

**Disseminação** culminância do processo, mostras interativas, apresentação da produção à comunidade;

**Avaliação** retomada das etapas, avaliação de todo o processo.

O uso da comunicação pode ocorrer de forma transversal a todas as disciplinas, estimulando a apropriação, por parte dos estudantes, de ferramentas de comunicação, como *fanzines*, jornal-mural, rádio, vídeo, fotografia, painéis, *websites*, *blogs* etc. Associadas ao processo de produção de peças de comunicação, podem ser desenvolvidas atividades de estímulo à leitura crítica da mídia a partir do uso de jornais impressos, programas de TV e de rádio, revistas etc.

Confecção de produtos educacionais como peças fundamentais que proporcionam:

- “pretexto” para aprofundar a formação nos temas geradores;
- aprendizados sobre como fazer produtos de comunicação que funcionam como elemento de mobilização social e contribuem para o processo de aprendizado.

É importante marcar que os produtos educacionais podem ser:

- impressos, como jornais, cartazes, panfletos, *fanzines*;
- virtuais, como blogs, sites, redes sociais na internet;
- audiovisuais como rádio, fotografia, vídeos, fotoclipes.

Ações como enquetes e entrevistas também são ótimos recursos para que os participantes possam conhecer e aprofundar seus saberes sobre um determinado assunto. Também se pode optar por trabalhar com ações de comunicação a partir de um produto específico (revista, vídeo, rádio etc).

## Capacitação de professores

A estratégia de capacitar professores na utilização de tecnologias de comunicação tem o objetivo de sensibilizá-los para o seu uso no espaço escolar, como forma de aprimorar a prática educativa e experimentar inovações no processo de ensino e aprendizagem.

Os docentes podem participar de oficinas de sensibilização a fim de que incorporem a metodologia da Educação pela Comunicação em sala de aula. Os conteúdos trabalhados nestas oficinas podem incluir: leitura crítica da mídia, utilização pedagógica das novas tecnologias e produção de peças de comunicação, através de oficinas de jornal, fanzine, rádio, fotoclipe, blog, vídeos e fotos.

Além desses conteúdos, é preciso trabalhar o desafio da transposição didática, o diálogo com o currículo e a peça de comunicação como canal para escoar a produção de sala de aula.

Nas ações realizadas com os professores, o projeto buscou abordar as noções básicas e a importância da educomunicação na escola. Houve momentos em que se discutiu com os professores as diferenças entre a “escola real” e a “escola ideal”, com a criação de estratégias para melhoria do ambiente escolar. Essas ações serviram de diagnóstico para que a equipe pudesse avaliar melhor a dificuldade dos professores em participar.

É fundamental ter o foco do trabalho no professor e em sua formação para a efetiva inclusão da educomunicação como metodologia dentro da escola. Sem a sensibilização constante da formação dos professores, os estudantes se sentem sozinhos no processo e não encontram eco às suas vozes e ações dentro de sala de aula, nem conseguem articular ações que envolvam toda a comunidade escolar.

### Elementos-chave da capacitação de professores:

- Criar junto ao projeto político-pedagógico da escola espaços e tempos para a formação dos professores no campo da educomunicação;
- Realizar projetos dos professores com apoio da equipe técnica de educomunicação;
- Entender a dinâmica da escola e tentar articular a proposta de educomunicação com essa dinâmica;
- Desenvolver material pedagógico que demonstre como a educomunicação pode contribuir para o aprendizado das disciplinas da escola regular;
- Evitar o conflito e a concorrência entre as atividades de educomunicação e o conteúdo previsto na grade curricular. Se a capacitação e o material pedagógico para professores não se tornar um empecilho para o desenvolvimento das atividades escolares obrigatórias, é possível haver maior interesse por parte dos professores.

## Capacitação de crianças e adolescentes

Meninos e meninas participam de uma formação que acontece sistematicamente, em que as tecnologias da informação e comunicação incorporam-se à dinâmica educacional de maneira orgânica e potencializada. Configuram-se, então, espaços propícios à iniciativa, criatividade e cooperação, que extrapolam a sala de aula e passam a envolver toda a escola e a comunidade que a cerca. O processo educativo converte-se em algo prazeroso, instigante e contextualizado. Através da experimentação, desconstrução e produção de mídias, o grupo discute temas ligados ao currículo e projeto pedagógico da escola.

A metodologia de capacitação dos alunos os estimula a atuarem como mobilizadores e multiplicadores das informações em sua comunidade escolar, e o impacto de sua ação como educadores ganha ainda mais potencial.

*Acho que esse projeto vai me ajudar muito em sala de aula, pois nos prepara para sermos professores do futuro. E a tecnologia a que temos acesso hoje vai nos ajudar muito para proporcionar a melhor educação aos nossos futuros alunos.*

*Letícia Silva Martins, aluna*

## Capacitação das famílias

O objetivo de envolver pais e responsáveis no processo de formação é aproximá-los da comunidade escolar. É importante organizar oficinas educacionais para as famílias, a fim de que elas vivenciem a metodologia utilizada nas atividades de formação das crianças e adolescentes. Também pode ser feito o envio de cartas-convite, mensagens, textos e outros comunicados sobre os conceitos e ações do projeto e um estímulo para que as crianças e adolescentes dialoguem com as famílias sobre os temas trabalhados. Com isso, há um perceptível ganho de confiança de alguns familiares, que passam a demonstrar maior interesse em acompanhar o projeto e dialogar com seus filhos sobre as atividades desenvolvidas.

### Elementos-chave da capacitação de crianças e adolescentes e suas famílias

- Em primeiro lugar, é importante entender o que é ser um educador, pois, em princípio, a educação alia métodos comunicativos para a formação de cidadãos críticos. Onde, nesse processo, surgiria um “educador”?;
- Se considerarmos o adolescente educador como um multiplicador,

acreditamos que é apenas possível estimulá-lo a multiplicar a metodologia e as informações produzidas no projeto em função de seu interesse pelos temas desenvolvidos e técnicas trabalhadas;

- Se consideramos o educador como um comunicador crítico envolvido no contexto escolar mais amplo, é preciso estimular a circulação dos produtos da oficina dentro da comunidade escolar e uma participação ativa dos educandos na vida da escola;

- Propor um planejamento para a continuidade de ações em educação depois do fim do projeto (autonomia);

- Há sempre um esforço para envolver as famílias na vida escolar das crianças e adolescentes e mantê-las informadas das atividades do projeto, por meio de reuniões, conversas telefônicas e comunicados impressos. Acredita-se que desenvolver nas famílias o sentido e a importância da “participação na vida escolar dos filhos” seja um dos maiores desafios dos projetos realizados em escolas.

## IV. Avaliação e monitoramento

Foi muito importante desenvolver para cada um dos processos descritos anteriormente mecanismos para monitorar e avaliar o que foi feito. Mais importante ainda foi envolver os participantes de cada atividade no monitoramento e avaliação do projeto em suas várias fases.

O plano de ação anual do projeto foi construído de forma colaborativa por todos os membros das equipes técnicas das ONGs locais. Esse plano continha ações que foram realizadas durante o período de implementação do projeto e o cronograma de execução das mesmas. Periodicamente, foram realizados também encontros de planejamento das atividades de formação dos educandos. Participaram desses momentos as equipes de educadores e a coordenação pedagógica. Esses encontros enriqueceram pedagogicamente o processo por meio de uma troca intensa de experiências entre os educadores. Todas as ações foram planejadas levando em consideração o contexto de cada unidade escolar bem como o perfil do grupo.

O projeto também foi avaliado e acompanhado pedagogicamente durante os dois anos pelos adolescentes, diretores, professores e coordenadores pedagógicos e em diferentes momentos com as secretarias de educação para avaliar e rever estratégias, agendas etc. Foram realizadas reuniões periódicas de acompanhamento pedagógico e planejamento dos educadores durante as visitas periódicas às escolas. Este acompanhamento foi feito de forma participativa e compartilhada entre professores, diretores e coordenadores pedagógicos das escolas. À medida que os resultados das avaliações são

oferecidos e compartilhados, tanto o projeto quanto a escola ajustaram seus planos de trabalho e abordagens para que os alunos pudessem superar as dificuldades apontadas.

No final de cada período, os alunos avaliaram de diferentes formas questões referentes a diversos pontos: avanços pessoais, dificuldades, avanços coletivos, atuação dos educadores, aprendizados e questões a serem revistas/propostas. Os resultados dessas avaliações foram socializados em rodas de conversa com os adolescentes e em reuniões com os adultos da escola, trazendo uma série de pistas para a qualificação do trabalho realizado. Muitas das questões abordadas nesta publicação se pautaram em depoimentos escritos e falas trazidas no momento da avaliação.

As avaliações levaram em conta tanto o conhecimento técnico que os adolescentes foram adquirindo em termos de comunicação, como o desenvolvimento de habilidades como responsabilidade, autonomia, cooperação, entre outros. Além do desenvolvimento pessoal de cada um, a relação dos adolescentes que participaram da formação em educomunicação com a comunidade avançou significativamente ao logo dos dois anos. Além de criarem uma relação de pertencimento com o território, mobilizaram a escola e a comunidade em torno das problemáticas locais. Inúmeras vezes foi possível presenciar trocas entre todos esses agentes.

Ao final de cada processo de criação de um produto, era feito um bate papo para que o grupo pudesse avaliar sua participação e o que poderia ser modificado. Durante todo o percurso foram feitas revisões em conjunto com os adolescentes, o que garantiu que eles tivessem clareza de todo o processo e pudessem colocar em prática o conhecimento adquirido, e resgatar tudo o que foi trabalhado nos dois anos de projeto. A produção de material de monitoramento e avaliação do Projeto foi feita também pelos adolescentes.

Pela natureza das ações, os produtos criados ao longo da formação são também registros, feitos pelos alunos, sobre o processo de aprendizado. As atividades incluem registros fotográficos, em vídeo e por escrito, elaborados pelos alunos e pelos educadores. Parte do registro das oficinas e dos eventos foi publicada no site do projeto, além de fotos, textos e vídeos ([www.educomunicadores.org](http://www.educomunicadores.org)).

Em algumas escolas, foram realizadas reuniões de avaliação com as famílias dos adolescentes em que eles entrevistavam os próprios pais, o que levou os pais a se envolverem no projeto e entenderem seu papel na construção de um núcleo de comunicação comunitária. As entrevistas se revelaram como o recurso mais rico para identificar e pontuar as mudanças reais estimuladas pelo projeto, refletindo bastante como o projeto trabalhou esta dimensão mais interna do sujeito, garantindo que cada participante tivesse clareza sobre o tipo de projeto do qual estava participando, o “porquê” e “como” se comunicar.

## Como envolver a comunidade escolar no monitoramento e avaliação?

É importante que sejam realizadas reuniões pedagógicas para que os educadores:

- Se atualizem sobre a situação atual nas comunidade;
- Pensem juntos no planejamento a curto, médio e longo prazo. É importante que se crie e compartilhe um documento com o planejamento a longo prazo que sirva como referência, pois isso pode ir se perdendo conforme as demandas mais imediatas surgem;
- Avaliem o processo. Independente da avaliação na ponta (com os adolescentes), é importante que coordenação e educadores avaliem seu trabalho e possam sempre repactuar: papéis, responsabilidades, o que está ou não funcionando, quais são as estratégias para trabalhar as demandas a longo prazo.

Outras recomendações seriam a realização de:

- Relatórios diários feito pelos educadores após todas as oficinas com os seguintes indicadores: resultados do dia em relação aos objetivos, pontos positivos, desafios, destaque dos educandos no dia, encaminhamentos para a próxima oficina;
- Lista de presença diária com relatórios de frequência bimestral;
- Reuniões periódicas de avaliação e planejamento de oficinas com participação de toda a equipe técnica do projeto, para o planejamento geral dos objetivos e oficinas e reuniões bimestrais de avaliação do projeto com a presença de representantes dos adolescentes, familiares, direção e coordenação da escola. Os estudantes podem eleger democraticamente quem serão seus representantes;
- Ao fim de cada fase ou produto concluído no projeto, é importante a realização de uma oficina para avaliar as últimas atividades e planejar a próxima fase. As oficinas de avaliação podem ser realizadas com metodologias variadas: produção de cartazes, gravação em vídeo, entrevistas entre os participantes, dinâmicas de grupo, criação e leitura de linha do tempo do projeto etc;
- Por se tratar de um programa realizado em parceria com organizações localizadas em lugares diferentes, a coordenação do projeto produziu diversos instrumentos de monitoramento e avaliação: relatórios parciais e um final, boletins especiais, um site contendo toda a produção dos educandos e educadores e esta publicação sistematizando todo o projeto.

**O blog de acompanhamento pedagógico:** Desde o início do projeto *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!*, foi mantido um blog/

site ([www.educomunicadores.org](http://www.educomunicadores.org)) de acompanhamento pedagógico para educadores e para a coordenação. Recomenda-se o uso dos blogs do *wordpress* ([www.wordpress.com](http://www.wordpress.com)), pois além de ser um *software* livre e gratuito, possui ferramentas de organização, como a possibilidade de criar páginas (onde pode-se colocar informações mais permanentes como o texto do projeto inicial), categorias, além de outros recursos, que facilitam a gestão desse espaço virtual. Um *post* pode ter mais de uma categoria veiculada. É possível também inserir uma ferramenta de busca dentro do blog. É importante que a cada dois meses se faça um *backup* de todo blog. No *wordpress* também há um recurso específico para isso. Ou seja, não é necessário copiar cada entrada e depois colá-la em outro documento.

## V. Articulação e parcerias

Para dar início às atividades em âmbito municipal, em escolas vinculadas aos governos locais, o projeto buscou implementar atividades de educação que pudessem ser complementares às políticas educacionais da rede pública, em alguns casos por meio de capacitação de professores e outras ações de valor agregado. Esse histórico foi importante para uma fase de articulação da ONG local com as Secretarias de Educação.

A primeira ação em relação à parceria com as Secretarias foi identificar os projetos e as políticas educacionais desenvolvidas no município, e quais delas poderiam se articular com a proposta de educação do projeto. Nesse sentido, foi muito importante o processo de aproximação da equipe do programa para que fosse possível apresentar o projeto e também conhecer o funcionamento da política.

Em seguida, as equipes técnicas de implementação participaram de momentos, como a definição das escolas e o início das oficinas. Por tratar-se de um projeto em uma escola pública, há processos que precisam ser encaminhados via gestores públicos, como a solicitação de equipamentos, formação de professores, etc. Assim, sempre foi importante a presença das Secretarias de Educação em diversos momentos, etapas e ações, de forma participativa e pactuada com as escolas, num processo de transparência.

O envolvimento das Secretarias de Educação foi fundamental também no sentido de garantir uma participação efetiva de apresentação do programa durante o planejamento anual das escolas. Acredita-se que o resultado foi muito mais significativo onde o mesmo foi compartilhado e articulado desde o início do ano letivo. Esta articulação permitiu uma ação forte de incidência política, pois somente através de políticas públicas poderemos assegurar um espaço de formação de professores e utilização da metodologia da educação pelas redes públicas de ensino.

Porém, a relação com o poder público pode acontecer de maneira bastante complexa. Alguns fatores podem dificultar significativamente o andamento do projeto como a diferença de tempo, concepção e práticas entre as secretarias de educação, precariedade da infraestrutura de algumas escolas, rotatividade de interlocutores nas secretarias, dentre outros. Além dessas variáveis percebeu-se que na maioria das vezes esses fatores acabaram impactando em uma pequena participação dos professores por conta de sobrecarga de demandas, da não liberação de horários para formação e, em alguns casos, da falta de coordenação pedagógica para orientar a docência sobre a dificuldade de aproximação com as novas tecnologias.

Para superar os desafios acima buscou-se, além de um constante diálogo e negociação com as secretarias, convocando-as a participarem mais de perto do projeto, apoiar os gestores e professores em sua interlocução para a defesa das reivindicações que afetavam diretamente o programa, como a falta de infraestrutura de algumas escolas, por exemplo.

Apesar das dificuldades, o desenvolvimento da iniciativa mostrou que a ampliação do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) deve ser prioridade para o sistema público de ensino atual. Com este objetivo, as organizações parceiras locais do projeto atuaram junto a escolas da rede pública no sentido de evidenciar esta demanda e abrir novos caminhos de diálogo com o poder público, rumo a políticas que beneficiem a qualidade da educação.

Os participantes do projeto foram unânimes ao defender a relevância desse trabalho – não apenas para os alunos e a escola envolvidos, mas como uma inovação fundamental para a educação pública como um todo. Assim, eles se tornaram agentes compromissados com a mudança e capazes de mobilizar essa demanda junto às instituições responsáveis.

Por último, o envolvimento dos gestores escolares foi importante para que a experiência desse certo, pois legitimou o programa junto à comunidade escolar, intregrando-o junto à rotina escolar. Na equipe de gestão, também tem um papel fundamental o coordenador pedagógico, que apoia e articula o planejamento dos professores em diversas disciplinas e facilita a integração da metodologia no currículo escolar. Mas é o professor quem deflagra o processo e o coloca em movimento. Os conhecimentos e experiências do professor asseguraram a realização das ações e produtos e o gerenciamento dos desafios que surgiram. Já os alunos foram a essência de todo um processo de educação informal em um espaço de ensino formal.

\* \* \* \* \*



**Do LOCAL  
PARA O  
global**

**O desafio das  
políticas públicas**

Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz



**A**s experiências locais aqui retratadas demonstram como a comunicação vem sendo cada vez mais utilizada como ferramenta pedagógica, configurando um novo campo de conhecimento, mas principalmente de intervenção social.

*Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!* — o próprio nome do projeto já explicita o direcionamento a intervenção promovida: a escola e a comunidade. Esse foi o ambiente, a área delimitada e onde se pôde inferir sobre inúmeros fatores como melhoria no aprendizado, aumento da participação no ambiente escolar, mobilização comunitária e outros. Nas oficinas com os adolescentes, nas reuniões com diretores e coordenadores, assim como nas ações de prática pedagógica junto aos professores, este projeto alcançou o seu objetivo de sensibilizar a comunidade escolar para o uso de diferentes ferramentas de comunicação para a reflexão sobre a realidade da escola e o domínio de novas práticas pedagógicas no processo de ensino-aprendizagem.

A proposta de mudar a escola e a comunidade já pressupõe que ambos não devem permanecer da forma como estão. Mudanças na escola e comunidade são ambições que requerem ações políticas e, por isso, apostou-se na articulação, implementação de ações e troca de informações em rede. A ação local com trabalho em rede permitiu transformação social porque naquele microcosmo cheio de especificidades está a força de algo que acontece (realidade) e que pode se propagar seguindo o efeito dominó.

No entanto, quando se imagina que uma metodologia educ comunicativa bem sucedida localmente (testada, avaliada e sistematizada) tem potencial para influenciar um modelo nacional de política, desafios de toda ordem vão surgir num longo caminho. Encará-los foi parte do objetivo da maioria das experiências retratadas nesta publicação.

Nesse contexto, o cenário das políticas educacionais no Brasil reúne alguns aspectos mais e outros menos facilitadores da inserção de novas metodologias. Muito se construiu na última década, mas para que qualquer política pública educativa se viabilize de fato, a velha questão do financiamento público e também da formação de professores tornam-se prioridade.

Por anos, as políticas públicas na área da Educação tiveram foco na ampliação de vagas nos ensinos fundamental e médio, e a consequente regulamentação da expansão privada e pública do ensino superior. Mas outros desafios surgiram, como a permanência do estudante na escola. A grande questão na educação passou a ser a transformação da espinha dorsal da escola, ou seja, o currículo.



Como a educomunicação pode entrar no currículo para que a escola volte a ser uma peça importante na vida dos estudantes? Esse fértil debate retoma aspectos centrais e estruturantes da educação no país: Como formar professores aptos a lidarem com a produção de mídia, por exemplo? Que escola desejam nossas crianças e adolescentes? O dia em que essa resposta puder ser desenhada por aqueles mais interessados na educação – os estudantes –, amparados por políticas públicas adequadas, grande parte desse esforço terá sido recompensado. Este caminho começa a ser feito com bases sólidas, por meio de discussões e articulações com a sociedade.

Graças às avaliações que metodologicamente se sofisticaram desde que o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) voltou a ter um papel central, tornou-se possível medir como o ensino brasileiro está em relação a ele mesmo e a outros países do mundo. O Brasil partiu, então, para cobrir o atraso da qualidade do que se ensina e aprende na escola e também a lidar com a própria crise de identidade em que a escola mergulhou.

Com esse pano de fundo, os grupos que estão à frente da educomunicação no Brasil, incluindo a Rede de Comunicação, Educação e Participação (Rede CEP) e suas organizações, se articularam para criar e fortalecer políticas com o objetivo, no caso da escola, de torná-la mais atrativa e importante para o estudante, em uma luta contra a evasão e a favor da qualidade do ensino.

Desde a década de 1950, a começar pelas primeiras experiências, passando pelos movimentos sindicais, pelo fortalecimento da sociedade civil na reabertura democrática no país e pelas chamadas neo-ONGs dos anos 90, a educomunicação se desenvolveu no universo da escola e procurou dar voz aos mais interessados na melhora do ensino: seus alunos. A voz dos estudantes na comunidade foi por diversas vezes apontada como um fator crítico de sucesso de escolas em avaliações qualitativas, como o Aprova Brasil (parceria do MEC e UNICEF). Ou seja, já dispunhamos de bons argumentos para o advocacy em políticas.

Pela primeira vez, em 2007, a palavra educomunicação pôde ser ouvida nos corredores do Ministério da Educação (MEC). Embora algumas organizações já tenham incidido em políticas municipais e estaduais (a cidade de São Paulo tem sua Lei da Educom que abriu laboratório de Rádio nas escolas municipais, e o estado do Mato Grosso do Sul também algo semelhante), a Rede CEP, por meio de muita articulação, conseguiu levar o tema ao direcionamento federal das políticas da área, o MEC.

Dentro do projeto interministerial de educação integral e integrada *Mais Educação*, os municípios podem agora optar por atividades de comunicação escolar no contra-turno de suas aulas. Um passo importante, mas ainda distante do sonhado. Sabe-se que das 10 mil escolas inscritas no programa federal *Mais Educação*, 3.849 optaram por educomunicação. Nesse campo, incluímos: rádio, vídeo, jornal, quadrinhos e fotografia.

A educomunicação também se aproximou da proposta de ensino médio inovador, que apresenta um modelo matricial e um trabalho por projetos no lugar das disciplinas estanques do currículo. Projetos em comunicação podem envolver diversas disciplinas e repensar o modelo tradicional de ensino. Por outro lado, em alguns países, a produção de mídia por adolescentes acabou por se tornar mais uma disciplina no antigo modelo escolar, reproduzindo velhos hábitos e não transformando a educação em si, uma preocupação central da educomunicação hoje no Brasil.

Se acreditamos que para influenciar políticas públicas e dar maior amplitude e visibilidade ao trabalho é fundamental estabelecermos parceria com a rede pública de ensino, é necessário ter flexibilidade para adequar as atividades propostas ao ritmo e à disponibilidade deste setor. A lição mais importante no caso do Projeto aqui sistematizado talvez tenha sido a da abordagem dialógica e flexível.

A equipe do projeto teve a maturidade e a firmeza necessária para ouvir a equipe da escola e construir a proposta em parceria com os governos locais. A integração das atividades do projeto no planejamento e calendário da escola (em festas, exposições, feiras etc) foi um indicador favorável de incorporação de novas práticas com a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ambiente escolar. O aprendizado do projeto mostrou que é possível interferir em políticas públicas educacionais, desde que se tenha um projeto criativo, com uma metodologia consolidada, que venha atender a uma demanda institucional.

**O próximo passo é quase natural: utilizar os aprendizados e metodologias desenvolvidas e sistematizadas no projeto para contribuir com as políticas educacionais que já prevêm a incorporação do tema no ensino regular das escolas públicas.**

\* \* \* \* \*

# Bibliografia

Foto: Associação Cidade Escola Aprendiz.

## Referências

AMORIM, Simone. *Guia Comunicação e Direitos Humanos*. Produzido para o Selo UNICEF Município Aprovado. Escritório Salvador - Bahia

CIPÓ - Comunicação Interativa. *Coletânea Escola Interativa - Guia Metodológico*. Salvador, 2005.

CONSANI, Marciel. *Como usar o rádio na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2007.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREINET, Célestin. *O jornal escolar*. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

GADOTTI, Moacir. *O jornal na escola e a formação de leitores*. Brasília: Liber Livro, 2007.

IJUIM, Jorge Kaneihide. *Jornal Escolar e Vivências Humanas*. Bauru: EDUSC e Campo Grande: Editora UFMS, 2005.

JÁUREGUI, Carlos; GUERRA, Adriano; KIMO, Paula. *Rádio Escolar: guia para professores e estudantes*. Belo Horizonte: Oficina de Imagens, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *La educación desde la comunicación*, Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

MARTÍN-BARBERO, Jesús & REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia e ficção televisiva*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

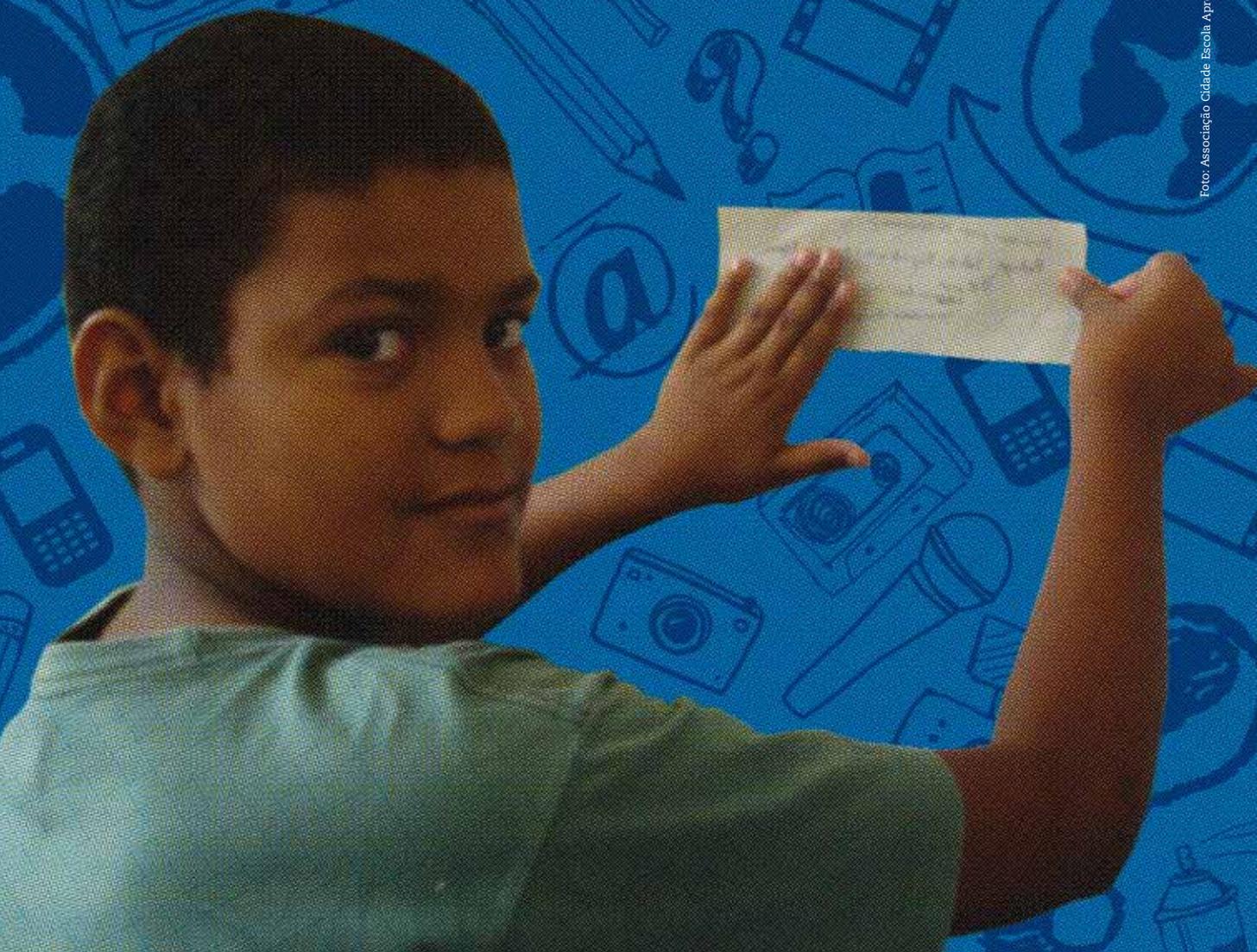
MIRANDA, Flávia; JÁUREGUI, Carlos; SANTOS, Victor; VIEIRA, Renata. *Apostila Irradiando. Oficina de Imagens. Manuscrito*. Belo Horizonte, 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Caminhos da Educomunicação na América Latina e Estados Unidos* In: SOARES, Ismar de Oliveira (org). *Cadernos de Educomunicação 1: Caminhos da Educomunicação*. São Paulo: Editora Salesiana, 2003, 2ª Edição.

SÃO PEDRO, Emanuela; VIEZA, Frederico. *Oficina de radiojornalismo para mobilização social*. Manuscrito. Belo Horizonte, 2005.

Guia

Metodológico



**N**esta sessão, algumas metodologias desenvolvidas e consolidadas na realização do projeto *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!* foram descritas como exemplos para que possam ser utilizadas em experiências similares.

### **Mobilizando e selecionando alunos para formação de um grupo de adolescentes comunicadores na escola:**

(Metodologia: Associação Cidade Escola Aprendiz e Projeto/Revista Viração)

**Atividade:** selecionando adolescentes

**Objetivo:** Apresentar o projeto para os estudantes para dar início ao processo de seleção.

#### **Como?**

**Oficinas de produção:** Apresentar o projeto e seus objetivos. Dividir os alunos em grupos de 4. Montar 4 estações de comunicação, cada uma facilitada por um educador que desenvolva a atividade por aproximadamente 15 minutos. Um educador deve ficar no registro.

**Estação fanzine/livreto:** ensinar a fazer um livreto com apenas uma folha A4 e tesoura. Este livreto pode virar um gibi, uma revistinha ou um fanzine.

**Estação projeção:** com um retroprojetor, transparências e canetas especiais, os adolescentes devem desenhar personagens que são projetados em uma espécie de teatro.

**Estação quadrinhos:** disponibilizar folhas A4, com a moldura externa dos quadrinhos pronta. Os interessados podem criar suas historinhas com lápis, canetinha e giz de cera. Também imprime-se tirinhas com os balões vazios para que os jovens criem os diálogos.

**Estação jornal mural:** este grupo sai pela escola para fazer entrevistas. Os depoimentos serão posteriormente “publicados” no jornal mural, bem como as tirinhas produzidas.

### **Alternativas de atividades de mobilização na escola são:**

Debate sobre o tema das Tecnologias de Informação e Comunicação relacionadas à educação. O objetivo do debate pode se iniciar com a discussão sobre o papel destas



tecnologias no dia-a-dia da escola dos alunos. Convide os alunos a debaterem os meios pelos quais eles recebem informação e se comunicam. Ao final, é importante destacar o papel que eles podem exercer na escola como produtores de informação e comunicação.

Uma sessão de fotografias. Utilizando máquinas fotográficas digitais e diversos objetos de caracterização, os alunos devem ser convidados a fazer fotos durante o intervalo. No mesmo dia, selecione e imprima as fotos, afixando-as em um mural com mensagens aos colegas e também sobre os objetivos do projeto.

Gravação e edição de vídeo, com duração de 5 minutos. A gravação pode ser realizada nos horários do recreio e da saída da escola. Os alunos podem ajudar na edição do vídeo, que será exibido no próprio ambiente escolar para um público grande. Depois da exibição, pode ser realizado um debate sobre o processo de produção do vídeo, qualidade técnica e de conteúdo e quais são os espaços para que jovens produtores possam expor seus vídeos e filmes.

**Depois da atividade, que deve ser organizada com a ajuda da coordenação e professores da escola, os adolescentes interessados e com disponibilidade de frequentar os encontros de formação, preenchem uma lista de interesse ou ficha de inscrição. Veja ao lado um exemplo de ficha de inscrição.**

## FICHA DE PARTICIPAÇÃO DO PROJETO

*Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!*

### **Bloco 1: Dados Pessoais**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço (rua, beco, número): \_\_\_\_\_

Vila/Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_

Telefone residencial: \_\_\_\_\_ Celular: \_\_\_\_\_

Telefone recado: \_\_\_\_\_ Falar com: \_\_\_\_\_

Carteira de identidade: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_/\_\_/\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Você já participa de projetos na escola ou na comunidade

( ) Não ( ) Sim, qual: \_\_\_\_\_

Quais tardes no ano que vem você terá livres para participar desse novo projeto:

( ) segunda ( ) terça ( ) quarta ( ) quinta ( ) sexta ( ) todas

( ) nenhuma

O que você achou mais interessante na apresentação de hoje: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### **Bloco 2: Sobre a escola/Projetos**

#### **A. Em qual escola você estuda?**

Ano / Ciclo: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_ TURMA: \_\_\_\_\_

#### **B. Marque as três (3) matérias de sua preferência:**

( ) Português ( ) História ( ) Química ( ) Ed. Artística

( ) Matemática ( ) Geografia ( ) Biologia ( ) Literatura

( ) Física ( ) Educação Física

**C. Você participa de alguma atividade extra na escola?**

- Escola Integrada  
 Escola Aberta  
 Assembléia da Escola  
 Grupo de Dança da Escola / Quadrilha da Escola  
 Outras atividades. Quais? \_\_\_\_\_

**D. Você participa de algum projeto ou oficinas fora da escola?**

- Não  Sim. Quais? \_\_\_\_\_

### **BLOCO 3: Família**

**A. Quantas pessoas moram com você?** \_\_\_\_\_

Escreva quantas e quais pessoas moram com você:

- Pai                     Mãe                     Irmãos / Irmãs  
 Avô                     Avó                     Tio / Tia  
 Primo / prima                     Amigo / amiga                     Filho / Filha  
 Outras, quais? \_\_\_\_\_

**B. Você mora em casa:**

- própria                     alugada                     outro tipo? \_\_\_\_\_

**C. Qual é a renda da sua família (salário total)?** \_\_\_\_\_

**D. Como é a sua relação com as pessoas que moram com você (de 1 a 10):**

- Pai                     Mãe                     Irmãos / Irmãs                     Avô                     Avô                     Tio / Tia  
 Primo / prima                     Amigo / amiga                     Filho / Filha

### **Bloco 4: Lazer/Afinidades**

**A. Quais são suas principais formas de se divertir?**

- Praticar esportes                     Acessar a Internet                     Cantar  
 Assistir televisão                     Paquerar / namorar                     Jogar videogame  
 Encontrar os amigos                     Ler livros e revistas                     Escrever  
 Ir a festas de família                     Desenhar                     Conhecer lugares diferentes  
 Descobrir coisas novas                     Escutar músicas                     Dançar  
 Ir à Igreja                     Ficar em casa                     Ver filmes  
 outro: \_\_\_\_\_

**B. Com relação a sua personalidade, você se considera uma pessoa (marque apenas 1 opção)**

- Tímida e reservada : “Eu prefiro ficar sozinho (a)”.  
 Sempre à vontade na presença de outras pessoas: “Eu tenho vários amigos”.

**C. Em média, você assiste TV: (Por favor, marque apenas uma opção)**

- Menos de 1 hora por dia       De 1 a 2 horas por dia       De 2 a 5 horas por dia  
 De 5 a 7 horas por dia       Mais de 7 horas por dia

**D. Na sua casa tem TV à cabo?**

- Não  Sim e gosto dos canais \_\_\_\_\_

**E. Que programas de televisão você assiste com mais frequência?**

- Novelas       Programas Religiosos       Telecursos  
 Jornais       Programa de Entrevista       Jogo de Futebol  
 Faustão / Silvio Santos       Esportes em geral       Filmes

**F. Cite dois programas de TV que você gosta de assistir e diga porque gosta deles:**

Programa 1: \_\_\_\_\_ Eu gosto porque \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Programa 2: \_\_\_\_\_ Eu gosto porque \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**G. Cite dois programas de TV que você não gosta de assistir e diga porque não gosta deles:**

Programa 1: \_\_\_\_\_ Eu não gosto porque \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Programa 2: \_\_\_\_\_ Eu não gosto porque \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**H. Você assiste programas de informação (telejornais, etc) na televisão?**

- Jamais       Uma vez por mês       Uma vez por semana  
 2 a 3 vezes por semana       Todos os dias

Cite o(s) nome(s) do(s) programa(s) de informação que você assiste:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**I. Que lugares você costuma frequentar no seu bairro?**

- Praça       Igreja/Comunidade religiosa       Biblioteca  
 Lan House       Campo de Futebol       Escola  
 Casa dos amigos/parentes       Quadra de esportes       Fliperama  
 Associação de moradores       Posto de Saúde  
 Outros lugares, diga quais: \_\_\_\_\_

**J. Quais as rádios de sua preferência?**

---

---

Que tipo de música gosta de escutar?

---

---

## **Bloco 5: Computador/Internet**

**A. Você usa o computador?** ( ) Sim ( ) Não.

**B. Onde você usa o computador?**

- ( ) Casa            ( ) Escola            ( ) Casa de amigos / parentes  
( ) Lan house      ( ) Outros lugares, quais? \_\_\_\_\_

**C. Quais programas você conhece e sabe usar no computador?**

- ( ) Programas para digitar textos                      ( ) Programas para jogos  
( ) Programas para ouvir música                      ( ) Programas para assistir vídeos  
( ) Programas para criar/ montar músicas e vídeos  
( ) Programas para baixar arquivos da Internet  
( ) Outros programas, quais? \_\_\_\_\_

**D. Você usa Internet?** ( ) Não            ( ) Sim, há quanto tempo?

- ( ) menos de 6 meses      ( ) entre 1 e 2 anos            ( ) Mais de 4 anos.  
( ) entre 6 meses e 1 ano      ( ) entre 2 e 4 anos.            ( ) eu não me lembro

Se você nunca usou Internet, passe diretamente para o Bloco 6.

**E. Em média, você usa Internet: (Por favor, marque apenas uma opção)**

- ( ) Todos os dias, várias horas.            ( ) 1 a 2 vezes por semana.            ( ) Algumas vezes por mês  
( ) Todos os dias, menos de uma hora.            ( ) 2 a 5 vezes por semana.            ( ) Raramente

**F. A primeira vez que você usou Internet foi:**

- ( ) Em casa            ( ) Em uma Lan House            ( ) Na casa de um amigo / parente  
( ) Na escola      ( ) No trabalho dos meus pais      ( ) Eu não me lembro  
( ) Em outro lugar: \_\_\_\_\_

## **Bloco 6: Sobre o projeto *Comunic@ Escola!***

**A. Você conhece o Estatuto da Criança e do Adolescente? (marque apenas 1 opção)**

( ) Não

( ) Já ouvi falar

( ) Sim, o estatuto é \_\_\_\_\_

---

**B. Na sua opinião, qual é a imagem da sua comunidade nas notícias da TV, do rádio e dos jornais?**

---

---

**C. Essa imagem corresponde à imagem que você tem da sua comunidade?**

( ) sim

( ) mais ou menos

( ) nem um pouco

**D. Na sua opinião, qual é o objetivo do projeto *Comunic@ Escola!***

---

---

**E. Porque você quis participar do projeto?**

---

---

---

**F. O que você espera aprender no projeto *Comunic@ Escola!***

---

---

---

## Atividades iniciais preparatórias para produção de conhecimento/abordagem dos temas geradores:

Depois de mobilizado e selecionado o grupo, mas ainda nesta etapa inicial, são sugeridas atividades que trabalhem com o corpo, história de vida (pessoal, da família), visões de futuro, sonhos, fantasias, personalidade e sentimentos em geral. A ideia é trabalhar com propostas que levem os adolescentes a perceberem-se como sujeitos únicos, tomando posse da sua realidade individual ao mesmo tempo em que se diferenciam dos outros e percebem que podem atuar juntos em prol de objetivos comuns.

Uma vez que o grupo já estiver mais entrosado, consciente de seu corpo e da relação dele com o outro, as ações podem partir para referências históricas, culturais e espaciais. Inicia-se a construção de mapas simbólicos de valores do coletivo, que se constituem utilizando fotos, desenhos, textos, quadrinhos e outras mídias. Esses elementos cumprirão o papel de narrar as histórias de vida ou geografia mental dos participantes em relação aos espaços da escola e da comunidade.

Além das histórias de vida, pode ser feito um levantamento sobre o espaço da escola e seus atores. Entram nesse levantamento pessoas e lugares que os adolescentes consideram importantes, como “a tia da cantina” e o “beco da bola”, por exemplo. As categorias devem partir das classificações naturais do dia-a-dia.

### ATIVIDADE **Mapeamento de si**

Metodologia: Associação Cidade Escola Aprendiz e Projeto/Revista Viração

#### **Tema:**

Eu, o grupo, a cultura e o jovem na comunidade

#### **Objetivos:**

- Apresentar o projeto, os produtos a serem gerados, bem como os conhecimentos a serem desenvolvidos;
- Despertar um olhar diferenciado sobre si;
- Entrar em contato com quem sou, do que gosto, de onde vem meus gostos, sonhos;
- Conhecer os outros, seus sonhos, entender-se como um grupo;
- Começar a compreender o que é cultura. Cultura aqui se refere às manifestações culturais tradicionais (grupos de dança típica, de maracatu, capoeira etc) e urbanas (*hip hop*, *rap*, grafite etc), mas também entende-se como “cultura” o estilo adotado pelos adolescentes (o que se come em uma comunidade, que tipo de música se escuta). Cultura como forma de ser.
- Motivar os adolescentes ao projeto proposto.

### **Passo 1** Dinâmica inicial:

- No passo 1, o educador é quem registra a atividade com fotos. Nos outros passos, propõe o rodízio da máquina fotográfica, chamando a atenção para que os adolescentes tirem fotos significativas.
- Pedir aos adolescentes que façam uma roda;
- Vendá-los;
- Pedir algo difícil: ex. um minuto de silêncio (é possível cultura sem linguagem, sem palavra, sem o outro?). Neste momento, pedir para eles pensarem sobre quem são quando não vêem os outros e não são vistos;
- Pedir para que os adolescentes falem, ainda vendados, seus nomes e ao mesmo tempo lembrem-se daquilo que pensaram sobre si. Explicar sobre a importância de serem firmes e claros na comunicação oral. Nome próprio como um primeiro “rótulo”, algo que os distingue dos outros, como seria se toda criança fosse chamada de menino ou menina? Perguntar se os adolescentes sabem a história de seus nomes;
- Os adolescentes, ainda vendados, devem caminhar pela sala. Assim que encontrarem outra pessoa devem dar a mão com a intenção de formar uma roda. É preciso dizer que eles devem caminhar devagar e serem gentis caso trombem com alguém. Explicar que também podemos preparar nosso corpo para trombar sem machucar o outro nem se machucar. Depois que todos estiverem de mãos dadas, eles abrem os olhos;
- Ao notarem que deram um nó, devem procurar desatá-lo com calma;
- Provocar uma discussão sobre o que sentiram (desde já chamar a atenção para a cooperação);
- A dinâmica encerra-se com cada um dizendo seu nome agora de olhos abertos.

### **Passo 2** O educador busca costurar as sensibilidades trabalhadas na dinâmica com a ideia do que será trabalhado no encontro.

### **Passo 3** Atividade da Silhueta/Mapeamento de Si

- Os adolescentes devem se deitar sobre uma folha de papel craft e cada um desenhar a silhueta do outro. Depois, os adolescentes devem fazer uma colagem sobre suas silhuetas. Pedir para eles buscarem ilustrações que falem de seus aspectos como: Como sou?; O que escuto?; O que sonho?; Quando sou sério?; Quando brinco?; O que gosto de comer?; Vestir?; O que dá sentido à minha vida?; Qual meu estilo?; Como vejo a minha família?; Amigos?; Estudos?
- Significar cada um dos itens. Propor para que eles imaginem alguém que olhe essas colagens daqui a algumas décadas. Questione: Que ideia essas pessoas terão de como vocês eram quando adolescentes? Como é ser jovem nesse lugar?
- Enquanto eles colam, o educador deve falar sobre a colagem como uma mídia (linguagem visual). Propor para eles montarem as fotos de forma inusitada e criativa.



Levar exemplos.

-Uma vez prontas, os adolescentes devem apresentar suas silhuetas, buscando destacar o que acham mais importante.

- O educador encerra a atividade falando sobre como nós temos diversas “camadas”, territórios e papéis (na família, na escola, com os amigos);

- Também é importante falar sobre a importância de editar (não necessariamente usando esta palavra), o que é colocado e o que se quer mostrar, o que se quer comunicar. Quando contamos uma história também é assim: selecionamos os fatos que achamos importantes, relevantes e os unimos em uma narrativa que tenha sentido e seja claro para os demais.

## ATIVIDADE: **Descobrinho Minhas Medidas**

Metodologia: Associação Cidade Escola Aprendiz e Projeto/Revista Viração

### **Objetivo:**

Estimular que os adolescentes se conectem com o corpo e percebam seu desenvolvimento.

### **Material:**

Fita métrica e barbante, lápis e papel.

### **Como fazer:**

Qual é a distância entre o alto da cabeça e a ponta do pé.

- Da cintura ao chão. Aqui é livre a criatividade.

Outras medidas: As medidas podem ser feitas usando unidades não padronizadas, como a mão e pés de outros colegas. Ex. a altura da Ana é 10 mãos do João.

## ATIVIDADE: **Meu RG!**

Metodologia: Associação Cidade Escola Aprendiz e Projeto/Revista Viração

### **Objetivo:**

Olhar pra si mesmo, perceber aquilo que lhe pertence, suas características, seus gostos e desejos para tornar consciente a identidade como uma construção.

### **Material:**

Papel e lápis

### **Como fazer:**

Propor aos adolescentes que façam sua carteira de identidade, escrita, registrando algumas coisas importantes sobre eles como:

- Eu me chamo:

- Onde nasci:

- Quando:

- Gosto de ser chamado de:
- O que mais gosto em mim:
- O que mais gosto de comer:
- Detesto em alguém:
- Adoro em alguém:
- Minha cor preferida:
- O animal de que mais gosto é:
- Gosto de brincar de:

## ATIVIDADE: **Minha foto, meu passado**

Metodologia: Associação Cidade Escola Aprendiz e Projeto/Revista Viração

### **Objetivo:**

Fazer com que os adolescentes se conheçam melhor

- Trabalhar a escrita, o registro, o olhar.

### **Material:**

Papel e lápis de cor.

### **Como fazer:**

Solicite ao grupo que faça duplas. Cada um deve descrever para o outro sobre a sua foto preferida. O colega deverá desenhar a foto descrita e devolver ao dono.

- Agora o colega que descreveu sua foto preferida deve escrever a legenda de sua foto.
- Algumas perguntas para ajudar na legenda: Onde você estava nessa foto? O que fazia? Quantos anos você tinha? A que horas do dia foi tirada essa foto? Quem tirou a foto? Por que essa foto é a sua preferida?
- Ao final as duplas socializam com o grande grupo.
- Perguntas ao grupo: por que é importante a legenda para descrever as imagens?

## ATIVIDADE: **Teatrinho e notícias**

Metodologia: Associação Cidade Escola Aprendiz e Projeto/Revista Viração

- Fazer uma seleção de notícias de jornais sobre os mais variados temas. Dividir o grupo em duas equipes de 8 e outra equipe de 5;
- Cada grupo de 8 pessoas deve escolher uma notícia de jornal para ser discutida e encenada apenas com o corpo, sem usar palavras. O grupo de 5 faz o papel de relatar a cena como repórteres.

## ATIVIDADE: **Termo de Convivência e Compromisso**

Metodologia: Associação Cidade Escola Aprendiz e Projeto/Revista Viração

### **Objetivo:**

Criar coletivamente as regras para o grupo e incentivar o compromisso de todos por zelar pela boa convivência entre os participantes. Este exercício é muito elucidativo para que futuramente o educador possa fazer as devidas relações com o Estatuto da Criança e do Adolescente e com a Declaração dos Direitos Humanos. É uma primeira experiência do grupo com as práticas de criar juntos acordos que devem ser factíveis e que valem para todos. Ao criarem juntos as regras, os adolescentes ganham uma grande oportunidade de responsabilização. O educador deve pedir que os adolescentes anotem o termo em seus cadernos e que todos adolescentes assinem o caderno dos outros colegas. Este termo pode ser constantemente revisto e alterado.

### **Como fazer?**

- Um educador deve pendurar um papel craft na sala e fazer o enunciado geral, pedindo aos adolescentes que pensem o que é importante estar claro e acordado para todos. O educador deve cuidar para que os adolescentes possam apresentar itens relativos:
  - À permanência na atividade. É necessário ou não pedir permissão para ir ao banheiro ou se ausentar da sala?;
  - A conversas paralelas;
  - Ao uso de celular;
  - Ao horário do início e fim da atividade. Como tratarão os atrasos;
  - Ao respeito ao outro;
  - Ao cuidado com o espaço, equipamentos e materiais;

Como avaliação da atividade, o educador pode incentivar a seguinte reflexão, a partir das seguintes perguntas:

- Quem cria as regras em nossa sociedade?
- Para que servem leis e acordos?
- Todas as leis são boas para todos?
- É fácil ou difícil respeitar acordos?
- O que podemos fazer quando não concordamos com determinados acordos?

Também é interessante abordar o tema liberdade e respeito. São palavras que ganham significados especiais no início da adolescência.

## **ATIVIDADE: Arranjos Familiares**

Metodologia: Associação Cidade Escola Aprendiz e Projeto/Revista Viração

### **Objetivo:**

Refletir sobre os conceitos atuais de família, enfocando a diversidade de modelos, desmistificando o modelo de família núcleo (pai, filho e mãe) e destacando a importância das diversas figuras “cuidadoras” ao longo de nossas vidas.

1. Dividir o grupo em vários trios. Duas pessoas do trio devem ficar um de frente para o outro, mãos para cima, palmas das mãos coladas, formando telhados da casa. O terceiro será o morador (ficará de pé entre as paredes).

2. Um dos jovens do grupo deve ficar de fora. Esse jovem não será nem telhado nem morador.

3. Instrua esse adolescente a gritar “casa”, “morador” ou “casa e morador”

a) Quando gritar casa, os telhados devem sair e se colocar sobre outro morador;

b) Quando gritar morador, os telhados ficam e os moradores trocam de casa;

c) Se a pessoa gritar casa e morador, todos(as) devem trocar de lugares ao mesmo tempo;

d) Aquele que grita deve correr e ocupar um lugar disponível. Quem “sobrar” deve dar nova ordem (grito) e tentar ocupar um lugar e assim sucessivamente.

Na sequência, o educador deve pedir aos adolescentes que façam uma roda de conversa: Em que as famílias se parecem?; No que elas diferem?; O que é família para você?; Quem faz parte da sua família?; Família é composta apenas de vínculos de sangue?; Como são constituídas as famílias que você conhece?; Há algum tipo de família que seja melhor para uma criança?; Há algum, tipo de família que seja ruim para criança?; O que é importante existir em qualquer família?

Trabalhar a diversidade de modelos familiares confere aos adolescentes uma possibilidade de valorizar sua realidade e aprender sobre “padrões culturais” X sua realidade, de uma forma que os deixem tranquilos e mais seguros.

## ATIVIDADE: **Cuidar**

Metodologia: Associação Cidade Escola Aprendiz e Projeto/Revista Viração

### **Objetivo:**

Trabalhar com o grupo a experiência de cuidar, explorando conflitos, dúvidas e inquietações.

### **Material:**

Bexigas com água dentro; canetas hidrográficas.

### **Como fazer:**

- Entregar uma bexiga para cada participante;
- Dizer aos participantes que eles agora são pais e mães e que a bexiga é seu (sua) filho(a);
- Pedir para que cada um desenhe a cara do (a) seu (sua) filho(a) que eles(elas) imaginam, usando a caneta hidrográfica. Devem desenhar: olhos, boca, nariz, cabelo;
- Estimular que eles dêem vida a seu filho, dando nome, apelido, entre outros.
- Construir com o grupo compromissos para o cuidado com seu bebê-bexiga, levando-o para casa e nunca deixando-o desamparado;

- Combinar com o grupo o dia para trazer o bebê bexiga de volta;
- Discutir com o grupo os depoimentos e histórias que aconteceram durante o período;

#### **Perguntas que podem nortear o debate:**

- Como o bebê-bexiga interferiu em seu dia-a-dia?;
- Que sentimentos surgiram?;
- Que dificuldades você enfrentou?;
- O que você mais gostou?;
- Pediu ajuda a alguém?;
- Quando não podia estar com ele, o que fazia?;
- E se fosse uma criança, como seria?;
- E se fosse uma pessoa doente, como seria?.

### **Atividades de mobilização da escola para a comunidade:**

Após consolidado o grupo de adolescentes, por meio inclusive da abordagem de temas geradores e atividades de produção de conhecimento, o próximo passo é envolvê-los em atividades de comunicação e mobilização que façam uma ponte entre a comunidade escolar e a comunidade fora da escola. Veja a seguir exemplos:

#### **ATIVIDADE: Campanha**

Metodologia: Associação Cidade Escola Aprendiz e Projeto/Revista Viração

##### **O que é?**

A Campanha é uma atividade que funciona como um guarda-chuva de atividades a serem desenvolvidas em um período de pelo menos 3 meses, que incluem:

- Mobilização dos adolescentes do grupo, de outros adolescentes (educação entre pares), de pais, funcionários e lideranças comunitárias;
- Formação nas temáticas;
- Formação para desenvolvimento de produtos educacionais.

##### **Objetivos:**

- Alertar para a necessidade de tomar atitudes de solidariedade e de agir na prevenção dos problemas;
- Fornecer elementos para discutir a responsabilidade da família e da escola para evitar que crianças e adolescentes continuem a ser vitimados por agressores;
- Contribuir com a construção de um ambiente escolar harmônico, incentivando a escola e comunidade a uma nova proposta de construção de uma cultura de paz e não-violência;
- Envolver toda comunidade escolar na campanha, através de atividades lúdicas,

rodas de conversas, palestras e ferramentas de comunicação como: Jornal Mural, Radio, Vídeo, Fanzine;

- Conteúdos ou temáticas para serem trabalhadas: meio ambiente, cuidado, família, ECA, convívio escolar, princípios e valores, ética, respeito mútuo, justiça, solidariedade, diálogo, Direitos Humanos.

## **Etapas**

- Apresentação da proposta de campanha para o grupo de adolescentes comunicadores. Os adolescentes e educadores devem juntos fazer uma avaliação do momento em que estão e quais são os pontos mais frágeis a serem trabalhados.
- Adolescentes, com facilitação dos educadores, devem organizar as frentes de campanha. Cada frente é um grupo de trabalho que deverá pesquisar e aprofundar o tema, mobilizar um adulto (da escola ou comunidade) para acompanhá-los, desenvolver produtos educacionais específicos, convidar outros adolescentes que não participam do grupo para se integrarem ao trabalho, planejar ações na escola e comunidade.

Sugestão de temas e passos para pesquisa que subsidiará a campanha:

### **1. Relação estudante X estudantes**

#### **Forma de pesquisa:**

Entrevistar alunos(as) para saber como se sentem quando são ridicularizados e informá-los(as) sobre a Lei Anti-Bullying no Brasil.

#### **Produtos planejados:**

- Textos ou desenhos em quadrinhos contando casos que já aconteceram na escola e a solução do problema.
- Textos sobre o respeito à diversidade de ser e estar no mundo.

### **2. Relação funcionário X estudantes**

#### **Forma de pesquisa:**

Rever casos que já aconteceram, buscar solucionar;  
Pesquisar sobre “Mediação de Conflitos”, a importância da boa comunicação, cultura de paz nas escolas.

#### **Produtos planejados:**

Pensar em uma palestra.  
Forma de mobilização:  
A mobilização será feita passando de sala em sala.

### **3. Lixo**

#### **Forma de pesquisa:**

Procurar as pessoas que reciclam lixo e pensar com elas algumas soluções para o problema no bairro.

**Produtos planejados:**

Exposição de fotos sobre o problema do lixo;  
Carro de som para divulgar a campanha das baterias e os lugares de coleta.

**4. Pichação****Forma de pesquisa:**

Apresentação sobre pichação;  
Bate-papo sobre Pichação com grafiteiros e educadores da região.

**Produtos planejados:**

Mostra de fotografia - Pichação X Grafite  
Apresentar para a escola a proposta de uma parede só para pichação.

**5. Acidentes domésticos****Forma de pesquisa:**

Pesquisar sobre os casos mais comuns de acidentes

**Produtos planejados:**

Palestra para os pais com os bombeiros.  
Criação de textos e produção de uma cartilha.

**6. Violência doméstica****Forma de pesquisa:**

Estudar os tipos de violência doméstica.

**Produtos planejados:**

Histórias em quadrinhos e desenhos para falar dos tipos de violência.  
Convidar o Conselho Tutelar para fazer palestra para os pais e a escola.  
Observações: Cada grupo terá que envolver no mínimo 10 pessoas da escola e comunidade. O máximo será de 15 pessoas.

**Desenvolvimento do grande produto da campanha: o jornal mural**

O jornal mural deve reunir, além de notícias sobre a escola e a comunidade, informações sobre todas as frentes da campanha. O objetivo do jornal mural é que todos participem e se melhore a relação com a escola.

A ideia é que o jornal possa ajudar na divulgação da campanha e que tenha entrevistas e artigos de professores falando sobre o assunto.  
Perguntas mobilizadoras durante o planejamento do jornal:  
O que é esse periódico?

Qual é a linha editorial?  
Por que um jornal?  
Qual o foco?  
Quais são as seções?  
Quem serão os responsáveis?  
Sempre retomando que o principal objetivo é divulgar os direitos da criança e do Adolescente.

## Roteiro básico para desenvolvimento de jornal mural:

### Jornal mural e a educomunicação

Pela educomunicação propomos uma metodologia participativa e de diálogo entre a equipe que se forma para compor o jornal mural. Ao se reunir um grupo, os membros escolhem algumas funções, que não necessariamente precisam ser fixas (repórter, editor, diagramador). Aos poucos os membros vão percebendo suas afinidades, mas é sempre bom ter alguma liderança para motivar a todos e ajudar na manutenção da aliança dentro da equipe.

Sugere-se a organização de reuniões semanais ou quinzenais, dependendo da periodicidade que a equipe definir. Os encontros do grupo são importantes para garantir que o processo de discussão, elaboração, montagem e composição ocorra entre todos os membros, pois só assim estaremos garantindo o viés da educomunicação – que luta pela democratização da comunicação.

\* Este texto é parte integrante da apostila "Jornal Mural", produzida pela Viração.

## PROJETO JORNAL MURAL NA ESCOLA

### Circuito de oficinas do jornal mural – formação presencial

#### 1. Comunicação e mobilização

**Objetivo:** Iniciar uma reflexão sobre comunicação, sua importância e as formas de comunicar. Pensar a comunicação na escola, suas potências e deficiências. Iniciar a discussão sobre o processo de mobilização de uma equipe de comunicação na escola.

#### 2. Montar e manter o jornal mural

**Objetivo:** Explicar as questões físicas do jornal. Tipos de material, espaço, formatos, fontes, periodicidade, fixação. Enfim, tudo para montar o suporte do jornal mural, ainda sem focar em conteúdo.

#### 3. Formação das equipes + redação 1 (Lide)

**Objetivo:** Aprofundar o conhecimento sobre as editorias de um material jornalístico impresso, iniciar reflexão sobre editorias para os jornais murais nas escolas. Explicar o lide, técnica de produção de textos informativos, fazer exercício de fixação com jornais.



#### **4. Redação 2 (gêneros) + sessões do Jornal Mural**

**Objetivo:** Promover o conhecimento sobre gêneros jornalísticos: opinativo e informativo. Exercitar redação de notícias e refletir critérios de noticiabilidade.

#### **5. Democratização da comunicação (articulação com coletivo intervozes)**

**Objetivo:** Promover a reflexão sobre a comunicação enquanto direito humano e sobre o quanto esse direito é negado a todos os cidadãos por conta dos monopólios da comunicação. Pensar a produção do jornal mural como exercício desse direito.

#### **6. Criatividade**

**Objetivo:** promover experiências e reflexões sobre processos criativos, criação coletiva, imaginação.

#### **7. Fotografia**

**Objetivo:** Propiciar o conhecimento técnico básico sobre fotografia. Refletir sobre o papel da imagem para a notícia e promover experiências com a imagem, através de exercícios externos.

#### **8. Artes gráficas**

**Objetivo:** Promover o conhecimento de conceitos básicos de web designer para facilitar a organização das informações no jornal mural.

#### **9. Empreendedorismo**

**Objetivo:** Pensar formas de gerar a sustentabilidade do projeto através das noções básicas de empreendedorismo.

### **O barato do jornal mural**

Já imaginou o velho e tradicional quadro de avisos pendurado (muitas vezes abandonado) no corredor ou no pátio da escola tornar-se um jornal mural? Isso mesmo, ele pode virar um veículo dinâmico e com o mesmo charme das demais peças de comunicação produzidas pela Secretaria de Educação.

A escola pode ter seu próprio veículo de comunicação para que alunos, pais, professores e funcionários possam produzir comunicação e não apenas consumi-la, mesmo não sendo jornalista ou especialista em comunicação.

No caso do jornal mural, há diversas formas de se colocar em prática o potencial de cada um que participa da equipe de produção. Quem gosta de desenhar, quem gosta de escrever, quem gosta de ajudar a organizar eventos; enfim, cada um pode oferecer seu talento em prol da iniciativa.

#### **Utilidades e vantagens**

Ao contrário do boletim e da revista, que requerem muito tempo para sua leitura e um custo alto, o jornal mural, quando produzido de maneira estratégica, é lido e

atinge com rapidez o público ao qual se destina.

O jornal mural mostra-se como um recurso de excelência no trabalho com grupos populares, pois une ao texto escrito, imagem, cor e adereços visuais, que facilitam e atraem a atenção do leitor. Atende a um público pouco familiarizado com a leitura, porém diretamente interessado nos temas tratados pelo jornal.

A principal vantagem de um jornal mural está em como aproximar-se de um grande número de leitores com um custo reduzido em relação ao jornal impresso. Neste custo, consideramos, inclusive, a possibilidade de o jornal não ser lido e virar lixo nas ruas ou casas do bairro.

Além desse aspecto econômico, há ainda uma questão técnica que mais uma vez legitima o mural como um importante meio de comunicação: a possibilidade de se substituir algumas reportagens sem ser preciso alterar todo o mural (“lançar um novo número”). A troca de matérias, então, pode dar-se muito mais pela chegada de novas notícias do que por uma periodicidade do tipo: “de vez em quando”.

Um dos desafios de qualquer veículo, e não apenas do jornal mural, é promover a participação de seus leitores de forma que eles também possam produzir notícias. Nesse sentido, uma simples caixa ao lado do jornal convidando à participação pode atrair a atenção do leitor e incentivá-lo a também colaborar, por exemplo, com poesias, crônicas, artigos, ilustrações, quadrinhos, letras de músicas. Outra sugestão é a criação de conselhos editoriais jovens e pedagógicos, como ocorre com a *Viração*.

## Características

O jornal mural é um instrumento de comunicação rápida e imediata. As informações podem ser por ele veiculadas diariamente ou não, merecendo o interesse e a curiosidade geral, tornando-o procurado por ser sempre fonte de novidades.

- Mantém a comunicação programada da escola, completando as mensagens de outros veículos, fixando-as de forma mais variada e simples;

- Dá nova dimensão aos classificados de estágios e empregos, porque o jornal mural pode expô-los diariamente e até de forma padronizada;

- Pode-se converter num veículo didático, programando a disseminação de noticiário cultural, político, econômico, literário e de utilidade pública, despertando o interesse regular por esses temas e veículos de comunicação comunitária e alternativa.

Presta-se com excelência para a comemoração de datas cívicas, históricas ou de assuntos a que dará cobertura de acordo com os objetivos do seu mural. Importa também que esteja sempre atento a qualquer tipo de informação que reforce os

objetivos traçados, isso ajuda a dispor das informações no momento certo. As ilustrações e os painéis devem ser preparados com antecedência, quando se quer dar destaque a datas especiais.

É aconselhável que se tenha material pré-preparado, de fácil montagem, como cartolinas, colas, alfinetes, pincéis, papéis de desenho, letras, cliques, fitas adesivas...

Levando-se em consideração sua extrema flexibilidade, pode-se, em determinadas circunstâncias, montar um jornal mural totalmente dedicado a um só tema, explorando em sua totalidade, por exemplo: Aids, eleições, segurança, desemprego...

### **Atualização:**

Atualize as informações frequentemente. Quem se dirige a um jornal mural espera encontrar informações novas e não as do dia anterior. O público é muito sensível à informação e reage negativamente ante a sua repetição.

### **Pautas:**

Que assuntos serão abordados no jornal? Dê preferência, aqueles diretamente ligados aos interesses dos usuários. É bom lembrar que qualquer fato ou evento ocorrido na escola e/ou comunidade pode ser objeto de matéria.

### **Matérias:**

**1. Reportagens:** Quem? Quando? Onde? Por quê? Como? Essas perguntas devem ser respondidas no texto. O repórter vai atrás dos acontecimentos, obtém informações de diferentes fontes (pessoas) e escreve um texto resumindo as ideias e o fato.

**2. Entrevistas:** As entrevistas do tipo pergunta e resposta, também chamadas pingue-pongue, são as mais comuns. A opinião de uma pessoa ou seu ponto de vista sobre determinado assunto são transcritos, juntamente com as perguntas do repórter. Uma introdução apresenta o entrevistado e o assunto.

**3. Artigo:** É um texto opinativo. Uma assistente social ou educador ou um usuário pode falar sobre algum tema polêmico, por exemplo.

**4. Crítica:** É a opinião a respeito de um livro, um filme, um disco, um programa de TV etc.

**5. Serviços:** Informações que podem ser úteis ao usuário, como a agenda de eventos.

**6. Editorial:** É a opinião do jornal sobre algum assunto importante e atual. A equipe do jornal pode definir, a cada edição, quem ficará responsável por ele.

**7. Anúncios:** Que tal aproveitar para criar uma coluna de classificados, onde os leitores podem trocar, vender, enviar mensagens, ofertar serviços?

**8. Enquete, pesquisa de opinião:** Escolha um tema que mereça ser pesquisado - qual a opinião dos leitores sobre ele?

## **Atividades de produção de comunicação na escola:**

Com o grupo de adolescentes comunicadores consolidado, a próxima etapa seria desenvolver com o grupo um produto de comunicação permanente na escola, cuja continuidade dependa apenas da formação de novos grupos. Veja a seguir os exemplos do Jornal Escolar e da Rádio Escola.

## **Jornal Escolar**

### **Metodologia: FALA ESCOLA - COMUNICAÇÃO E CULTURA**

Do ponto de vista mais geral, a relevância dos jornais populares está no fato deles permitirem que seus produtores façam uso social da escrita. Sabe-se que a principal causa das dificuldades enfrentadas pelas classes populares para dominar a escrita está na escola, que faz do ensino da língua um treinamento desvinculado das práticas sociais efetivas. Por outro lado, passado o período escolar, as habilidades adquiridas pelos adolescentes tendem a desaparecer por falta de oportunidades de exercer a escrita socialmente.

### **Fundamentos**

Escrever no jornal constitui uma experiência de vida que recupera, no plano prático e simbólico, o poder da escrita. O autor tem suas opiniões e produções valorizadas pela circulação na escola, na família e na comunidade. Escrever passa a ter significado pessoal e social. É o meio que permite ao autor construir a consciência de si, na sua relação com o social e o comunitário: eu faço chegar minha mensagem às pessoas, eu tenho uma mensagem e eu comunico. O jornal se insere, assim, dentro do pensamento construtivista: o autor sabe que ao publicar estará falando “para os outros”; sabe que esses “outros” vão formar uma ideia sobre o que ele escreveu ou produziu; ele constrói o conhecimento durante e por meio dessa interação social.

O jornal é, portanto, um importante suporte para o surgimento de uma cultura letrada. Os redatores dos jornais tomam a palavra para valorizar a cultura e a comunidade da qual fazem parte, defender uma ideia, explicitar uma crítica. Escrever no jornal é participar de uma intervenção democratizadora no mundo da comunicação.

Ao escrever no jornal, o adolescente percebe, espontaneamente, que se tornou um emissor de mensagens. Entre o fato e a consciência do seu significado não há

nenhuma separação, embora essa consciência possa se expressar ingenuamente. A experiência é inesperada e mesmo surpreendente para pessoas cujas opiniões raramente são ouvidas e muito menos levadas em conta; daí que ela tenha um grande impacto no imaginário.

Por último, o “fazer jornal” adquire relevância política. Existe um conjunto de relações de comunicação sobre as quais o jornal intervém com o poder que lhe dá a divulgação “de massa” na sua escala de distribuição e, sobretudo, a afetividade com o qual é recebido pelos leitores. Os editores passam a ter a possibilidade de interferir na própria formação da cultura através das mudanças que o jornal introduz nesse ecossistema comunicativo (valorização de produções e produtores não reconhecidos oficialmente, recuperação da história e da memória das comunidades, revelação e explicitação de não ditos culturais, crítica à razão dominante etc.).

## O projeto

O Fala Escola é uma metodologia para produção de jornais nos anos finais do ensino fundamental, com participação de alunos e de monitores no papel de “facilitadores”.

A produção é realizada durante oficinas que acontecem no turno complementar, uma ou duas vezes por semana.

Em Fortaleza, o projeto foi implantado em 107 escolas, onde se formaram 122 grupos de editores (várias escolas com dois turnos, implantaram jornais nos respectivos turnos complementares).

O projeto previa a formação de grupos de capacitação juntando alunos editores de três escolas do mesmo bairro, a uma distância que permitisse o deslocamento a pé. Desta maneira, pretendia-se gerar um efeito de emulação, estimular a troca de experiências e possibilitar o desenvolvimento de sinergias locais.

Essa ideia apresentou muitas dificuldades de implementação, pois os pais de muitos alunos, por motivos de segurança, não deixaram que eles se deslocassem para outras escolas. Em uma próxima etapa do projeto, esse aspecto deverá ser reformulado, voltando-se para turmas únicas por escola.

## Passos iniciais

### 1. Definição das escolas participantes

Foram listadas, junto com a equipe da Secretaria de Educação de Fortaleza, as escolas de Ensino Fundamental com turmas dos anos finais (6º, 7º, 8º e 9º ano). A participação das escolas aconteceu por adesão.

### 2. Apresentação da proposta e orientação para inscrição dos alunos

Foram realizadas reuniões de apresentação da proposta aos diretores das escolas. Cada escola recebeu cartazes, formulários de inscrição e um texto de apresentação da proposta do jornal na escola.

### 3. Formação dos grupos de adolescentes

A participação dos adolescentes no projeto foi por adesão, sem nenhuma seleção ou pré-requisito. Em cada grupo, a perspectiva era de contar com a participação de 10 adolescentes (no entanto, a média de participação ficou em 6 adolescentes/grupo).

### 4. Capacitação dos adolescentes

A capacitação acontece seguindo os princípios metodológicos do Aprender Fazendo. Após três oficinas iniciais, que têm uma função introdutória – momento em que os adolescentes decidem se vão continuar ou não no projeto – segue o passo-a-passo para a produção das sucessivas edições. Os adolescentes também trabalham na produção do jornal fora do horário das oficinas.

Durante as capacitações, é reservado um tempo para conversar sobre o andamento do grupo e sua integração na escola, procurando traçar estratégias para superar problemas e aumentar a participação.

Na elaboração da segunda edição do jornal, os grupos foram induzidos a organizar a edição em torno do tema do Direito à Saúde, articulando uma cobertura do tipo comunitário. Esta foi uma estratégia educativa utilizada para a descoberta do potencial comunicativo do jornal para além das questões escolares e geracionais. Na ocasião, os adolescentes visitaram postos de saúde dos seus bairros, realizaram entrevistas, colheram depoimentos, perceberam os serviços ofertados e os que não estavam em bom funcionamento na comunidade.

As duas primeiras edições são publicadas até a 16ª oficina (4 meses). A partir desse momento, uma sequência de seis oficinas (1 ½ mês) permite realizar as edições seguintes.

#### **Oficina 1** Apresentação do projeto

**Objetivo:** Gerar envolvimento, motivação e possibilitar que os adolescentes se conheçam melhor.

#### **Oficina 2** Introdução à comunicação

**Objetivo:** Estimular a reflexão sobre a importância da comunicação na sociedade contemporânea e na escola

## Reflexão sobre o código de ética do projeto

### Código de ética:

- Os jornais promovem os Direitos Humanos em toda sua extensão e veiculam uma visão tolerante das diferenças culturais, raciais, de gênero, sexuais, religiosas e outras;
- Todos os grupos de opinião existentes na escola têm o direito de se expressar através do jornal, que não pratica censura nem oculta informações;

- Os jornais concedem “Direito de Resposta” na mesma edição;
- Eles não podem ser utilizados para promoção pessoal ou partidária;
- Todas as matérias publicadas são assinadas pelos autores.

### **Oficina 3** Como os adolescentes aparecem na mídia de massa?

**Objetivo:** Reflexão sobre a imagem dos adolescentes/jovens na mídia de massa. Como o jornal escolar se insere na construção dessa imagem?

### **Oficina 4** Início da preparação da primeira edição do jornal

**Objetivo:** Escolha, pelos adolescentes, dos temas sobre os quais vão escrever na primeira edição, a partir de seus interesses e sem vinculação com nenhum gênero textual específico.

### **Oficinas 5, 6 e 7** Produção textual

**Objetivo:** Elaboração dos textos e ilustrações a serem publicadas na primeira edição dos jornais.

### **Oficina 8** Avaliação

**Objetivo:** Paginação do jornal (“boneca”). Escolha dos adolescentes que receberão capacitação em editoração eletrônica. Reflexão autocrítica dos adolescentes com relação à produção da primeira edição (produto e processo).

## **Diagramação Eletrônica**

Cada grupo selecionou dois adolescentes que já sabiam utilizar computadores para receber capacitação em diagramação eletrônica na sede do Comunicação e Cultura. Essa capacitação utilizou instrumentais já disponíveis na instituição e foi realizada tendo como “exercício” a diagramação da primeira edição do jornal de cada grupo. Na sequência do processo, os adolescentes puderam optar entre realizar a diagramação nas suas escolas ou usar o espaço do Comunicação e Cultura, onde o laboratório de informática ficou disponível, em datas fixas, para realizarem a diagramação com a assistência de um monitor, de modo a consolidar a aprendizagem.

### **Oficina 9** Saúde na comunidade

**Objetivo:** Problematização da saúde como direito. Reflexão sobre a contribuição que o jornal pode dar nesse sentido.

### **Oficina 10** Construindo a pauta da segunda edição

**Objetivo:** Elaboração da pauta da segunda edição. Validação da proposta do Comunicação e Cultura de fazer a cobertura do atendimento primário à saúde na comunidade como elemento central da edição.

### **Oficinas 11, 12, 13** Produção textual

**Objetivo:** Elaboração dos textos e ilustrações a serem publicadas na segunda edição. Gêneros da notícia, entrevista e artigo de opinião

#### **Oficina 14** Pesquisa de Opinião na escola sobre o jornal

**Objetivo:** Paginação do jornal (“boneca”). Reflexão autocrítica dos adolescentes com relação à produção da segunda edição (produto e processo).

#### **Oficina 15** Participação juvenil: melhorando a escola e a comunidade

**Objetivo:** Despertar os adolescentes para a importância de ter uma análise crítica da realidade, a fim de compreender como se pode intervir de forma positiva na superação dos problemas no seu entorno.

#### **Oficina 16** Avaliação do jornal na escola

**Objetivo:** Preparação de uma pesquisa de opinião a ser aplicada na escola após a distribuição da segunda edição.

**A partir deste momento a formação segue um roteiro fixo para a preparação de cada edição:**

**Oficina A:** Definição da pauta da edição a partir dos interesses dos alunos e problematizações provocadas pelo educador.

**Oficina B,C,D:** Produção textual com orientação do educador no que diz respeito ao uso correto dos diferentes gêneros; produção das ilustrações e/ou fotografias.

**Oficina E:** Realização da paginação, avaliação do produto e do processo.

**Oficina F:** Leitura do mundo (oficinas que propiciam a reflexão política)

### **Oficina Leitura do Mundo**

#### **Mídia e consumo**

**Objetivo:** Estimular a reflexão crítica da turma com relação aos meios de comunicação e seu papel na construção do consumismo e da hegemonia do mercado.

#### **Direito à comunicação**

**Objetivo:** Discutir com os adolescentes o direito à comunicação como Direito Humano. A luta pela democratização da comunicação.

Além dessas oficinas, outras atividades de acompanhamento voltadas para questões específicas dos grupos foram realizadas nas escolas, focando nas limitações e necessidades de cada turma. Algumas das grades apresentadas tiveram que ser reaplicadas em algumas turmas devido à renovação total dos grupos.

#### **Intercâmbio de experiências**

No âmbito de cada uma das seis Secretarias Regionais em que se divide administrativamente a Prefeitura de Fortaleza, foram realizados encontros de intercâmbio



de experiências entre os adolescentes editores dos jornais da região. Por questões financeiras só foi realizado um encontro (dois previstos, um por semestre). Esses encontros constituem um momento de celebração e de surgimento do sentimento de fazer parte de um movimento que acontece em toda a cidade. Deverá ser enfatizado na continuidade do projeto.

## **5. Diálogo e capacitação dos professores**

A monitoria do projeto esteve a cargo de estagiários contratados pelo Comunicação e Cultura. Mesmo assim, foi realizada uma capacitação para os professores que, voluntariamente, decidiram acompanhar o jornal nas suas escolas. A capacitação focou na proposta pedagógica do jornal e nas formas práticas dos professores interferirem positivamente no processo.

## **6. Os passos da produção de um jornal**

### **Definição da pauta do jornal**

Os adolescentes fazem propostas e discutem sobre os assuntos que deverão compor a edição que está sendo preparada. O educador problematiza essas propostas, ajudando o grupo a refletir sobre suas prioridades e contribuições como comunicadores.

A essência da iniciativa de comunicação que apresentamos está na expressão da pluralidade, o que, naturalmente, produz uma grande diversidade temática. É possível, porém, detectar algumas características que se repetem.

Os alunos já liberados da rigidez do currículo e do planejamento escolar passam a abordar com maior frequência temas comportamentais relativos às preocupações próprias da adolescência, tais como: namoro, gravidez não planejada e sexualidade. A questão da alteridade aparece também com frequência, assim como o uso de drogas e a violência urbana. Despontam também questionamentos ao próprio funcionamento da escola, visando tanto a qualidade do ensino como as relações autoritárias que nela se constroem.

### **Produção dos conteúdos**

Os adolescentes produzem as matérias definidas na pauta, em trabalho individual ou em grupos. São estimulados a realizar pesquisas sobre o tema que vão abordar para as matérias ficarem mais completas. As produções são revisadas pelo educador e pelos pares, que sugerem mudanças que permitam melhorar a qualidade. Os adolescentes são orientados a buscar também o apoio de seus professores para melhorar os textos.

Há uma tendência espontânea a utilizar textos de outras fontes (sites da internet, jornais, revistas, livros). O papel do educador é moderar essa

tendência, para que esses textos não tomem muito espaço no jornal e as fontes sejam citadas corretamente.

### **Correção dos textos/conteúdos**

Este passo acontece no momento de elaboração dos conteúdos, quando o adolescente está sob orientação dos educadores. No entanto, por reconhecermos que nem sempre é possível realizar um acompanhamento da produção de todos os conteúdos, orientamos os adolescentes que busquem orientação dos professores para garantir a escrita correta dos textos. Esse passo é necessário e também de responsabilidade da escola, pois representa um aprendizado direto sobre construção dos conteúdos e melhoramento da escrita dos adolescentes. Pode acontecer enquanto os adolescentes estão individualmente produzindo seus textos, no momento da seleção, ou mesmo após a diagramação da edição, quando todos vêem o jornal já pronto. Seria, portanto, uma última revisão no produto (o jornal) antes do envio para impressão.

### **Colaborações**

O jornal pode receber colaborações para publicação de adolescentes que não fazem parte do grupo, professores, direção e instâncias organizadas, como o grêmio ou o conselho escolar. Do mesmo modo, adolescentes com talento para desenho podem fazer as ilustrações, mesmo não fazendo parte do grupo. Professores e diretores foram orientados a falar nas reuniões de planejamento sobre essa possibilidade de participação.

### **Seleção dos conteúdos e paginação**

O grupo do jornal considera os textos produzidos e as colaborações recebidas e selecionam aquelas que serão publicadas, caso haja excesso de material. Aqui, o importante será valorizar a escrita de todos. Então, esse momento de seleção não é no sentido de excluir conteúdos, mas melhorar e ter uma produção mais colaborativa, onde os adolescentes apresentam suas contribuições e os outros envolvidos no grupo fazem suas considerações para o melhoramento dessa produção.

Este é o momento da paginação, que consiste em fazer uma distribuição preliminar (“boneca”) dos textos e ilustrações no jornal. Essas indicações ficam com os diagramadores.

### **Diagramação Eletrônica**

É realizada por dois adolescentes escolhidos pelo grupo, seguindo as indicações (boneca). Pode ser realizada na escola ou no Comunicação e Cultura. Os grupos definiram os diagramadores do jornal na escola, considerando que os adolescentes deviam ter conhecimento básico em informática e estarem participando do grupo do jornal escolar. Esses diagramadores receberam uma oficina de diagramação eletrônica e um CD “Diagrame seu jornal”, que ensina o passo-a-passo da diagramação. Com esse instrumento (CD) e com a capacitação, os adolescentes ganham autonomia para definir o layout (visual da edição) ou seja, onde os conteúdos, imagens e fotografias vão ser publicados, em quais formatos as matérias

aparecerão (uma, duas, três colunas), que fontes e tamanhos de letras vão utilizar. Enfim, a diagramação do jornal é uma tarefa autônoma e de responsabilidade dos próprios comunicadores juvenis. Para melhorar a qualidade estética dos jornais, ofertamos o módulo de programação visual informado anteriormente.

### **Arte-final, ouvidoria e impressão**

Concluído o processo de diagramação, o grupo deve enviar a edição para o Setor de Recepção e Expedição de jornais do Comunicação e Cultura através do email: [expedicao@comcultura.org.br](mailto:expedicao@comcultura.org.br). Ao ser recebida, a publicação passa por alguns processos antes da impressão.

Os jornais são arte-finalizados (são inseridos os rodapés, cabeçalho e é verificado se a diagramação está feita corretamente. Nos casos em que são detectados problemas as escolas e grupos são contactadas para os reparos necessários);

**Ouvidoria:** Para acompanhar a aplicação do Código de Ética, o programa criou uma ouvidoria. A função é exercida por um(a) educador(a) do Comunicação e Cultura, que lê todas as matérias do jornal antes da impressão. Sua função em hipótese alguma pode ser considerada censura. O(a) Ouvidor(a) tem como missão alertar sobre deslizos contra o pacto que fundamenta nossa relação com os grupos de adolescentes. Aqui, a intervenção, quando necessária, é pedagógica.

**Impressão:** A edição é enviada para a impressão gráfica do Comunicação e Cultura. A tiragem da edição corresponde ao número total de alunos dos anos finais e Escola de Jovens e Adultos (EJA) mais um número extra de exemplares que o grupo pode distribuir entre os professores e/ou pessoas da própria comunidade.

O tempo de permanência da edição no setor de recepção e expedição de jornais dura no máximo nove dias úteis. Para ser considerada do mês referente ao envio, a edição deve dar entrada sempre até o dia 10 de cada mês.

Os grupos podem acompanhar o processo de produção dos jornais enquanto as edições estão no Comunicação e Cultura. Para isso, basta entrar no site [www.jornalescolar.org.br](http://www.jornalescolar.org.br) no item “onde está meu jornal?”, informar o programa (no nosso caso, Fala Escola) e o nome do jornal. Será aberta uma tela que informará em que processo a edição se encontra.

### **Recebimento da edição**

Após a impressão, o jornal fica no setor de expedição de jornais da instituição, a fim de que as escolas (um professor ou um adolescente do grupo) retire e encaminhe a edição impressa para a escola, onde será realizada a distribuição para os estudantes.

### **Distribuição da edição publicada na escola**

Os exemplares do jornal são distribuídos para todos os alunos na escola. No caso de sobra, os exemplares deverão ser distribuídos para outras pessoas da comunidade escolar.

A forma de distribuição e aproveitamento do jornal deve ser combinada pelo grupo do jornal e gestão da escola. Pode ser feita uma distribuição nas salas, antes do início da aula, feita uma apresentação da edição para todos os alunos ou mesmo uma distribuição em um evento de lançamento, como algumas escolas fizeram ao longo do programa. Outras utilizaram o jornal para discutir os temas abordados junto aos alunos, valorizando assim a escrita dos comunicadores juvenis. O importante é que seja algo organizado e proveitoso para divulgação e utilização do jornal na escola.

### **Avaliação da edição publicada**

Um dos aspectos importantes no processo de produção do jornal é o reconhecimento das limitações e necessidade de superação dos obstáculos que dificultaram a publicação de um jornal. Portanto, o momento de autocritica é necessário para o amadurecimento do grupo e consciência da necessidade de melhorar pontos que foram deixados de lado na edição em questão. Aqui, os adolescentes deverão se reunir para discutir os pontos positivos e negativos do processo de elaboração e do produto em si: a edição. O grupo pode utilizar o instrumento de avaliação do jornal escolar, reproduzido a seguir, como um guia nesse passo.

## INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DO JORNAL FALA ESCOLA

Nome do Jornal:

Escola:

N.º da Edição:

Mês de publicação:

Marcar com um "X" o estágio atingido pela edição em cada categoria

| <b>Domínio</b>      | <b>Enunciado</b>  | <b>Estágio</b> |
|---------------------|---|----------------|
| <b>Criatividade</b> | O jornal reproduziu textos copiados da internet, livros e/ou outras fontes e não citou a fonte.   | 1              |
|                     | O jornal reproduziu textos copiados da internet, livros e/ou outras fontes e citou a fonte.   | 2              |
|                     | O jornal é composto por matérias com informações importantes de várias fontes, como a internet, livros e/ou pessoas, com informações relevantes ao público jovem. | 3              |
| <b>Apuração</b>     | O jornal não é composto por matérias que apresentam proximidade com a realidade da comunidade.  | 1              |
|                     | Apresenta matérias contextualizadas, mas pouca proximidade com a comunidade escolar.  | 2              |
|                     | Apresenta matérias contextualizadas e proximidade com a realidade da escola.  | 3              |

|                          |  |   |
|--------------------------|--|---|
| <b>Qualidade gráfica</b> | Não se apresentou uma boa diagramação, dando margem à confusão de leitura visual. A logomarca não identifica o jornal.   | 1 |
|                          | Apresentou-se uma boa diagramação, mas com modelos simples e repetitivos.  | 2 |
|                          | Apresentou várias possibilidades e modelos criativos de diagramação (texto e imagem, box, linhas etc.) sem dificultar a leitura visual que leva à identificação do jornal. | 3 |
| <b>Conteúdo</b>          | É composto por matérias reproduzidas de fontes diversas não citadas, não contextualizando a realidade local dos(as) adolescentes.  | 1 |
|                          | É composto por matérias reproduzidas, citando-as, assim como matérias autorais.  | 2 |
|                          | É composto por matérias autorais que abordam temas relacionados à realidade da escola e da comunidade, juntando o maior número de informações para o(a) leitor(a).         | 3 |
| <b>Gramática</b>         | É composto por matérias que não atendem as regras gramaticais mais utilizadas.   | 1 |
|                          | É composto por matérias reproduzidas, citando-as, assim como matérias autorais.  | 2 |
|                          | É composto por matérias autorais que abordam temas relacionados à realidade da escola e da comunidade, juntando o maior número de informações para o(a) leitor(a).         | 3 |

|   |  |   |
|---|--|---|
| <b>Gêneros Textuais e/ ou Jornalísticos</b> | É composto apenas por textos descritivos.  | 1 |
|   | É composto por mais de um gênero textual, como poemas e cartas do leitor, no entanto não desenvolve a argumentação dos fatos.      | 2 |
|   | É composto por diversos gêneros textuais, de forma que além da descrição, desenvolve uma argumentação e uma compreensão dos fatos. | 3 |
| <b>Imagens</b>                              | Reproduziu imagens de outras fontes, fora de contexto.   | 1 |
|   | Reproduziu imagens de outras fontes, mas contextualizadas.   | 2 |
|   | Reproduziu imagens de outras fontes, contextualizadas e também ilustrações/fotos produzidas pelos alunos.                          | 3 |

## Capacitações temáticas complementares

As capacitações temáticas tiveram como objetivo geral promover a autonomia dos adolescentes no processo de elaboração do jornal escolar e estimular o uso de outras linguagens nas edições publicadas pelos adolescentes. Aqui as questões fundamentais do jornal, como uso social da escrita, educomunicação, participação juvenil, intervenção no ecossistema comunicativo da comunidade, são consideradas no desenvolvimento das oficinas.

## Módulo de redação (produção textual) – 04 oficinas/3hs

### Objetivos

- Estimular a reflexão a respeito da expressão textual;
- Exercitar a linguagem escrita a partir de atividades que abordem diversos gêneros textuais;
- Proporcionar a apreensão dos conceitos estabelecidos pela norma culta da língua portuguesa;

- Levantar discussões sobre o contexto e a variação linguística;
- Despertar para a importância de uma leitura e interpretação textual que dialogue com uma leitura de mundo;
- Abordar os gêneros textuais jornalísticos;
- Aplicar metodologias que trabalham a relação entre texto e imagem;
- Trabalhar conceitos como realidade e ficção, imparcialidade e expressão pessoal na escrita.

## Módulo de fotografia – 04 oficinas/3hs

### Objetivos

- Desenvolver conhecimentos sobre os aspectos conceituais e criativos da fotografia passando por uma abordagem ética e de consciência social;
- Envolver os alunos em aspectos da comunidade, onde terão oportunidade de testar os conhecimentos adquiridos por meio do projeto;
- Abordar aspectos históricos e técnicos da fotografia: o valor testemunhal; união entre texto e foto; fotojornalismo; pauta e execução da matéria; técnicas fotográficas; práticas dirigidas.

## Módulo de história em quadrinhos – 05 oficinas/3hs

### Objetivo

Para atender às demandas específicas do Jornal Escolar, usamos a metodologia *Grassroots Comics*, desenvolvida pelo quadrinista e jornalista indiano Sharad Sharma e fundamentada no livro “*Grassroots Comics - a development communication tool*”, de Leif Packalen e Sharad Sharma. Assim, buscamos nas oficinas um aprendizado coletivizado, direto e prático, visando à produção de material que trate de temas ligados ao contexto dos adolescentes e suas escolas.

## Módulo de programação visual – 05 oficinas/3hs

### Diagramação eletrônica básica

### Objetivos

- Proporcionar um olhar mais consciente dos adolescentes no uso dos princípios básicos da programação visual, que terão influência direta no modo como a informação será assimilada pelos leitores;
- Proporcionar maior autonomia dos adolescentes para a constituição da estética da edição a ser produzida pelo grupo;
- Discutir o conceito de programação visual e aplicá-lo à diagramação. Introduzi-los na linguagem da programação visual aplicada ao jornalismo;



- Transmitir aos adolescentes os elementos básicos da composição gráfica de um jornal;
- Capacitá-los a encontrar soluções gráficas criativas com os poucos recursos existentes.

## Rádio escola

Metodologia: Comunica Escola /Oficina de Imagem

### Guia para professores e estudantes

Este guia foi desenvolvido para facilitar a participação de professores interessados em contribuir com o trabalho de uma rádio escolar por meio da produção de programas curtos (pílulas). A essa proposta pedagógica, damos o nome de educomunicação: uma forma de pensar e fazer educação com base na importância da comunicação para as relações sociais e humanas.

**Para saber mais sobre EDUCOMUNICAÇÃO, acesse:**

[www.oficinadeimagens.org.br](http://www.oficinadeimagens.org.br)

[www.redecep.org.br](http://www.redecep.org.br)

Ao longo das próximas páginas serão introduzidas orientações básicas para o uso do rádio como atividade que pode contribuir no processo de ensino/aprendizagem e na formação cidadã de crianças e adolescentes. Dessa forma, a educomunicação busca a construção de uma leitura crítica da mídia, o conhecimento acerca dos Direitos Humanos, a promoção de uma cultura de participação e o diálogo entre os membros da comunidade escolar.

### O que é uma rádio escolar?

Assim como existe aquela rádio que você sintoniza para ouvir músicas, eventos esportivos e notícias em casa, também pode existir uma rádio em sua escola. Nela, os próprios estudantes, professores e funcionários podem elaborar a programação.

É uma iniciativa simples, que funciona com autofalantes distribuídos pela escola, transmitindo música, entrevistas e notícias do interesse da comunidade escolar.

### Para início de conversa:

Uma rádio escolar pode ser uma ferramenta poderosa para trabalhar o direito à livre expressão e opinião\*. É também uma estratégia para se debater a responsabilidade inerente ao exercício desse direito com os estudantes, professores e demais pessoas da comunidade escolar e ainda desenvolver habilidades diretamente ligadas à leitura, escrita e comunicação.

A partir da elaboração de produtos culturais, informativos e educativos, a rádio escolar pode garantir o exercício da democracia por meio da melhoria da comunicação e das relações sociais na escola.

Por meio da produção de pílulas radiofônicas, espera-se promover uma maior articulação entre as atividades curriculares de educação integral, além de contribuir para aumentar o interesse dos alunos pelos conteúdos trabalhados em

sala de aula. Da mesma forma, é importante que a rádio seja uma ferramenta de trabalho acessível a toda a comunidade escolar, evitando que fique restrita a um grupo reduzido de estudantes e educadores.

*\* Todo o homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras.*

Artigo 19 - Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948

## Como participar?

Uma forma fácil de envolver um grupo de alunos com as atividades da rádio escolar é estimulá-los a produzir pílulas radiofônicas com a duração de 1 a 3 minutos. Estas pílulas podem ser facilmente veiculadas durante a programação cultural e educativa da rádio.

Os programas podem conter dicas e curiosidades relacionadas a qualquer matéria da grade curricular ou assuntos de interesse de todos, como campanhas sobre o meio ambiente, saúde, entre outros. Essas produções podem ser apresentadas de forma simples e leve pelos estudantes e/ou professores.

A participação de estudantes e professores deve ir além da produção dos programas. Músicas, poesias, enquetes, curiosidades... Toda sugestão que contribua para a melhoria do espaço educativo da rádio escolar deve ser bem vinda!

## Como preparar uma pílula: passo-a-passo

### **Passo 1: preparação da pauta**

O primeiro passo para a produção de um programa de rádio é a preparação da **pauta**, que é o planejamento de uma campanha educativa, pílula informativa ou entrevista, orientando a construção dos textos. O assunto deve ser bem delimitado e sua forma de abordagem discutida. Por exemplo: é impossível apresentar todos os tipos de relevos do mundo num programa de 2 min; dessa forma, uma pílula produzida para a disciplina de geografia pode se limitar, então, a tratar do relevo de Minas Gerais. Com uma delimitação clara, a pesquisa para a produção ganha “um foco”, tornando-se mais fácil e produtiva. (Modelo de pauta no anexo 1)

### **Passo 2: pesquisa**

Com o planejamento finalizado e um “foco” escolhido para orientar o trabalho, o próximo passo é fazer a pesquisa. E é a partir de uma boa pesquisa que se garante a qualidade do produto radiofônico. Afinal, é fundamental sempre saber do que se está falando. Os métodos usados para pesquisar podem ser escolhidos livremente por educadores e estudantes, que devem se organizar e trabalhar da maneira que

seja mais prática e produtiva. É possível buscar informações em livros, na internet ou a partir de entrevistas com pessoas que tenham o domínio do assunto abordado.

Lembramos, contudo, que a pesquisa sempre deve estar amparada na pauta inicial do programa, para que as informações encontradas sejam realmente relevantes e não fujam completamente ao planejamento.

### **Passo 3: Redação para rádio**

Com as informações em mãos, já podemos partir para a redação do texto do programa. Nesta etapa, não existe mistério, deve-se apenas observar a principal especificidade do texto para rádio: simplicidade e clareza.

O texto para rádio é claro, objetivo, preciso e com frases curtas, pois o ouvinte não terá a possibilidade de voltar no texto para tirar dúvidas sobre o que foi dito. Além disso, a narrativa deve procurar envolver o ouvinte para que ele sinta que está ouvindo uma história ou uma conversa. Palavras difíceis deverão ser evitadas. Ninguém fala, por exemplo, que vai à padaria “adquirir pão”, mas “comprar pão”.

É recomendável que os textos sejam próximos à linguagem coloquiais sem fugir às normas gramaticais. A maioria das frases deve ser redigida na ordem direta, como podemos ver no exemplo a seguir:

**Ordem inversa:** De doces, toda criança gosta.

**Ordem direta:** Toda criança gosta de doces.

### **Passo 4: Locução**

Na hora de gravar, o mais importante é que a locução seja clara. As palavras devem ser pronunciadas inteiras e a entonação deve ser envolvente e expressiva, facilitando a compreensão do assunto. O ideal é que os estudantes que participarem da produção da pílula informativa estejam envolvidos diretamente na locução.

### **Passo 5: Edição**

Após gravar a locução é preciso “montar” o programa. É nessa etapa que uma trilha sonora é colocada e são adicionados outros sons ao programa (gravações de entrevistas e efeitos sonoros, por exemplo). No caso de uma entrevista, a edição serve para selecionar o trecho mais adequado para a pílula (ex: de 5 minutos de uma entrevista apenas 15 segundos podem ser interessantes).

É também graças à edição que a voz do locutor não precisa ser gravada de uma só vez. O uso do computador para a edição torna possível recortar e selecionar as melhores partes do material gravado. Com isso, durante a gravação, é preciso repetir apenas aqueles trechos do texto que não ficaram bons. Mas, atenção, não é bom abusar das possibilidades da edição! Mesmo podendo escolher a melhor fala, o mais indicado é treinar bem o texto, pois sem um mínimo de qualidade e de fluência na locução, o produto se torna um “frankenstein”.

A edição de áudio é feita em computador e existem *softwares* livres (grátis) que podem ser usados e solicitados para qualquer sala de informática ou telecentro. Um dos mais conhecidos é o *Audacity*, que tem versão para as plataformas *Windows*, *Mac OSX* e *Linux*.

## Anexo 1: Modelo de Pauta

### Modelo de pauta (sugestão)

**Nome da pauta:** um nome que resuma bem o que será tratado no programa. Se for feita uma série de programas sobre alimentação saudável, por exemplo, podemos chamar uma das pautas de: “Alimente-se bem: programa 2 – Os doces”

**Abordagem:** delimitar a abordagem que será dada ao assunto para orientar a pesquisa. No caso do exemplo acima, podemos delimitar o assunto da seguinte forma: “Falar sobre o papel dos doces na alimentação e dos problemas de saúde que o consumo em excesso pode causar”. Compreendemos que há muitas coisas a se dizer sobre os doces, porém é impossível falar sobre tudo numa pílula com menos de 3 minutos. Outras questões poderiam ser abordadas em outros programas, como as receitas, por exemplo.

### Questionamentos:

Pensar em 3 a 5 perguntas que orientem a pesquisa pode facilitar o trabalho.

Vejam alguns exemplos:

1. Quais são os doces preferidos entre os seus colegas de sala?
2. Qual a importância dos doces e dos açúcares na alimentação?
3. Quais os problemas que o consumo em excesso pode causar?

## Anexo 2: Modelo de lauda para rádio

### Por que a lauda?

O uso da lauda facilita a leitura pelo locutor em função das linhas serem mais curtas. Ela possibilita também o cálculo do tempo de locução. Cada página corresponde, aproximadamente, a 1 minuto de locução.

**Atenção:** só é necessário o uso da lauda depois que o texto final já estiver corrigido e pronto para ser locutado. Caso não haja um computador disponível, também é possível fazer a lauda à mão, respeitando o tamanho das margens.

### Dados da lauda:

Página: tamanho A4

Fonte: Times 12, espaçamento 1,5.  
Margens: 9 cm (lado esquerdo) e 3 cm (lado direito).

### **Siglas da lauda:**

**TEC:** Pode ser usada para indicar um efeito sonoro ou a inserção de uma entrevista gravada anteriormente.

**BG:** O BG é o fundo musical.  
Em inglês *Background* significa fundo. Aos poucos, baixa-se o volume da música para que o locutor possa ler o texto e aumentamos o volume quando retorna a programação musical da rádio escolar.

**LOC:** Fala do locutor  
Alimente-se bem!

### **Programa 2 – Os doces**

**TEC:** Fundo musical (BG)

**LOC1:**  
Alô, galera! Começa agora mais um *Alimente-se bem!* Para garantir o seu direito à saúde!

**LOC2:**  
E hoje vamos falar sobre os doces, que são muito gostosos, mas não podem virar um vício.

**LOC1:**  
Sim. O açúcar é fundamental, mas em excesso pode causar até doenças.

**Atenção:** As metodologias descritas neste guia, e outras desenvolvidas no contexto do projeto: *Mudando sua Escola, Mudando sua Comunidade, Melhorando o Mundo!*, podem ser vistas na íntegra no site: [www.educomunicadores.org](http://www.educomunicadores.org)

\*\*\*\*\*

**A Rede de Comunicação, Educação  
e Participação (Rede CEP), é composta por:**

**Associação Cidade Escola Aprendiz** [www.aprendiz.org.br](http://www.aprendiz.org.br)

**Auçuba** [www.aucuba.org.br](http://www.aucuba.org.br)

**Bem TV** [www.bemtv.org.br](http://www.bemtv.org.br)

**Centro de Criação e Imagem Populat (CECIP)** [www.cecip.org.br](http://www.cecip.org.br)

**Cipó - Comunicação Interativa** [www.cipo.org.br](http://www.cipo.org.br)

**Ciranda** [www.ciranda.org.br](http://www.ciranda.org.br)

**Comunicação e Cultura** [www.comcultura.org.br](http://www.comcultura.org.br)

**Movimento de Organização Comunitária (MOC)** [www.moc.org.br](http://www.moc.org.br)

**Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) - USP** [www.usp.br/nce](http://www.usp.br/nce)

**Oficina de Imagens** [www.oficinadeimagens.org.br](http://www.oficinadeimagens.org.br)

**Saúde e Alegria** [www.saudeealegria.org.br](http://www.saudeealegria.org.br)

Para saber mais acesse:

[www.educomunicadores.org](http://www.educomunicadores.org)

[www.redecep.org.br](http://www.redecep.org.br)



Parceiros:



Apoio:

